

Ethnologia
Sul-Americana

2095

781
3223

Serie 5.^a ★ **B R A S I L I A N A** ★ Vol. 218
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

WILHELM SCHMIDT

ETHNOLOGIA SUL-AMERICANA

*Circulos culturaes e estratos
culturaes na America do Sul*

~~~~~  
EDIÇÃO ILLUSTRADA  
~~~~~

Traducção de
SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

981
B223
v. 2/8

4262

1942

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

Do original alemão:

**KULTURKREISE UND KULTURCHICHTEN
IN SÜDAMERIKA**

50-1709

mit. 190247

cod. de barras. 203313-20

Direitos para a língua portuguesa adquiridos pela
COMPANHIA EDITORA NACIONAL — São Paulo

I

Introdução: Historico

O grande alcance do Museu de Ethnologia de Berlim e da Sociedade Berlinense de Anthropologia, Ethnologia e Prehistoria — tão intimamente ligada áquella instituição — para o progresso dos estudos ethnologicos revela-se entre outras coisas no facto de terem ambos atacado, de forma clara e incisiva, uma das questões capitaes em nossa sciencia. Se a orientação que tomaram não se dirigiu a um unico ponto mas sim, segundo as apparencias, a pontos varios e divergentes, isso se poderia interpretar como um bom indicio de ausencia de preconceitos nos esforços aqui dominantes. De resto deve mostrar-se ainda como nesse caso o que existe não são tanto divergencias como tendencias contrastantes e todavia complementares.

As opposições apparentes a que me refiro exprimam-se nas disputas felizmente intensificadas durante os ultimos annos sobre se ás idéas elementares ou ás relações historico-culturaes deve ser attribuida predomi-

nancia na vida dos povos e na evolução das culturas. É notorio que foi Adolf Bastian, o fundador deste museu e um dos fundadores desta sociedade, quem tambem formulou a theoria das idéas elementares com seu corollario nas idéas de povos (Völkergedanken). Mas creio não cahir em erro quando admitto que foram menos os ricos thesouros em instrumentos, armas, ornamentos, formas de vestuario e de habitação, accumulados por elle em seu Museu, do que as criações espirituaes dos mythos, dos costumes e da religião, que preoccuparam seu espirito infatigavel, o que lhe forneceu o verdadeiro estimulo e o material para a construcção de sua theoria. Por outro lado a these historico-cultural e a theoria dos circulos de cultura parecem ter provindo de uma escola que surge em situação de rivalidade com a de Berlim e sobretudo com Bastian: a escola de Leipzig. Não lhe seja negado esse merito pelo facto de uma das tendencias mais poderosas e mais bem succedidas, que actualmente se oppõem a tal movimento, provir de Leipzig. A these historico-cultural já se insinuara com Peschel. surgiu depois, conscientemente, com Ratzel para ser desenvolvida por Frobenius atravez da idéa dos circulos de cultura. Mas durante longo tempo o movimento não logrou exercer uma influencia mais profunda e intensa sobre a evolução geral da ethnologia em face do dominio esmagador da theoria das idéas elementares, ligada a um evolucionismo irrestricto. Isso só foi possivel quando elle se radicou em solo berlinense e foi cultivado com todo esmero por dois investigadores, que o desenvol-

veram graças a um trabalho methodico de grande amplitude.

Dentro de alguns dias, aos 19 de novembro, poderá celebrar-se pela nona vez o anniversario das conferencias que pronunciaram perante esta sociedade os então assistentes deste Museu, Dr. Ankermann e Dr. Graebner, sobre "Circulos Culturaes e Estratos Culturaes", na Africa e na Oceania, cuja importancia extraordinaria para as questões que nos interessam já tive a oportunidade de assignalar em outro trabalho (1). E' evidente que, em contraste directo com a genese da theoria das idéas elementares de Bastian, a estructura dessas theses — bem assim como a dos trabalhos de Ratzel no mesmo sentido — muito pouco tinha a ver com a cultura propriamente espiritual; excluidos certos aspectos da vida social, ellas accentuavam unicamente os objectos da cultura material. Mas esse facto occorreu de tal maneira, e sobretudo em tal extensão, que, direi sem hesitar, só se tornou possivel em face dos thesouros deste Museu fundado por Bastian e continuamente augmentado pelos seus resolutos successores. Houve quem, com certa ironia, intitulasse essa ethnologia, que então se formou, de "ethnologia de Museu". E' obvio que ella encerra certos perigos e que exige um controle e uma ampliação constantes, proporcionados pelas investigações feitas onde quer que seja possivel a collecta de materiaes e informes uteis aos estudos em que se empenha. No entanto, não se

(1) W. Schmidt III 1010.

deve accentuar aquella expressão com demasiada emphase, pois isso tambem implicaria em menoscabo para a importancia consideravel de uma metade do labor de Bastian, que consistiu na orientação deste Museu de Ethnologia, opulento entre todos, alem de envolver uma depreciação d'aquillo que constitue a superioridade propria de toda a ethnologia allemã: o facto de, fiel á aversão bem germanica a qualquer centralismo unilateral, ter organizado magnificos Museus, ora aqui ora acolá, através dos numerosos centros da Allemanha culta, fornecendo assim ás pesquisas ethnologicas allemãs uma base cuja amplitude e firmeza não tem igual em nenhum outro paiz. Ainda aqui se manifesta o caracter complementar da these historico-cultural, pois só com ella a outra metade da obra do criador da theoria das idéas elementares é elevada á altura de sua verdadeira importancia (2).

(2) O "cri d'alarme" que A. van Gennep (410) acredita dever lançar em face dos perigos que ameaçariam a ethnologia de parte dos Museus está longe de se ajustar aos estabelecimentos allemães, austriacos, norte-americanos, italianos, holandeses, suecos, dinamarqueses e belgas. Seria difficil, pelo menos, applicar a esses, com justiça, as palavras seguintes de Van Gennep: "Les trois quarts des musées ethnographiques, ou davantage, ne répondent nullement au programme et aux besoins de l'ethnographie telle qu'on commence à la comprendre maintenant... Les musées d'ethnographie... proviennent des "cabinets de curiosités" constitués depuis trois siècles par des princes, par de riches amateurs... De cette origine, il leur est resté la tendance: 1.^o à rechercher ce qu'on nomme de belles pièces... 2.^o à rechercher des pièces anciennes et rares". Se taes palavras devessem valer para os museus franceses e suissos, caberia-nos, nesse caso, imputar a Van Gennep o *onus probandi*. E' preciso, em todo caso, repellir

Graças ao facto do Dr. Ankermann e do Dr. Graebner terem examinado, em suas conferencias, a Africa e a Oceania puderam elles pôr á prova sua theoria em duas grandes areas de povos naturaes. Ante a importancia extraordinaria que os estudos americanistas, e em particular os referentes á America do Sul já tinham assumido então em Berlim, poderia parecer surprehendente que a these historico-cultural não fosse tambem applicada á terceira grande area de povos naturaes. A despeito, porém, das viagens tão felizes de von den Steinen e Ehrenreich o cabedal de peças sul-americanas do Museu de Berlim, ainda não abrangia, por essa época, as differentes partes da America do Sul, de maneira que estimulasse e facilitasse uma investigação historico-cultural. E alem disso — não pretendemos negal-o — a America do Sul offerece effe-

decididamente as palavras seguintes de Van Gennep: "Le mot d'ordre proferé par Adolphe Bastian a été: avant tout, achetons en masse, pour les sauver de la destruction, les produits de la civilisation des sauvages et accumulons-les dans nos musées. Ce mot d'ordre a été entendu, surtout en Allemagne" — no sentido de que uma pilhagem cega de material ethnologico tal como a que van Gennep censura em Frobenius, estivesse nas cogitações de Bastian e fosse praticado "surtout en Allemagne". Aquillo que van Gennep agora recommenda — "Il faut donc reformer ce système et organiser des missions qui séjournent plusieurs mois dans chaque tribu, et non des missions qui pillent le plus grand nombre de tribus possible" já tem sido posto em prática desde ha muito pelas administrações de museus da Allemanha, como de outros paizes. Não é necessario, de resto, contestar que poderiam e deveriam ser organizadas expedições nessa direcção — e sobretudo expedições que se demorassem durante os "plusieurs mois", que van Gennep recommenda.

ctivamente ao methodo historico e á these dos circulos culturaes, obstaculos muito especiaes que se relacionam com o isolamento da massa continental americana e com a difficuldade consequente de se preservar a continuidade geographica.

E demais surgiu uma verdadeira coincidencia no facto de, justamente no anno seguinte (1905), quando as duas conferencias do Dr. Ankermann e do Dr. Graebner eram dadas á publicidade no "Zeitschrift für Ethnologie", tambem se ter publicado, como volume annexo á mesma revista, a conhecida memoria do Dr. Ehrenreich intitulada "Os mythos e lendas dos povos primitivos da America do Sul e suas relações com os da America do Norte e do Velho Mundo", onde esse investigador, contrapondo-se ainda mais a Bastian, e dessa vez de um campo identico ao d'elle, isto é do terreno da mythologia, chegou ao ponto de vista da these historico-cultural, aparentemente tão contraria á theoria das idéas elementares. Nesse trabalho lêem-se passagens do seguinte theor: "Aos factos que se erguem em favor da crença em um surto independente de mythos semelhantes antepõem-se agora *transmissões* e *connexões historicas* de extraordinaria amplitude e que são igualmente indiscutíveis. A noção que nos ultimos decennios fôra obscurecida pela theoria das idéas elementares, reponta agora, no momento em que de todos os cantos affluem em massa elementos de prova, conduzindo a sendas irresistiveis e exigindo de maneira cathgorica uma revisão das concepções até

aqui vigentes a respeito das primitivas relações entre os povos” (3). Ou então trechos como o seguinte: “Neste caso o que effectivamente nos compete é, como diz Ratzel, desembarçarmo-nos do “pavor a-geographico (ungeographisch) das distancias”, mormente quando no hemispherio oriental, já nos habituamos, desde ha muito, a contar com transmissões de mythos de bem maior amplitude (4). Convenha-se em que taes passagens tambem poderiam ajustar-se perfeitamente á “cultura do arco melanesia” de Graebner. E’ de lamentar que já então Ehrenreich não pudesse levar a effeito pesquisas semelhantes com relação á cultura material; isso foi obstado em parte pela circumstancia de se terem limitado precisamente as mais flagrantes coincidencias de mythos, que apontou entre a America do Sul e o Velho Mundo, á zona das culturas superiores andinas. E no entanto não existia, então, da parte de Ehrenreich, uma aversão, em principio, ao exame dos aspectos da vida material ou de quaesquer outros aspectos da cultura. E’ certo que deparamos com a frase que diz: “Muito mais ainda do que os objectos e os produtos da cultura material transmittiram-se de povo a povo os do mundo das idéas, em particular os mythos e motivos mythicos” (5). Mas ao lado dessas palavras, onde não se reflecte uma aversão, e sim uma

(3) Ehrenreich VI 70.

(4) Ehrenreich VI 100.

(5) Ehrenreich VI 100.

gradação, apparece tambem em outro ponto, com referencia a certos elementos de cultura material, de algum modo semelhantes, da Asia como da America, o trecho seguinte: "Se as conclusões de Tylor (sobre connexões historicas) são justificadas, ou se occorre aqui tão somente um phenomeno de convergencia é o que só poderão determinar novas pesquisas (6). Como se sabe, a idéa de convergencia passou em seguida, e de tal forma, para o primeiro plano, que a these historico-cultural, numa extensão que envolvesse a America, não foi mais considerada por nenhum americanista.

Nessas circunstancias decidiu-se finalmente Graebner, quatro annos mais tarde, quando compunha seu trabalho sobre a "cultura do arco melanesia" (7) a realizar elle proprio a experiencia de uma applicação á America. A maneira pela qual isso se praticou, de passagem e em caracter provisório, fez com que uma critica dessa tentativa não fosse coisa extremamente difficil e sobretudo não o fosse, naturalmente, para os americanistas propriamente ditos, com os seus conhecimentos especiaes tão mais extensos. Sem embargo disso, taes criticas não deixam, por certo, de ter os seus meritos, e o proprio Graebner destaca com particular apreço (8), entre ellas, para o caso da America do Sul,

(6) Ehrenreich VI 100. Cf. tambem 101.

(7) Graebner I 706 ff.

(8) Graebner II 43 ff, 48 ff.

as de Dr. Krause (9) e W. Krickeberg (10), que resultaram em correções nada insignificantes á these inicialmente lançada. Por outro lado cumpre lembrar também que um investigador da importancia de E. v. Nordenskiöld, que ao mesmo tempo é um habil trabalhador "in loco", se manifestou de modo favoravel ás idéas fundamentaes da exploração de Graebner (11).

Antes mesmo de ter surgido a replica de Graebner a taes criticas, eu me decidira a fazer uma nova investigação sobre a America do Sul, por isso que encontrei ainda outros erros no trabalho de Graebner e o assumpto interessava-me vivamente — comquanto me limitasse a poucos objectos afim de que para esses pudesse realizar um confronto tão amplo quanto possivel. Não obstante isso os resultados de tal investigação, que tenho agora a honra de apresentar, não surgem de modo algum, com a pretensão de constituir trabalho definitivo. Para um estudo profundo e perfeitamente exhaustivo de todas as fontes não haveria tempo, e sobretudo para a pesquisa minuciosa de todas as velhas fontes, algumas difficilmente accessiveis. No entanto, como cuidei em particular da cultura material, não caberia esperar muita coisa nova das antigas fontes, ao ponto de poderem abalar as minhas conclusões em suas partes essenciaes. Porque em realidade não so-

(9) Krause III 165 ff.

(10) Krickeberg 163.

(11) Nordenskiöld IX 24.

mente as obras antigas como até trabalhos mais recentes e de alta importancia nos desilludem frequentemente nesse ponto, deixando de fornecer dados a respeito de certas características de objectos da vida material, cujo alcance para um confronto minucioso só ficou perfeitamente esclarecido, aliás, em virtude das novas investigações historico-culturaes. Constitue, em verdade, uma das justificativas para a realização, já actualmente, dos estudos de conjunto historico-culturaes, e para a publicação dos mesmos, o facto de affirmarem taes pontos de vista e de os desenvolverem com clareza, de modo que, ao menos d'aqui por diante, não sejam mais desprezados nas investigações effectuadas *in loco*.

Tenho plena consciencia de que em um numero nada diminuto de indicações isoladas — de museus como de bibliographia —, cuja compilação se tornou necessaria, devem ter escapado inexactidões. Alem disso poderá ser, em muitos casos, respondida diversamente, em particular para as formas limitropheas, a questão de saber-se em qual dos grandes grupos aqui apresentados deveria ser incluída esta ou aquella forma. E' possivel que eu incorra no erro de ter, muitas vezes, schematizado ao extremo. Confesso que, em diversos casos, percebi muito bem que esta ou aquella "forma intermediaria" ainda poderia ser exposta e incluída. Senti-me, porém, no dever de, em trabalho tão comprehensivo como o presente, não ceder em demasia á tentação de me deter nas formas intermedia-

rias. Creio que em bôa parte dos topicos por mim tratados, o presente trabalho proporciona material razoavel e estimulo sufficiente para um tratamento monographico desses themas isoladòs e eu me alegraria muito caso semelhante estimulo actuasse com successo precisamente entre os americanistas. Será naturalmente indispensavel, então, que se examinem detidamente todos os casos intermediarios e de transição, da maneira mais precisa. E possivel mesmo que, em varios casos, esse exame pormenorizado e attento possa resultar em conclusões differentes daquellas que são aqui apresentadas. Mas ainda assim eu só poderia sentir-me grato pela correcção dos erros que tenha commettido, e me acharia bem pago com o facto de ter fornecido, no presente trabalho, um estimulo e um ponto de partida para essas investigações especializadas.

Devo agradecer em particular ao meu confrade P. F. Hestermann, que me auxiliou tanto na compilação de material e com os seus preciosos conhecimentos de linguistica sul-americana; foi graças ás suas indicações que se tornou possivel delinear a carta linguistica da America do Sul, annexa ao presente estudo. Para a elaboração dessa carta, que incluye tambem as delimitações dos circulos culturaes, como a das demais cartas, com as zonas de diffusão dos elementos culturaes distinctos, muito devo igualmente ao meu confrade P. K. Streit, o admiravel autor do "Katholischen Missions-Atlas" (Steyl 1906) e do "Atlas Hierarchicus Catholicus" (Paderborn 1914). Cumpre-me ainda apre-

sentar agradecimentos, pela assistencia valiosa que me foi proporcionada para o accesso e descripção dos objectos ethnographicos aqui examinados, e que já me fôra dado estudar em uma excursão anterior aos museus, a Sua Alteza Real a princeza Thereza da Baviera, aos enrs. Prof. Dr. Seler, Dr. Preuss e Dr. Krickeberg, em Berlim, conselheiro de Estado Heger em Vienna, Prof. Dr. Weule e Dr. Krause, em Leipzig, Dr. Kötzt, zelador de Museu, em Dresden, prof. Dr. Scherman e Dr. V. Wegmann, em Munich, Dr. Juynboll, director, e Dr. Fischer, conservador, em Leiden, Dr. Maes, conservador, em Bruxellas-Tervueren, Dr. Rivet, conservador, em Paris, e enr. Joyce, em Londres.

II

Panorama Provisorio

Ao emprender eu proprio o estudo da America do Sul do ponto de vista historico-cultural tive em vista o que declarou Krickeberg á conclusão de sua critica ás theses de Graebner: "Antes de tudo convirá de preferencia partir dos circulos culturaes que se formaram atravez das migrações e transformações dos povos americanos" (12). Abstrahindo dos grandes grupos linguisticos que á mingua de outros criterios decisivos de classificação, surgem no primeiro plano entre muitos autores — e que em realidade eu mesmo não desprezei — decidi tomar em consideração uma distribuição que tem como ponto de partida os diversos graus de evolução economica e que, de resto, não poderá ser contestada por nenhum americanista. De conformidade com tal distribuição obtemos três grandes grupos de povos:

(12) Krickeberg 164.

1. Os grupos de povos da *fase de collecta*, constando da compacta secção das tribus de Ges (ou Botocudos) e Puri-Coroados no oriente e sudeste do Brasil, bem como das tribus do Grão-Chaco argentino, dos Pampas e da Terra do Fogo, entre as quaes tambem figuravam, de inicio, as tribus chilenas, araucanos e povos affins, que não conheciam nenhuma forma de agricultura antes da dominação dos Incas. Cumpre accrescentar a essas, as tribus isoladas, dispersas ao longo das encostas orientaes da cordilheira.

2. Os grupos de povos da *fase da lavoura de cavouco*. São as tribus que occupam as florestas e campos da planicie do Amazonas e do Orenoco com os seus affluentes até á costa nordeste; entre elles cumpre destacar principalmente os três grandes grupos dos aruaques, dos caribas e dos tupi-guaranis.

3. Os grupos de povos de *cultura superior* que se estendem sobre os planaltos e nas depressões da cordilheira dos Andes, onde devemos distinguir ao norte a cultura dos chibchas e povos affins, ao centro e ao sul a cultura do Imperio dos Incas, as quaes por sua vez já tinham encontrado, em parte, culturas mais antigas, sobrepondo-se a ellas e conquistando mais vastos territorios, principalmente para o sul, Chile a dentro, e para oeste, ao longe da costa.

Embora a sequencia aqui apresentada pudesse dar a impressão de uma simples escala evolutiva, tal im-

pressão desfaz-se pelo simples facto desses três grupos serem constituídos de povos que se distinguem nitidamente entre si pelos seus caracteres linguisticos e raciaes e que em migrações historicamente distinctas trouxeram consigo, para a America do Sul, pelo menos os elementos basicos de cada uma das culturas que representavam. Tudo isso apparece de modo ainda claro quando abordamos um pouco mais de perto esses três grupos. Evidencia-se então, em primeiro lugar, que a verdadeira successão temporal dos três grupos não é de modo algum essa, tão singela, que a enumeração acima faria suspeitar, mas antes uma outra que coincidiria, nesse caso, com as que ficassem determinadas pela investigação historico-cultural dos circulos de cultura do Velho Mundo. Evidencia-se, alem disso, que fóra desses três grupos ainda existem outros, de modo que mesmo numericamente, tambem é possivel uma coincidencia com os circulos de cultura do Velho Mundo. Passando-se em revista, pois, os elementos culturaes de cada um dos grupos, as suas armas, instrumentos, formas de habitação, a sua sociologia, mythologia e religião, descobre-se ainda a semelhança intima desses grupos com os circulos de cultura do Velho Mundo, em todos os traços essenciaes.

Isso não quer dizer, naturalmente, que os circulos de cultura sul-americana não tenham os seus caracteristicos perfeitamente proprios e não é por acaso que taes caracteristicos são aqui mais accentuados e mais

numerosos do que os que distinguem, entre si, as secções isoladas do Velho Mundo. Porque somente no caso da America ocorreu o facto de culturas que não se originaram certamente do norte terem sido levadas em sua grande maioria, primeiro a emigrar atravez de extensos territorios das regiões mais frigidias do norte para attingir esse hemispherio, e depois, atravessando o continente americano rumo ao sul, terem chegado de novo a regiões da zona temperada e torrida. O primeiro movimento não podia deixar de se fazer sem uma influencia profunda nos elementos da vida material e nas formas da cultura anterior, ao passo que o ultimo nem sempre trouxe consigo, necessariamente, a reacquisição dos velhos elementos de vida ainda quando estes se apresentavam de novo ao alcance da mão. Assim como as novas formas adquiridas entrementes, nem sempre foram de novo trocadas pelas antigas. Alem disso a migração atravez da immensa extensão do continente americano, que por sua vez com o comprimento quasi sem exemplo das suas principaes cadeias de montanhas offerece muito mais a direcção de norte para sul, com todas as suas consideraveis differenças de clima, fauna e flora, foi causa de variações muito mais ricas de formas do que as que se produziam no Velho Mundo, onde a maior extensão ocorre ao contrario de leste para oeste. Tome-se tudo isso em consideração e tenha-se em vista, que muito mais do que nas outras regiões a investigação historico-cul-

tural se acha aqui apenas no inicio de seu trabalho, não se poderá deixar de considerar que as provas que vamos agora apresentar são, tanto pela sua qualidade como pelo seu numero, um attestado bem ponderavel do valor tambem para a America do Sul, da idéa dos circulos culturaes.

III

As Culturas Primarias: a unidade dos três círculos culturaes mais antigos na America do Sul

Passemos a considerar o primeiro dos grupos acima citados e veremos claramente que elle corresponde de modo perfeito aos três círculos culturaes mais antigos do Velho Mundo, sem que seja possível, na realidade, isolar aqui esses três círculos. Poder-se-ia attribuir isso, á primeira vista, ao nosso conhecimento ainda limitado de algumas particularidades. Desde já porém, segundo as apparencias, devemos fixar o facto de na America do Sul os três círculos culturaes mais antigos se acharem fundidos em um só, e se quizermos estabelecer differenças, estas estarão longe de corresponder ás do Velho Mundo e representarão provavelmente novos productos mixtos dos três velhos componentes.

Os traços mais característicos recebeu-os o grupo todo do primeiro circulo de cultura, o exógamo-mono-

gamico (13), o dos *pygmeus* e *pygmoides*. Nesse caso cumpre mencionar, antes de tudo, a presença genera-

(13) Na designação dos círculos de cultura do Velho Mundo tentei introduzir uma nomenclatura uniforme tirada sempre da peculiaridades *sociologia* dos mesmos, e que também applico no presente trabalho, muitas vezes, ao lado dos systemas anteriores, de *Graebner*, *Ankermann* e *Foy*. As razões para esse modo de designar eu as fornecerei em outro trabalho. Para orientar o leitor apresento a seguir um schema comparativo de taes designações:

<i>Schmidt</i>	<i>Graebner</i>	<i>Ankermann</i>	<i>Foy</i>
I — Cír. Exógamo-mogamico (Pygmeus e Pygmoides)		{ Cultura Primitiva	{ Cultura Primitiva
II — Cír. Exógamo totemico-sexual	Cult. Primaria (Tasmanica)		
III — Cír. Exógamo-Patriario	Cult. de Bumerang	Cult. de Bumerang	Cult. de Bumerang
IV — Cír. Exógamo-Patrilnear	Cír. Papua occidental	Cír. Africano Oriental	Cír. Totemico
V — Cír. Exógamo-Matrilnear	Cír. Papua oriental	{ Cír. Africano Occidental	{ Cír. de 2 classes matrimoniaes Cír. de Arco
VI — Cír. Matrilnear livre	Cult. Melanésia		
VII — Cír. Patrilnear livre			
A) Cír. Austronésio	{ Cult. Polynésia		{ Cult. Polynésia
a) Cír. Polynésio			
b) Cír. Indonésio			
B) Cír. Sudanês		Cult. Sudanês	Cult. Sudanês

Para maior clareza utilizarei com frequencia de uma nomenclatura mixta e intermediaria, p. ex.: totemico-patrilnear = IV; matrilnear de 2 classes = V. etc.

lizada do arco, ao lado do qual tambem surge a clava de arremesso do segundo circulo de cultura, o Taamanico, e em parte certas formas bumerangoides do terceiro circulo, isto é o da chamada cultura do Bumerang do Velho Mundo. Mas a ausencia das desfigurações corporaes peculiares ao segundo e ao terceiro circulos de cultura, do adorno de cicatriz, da perfuração do septo nasal, da extracção de dentes na grande maioria das tribus, e alem disso a ausencia de qualquer especie de escudo,, distinguem claramente todo o grupo dos dois circulos de cultura mais antigos dos mares austraes. Mais tarde tambem teremos a oportunidade de verificar que a Oeste ainda persistem, em todo caso, certas questões duvidosas.

Alem dessas relações estreitas com o circulo cultural dos pygmeus e pygmoides accrescente-se o facto de dois grupos compostos de taes tribus, o dos povos ges a leste e sudeste e o dos yagans e alacalufs no extremo sul, na Terra do Fogo, terem estatura comparavel á dos pygmoides. Se, não obstante, outra parte desse grupo, as tribus do Chaco, dos Pampas e da Patagonia, num vivo contraste com o que aqui se observa, podem ostentar, por sua vez, estaturas quasi gigantescas, cumpre salientar que esse sub-grupo conforme veremos tambem ostenta sob muitos outros aspectos pronunciados desvios, surgindo assim como uma immigração posterior á que destacou aquellas tribus de apparencia pygmoide, que se encontram na terra do Fogo, das tribus ges de leste e sudeste. Os desvios historico-

culturaes desse grupo não são por isso de admirar, pois as tribus do Chaco habitam justamente a zona onde o funil sul-americano principia a estreitar-se, onde as correntes tanto de leste como do centro e tambem de oeste se entrechocam antes de rumarem para o sul. Por conseguinte tambem veremos o apparecimento frequente, aqui no Chaco, umas ao lado de outras, de formas de quasi todas as provincias culturaes sul-americanas, mesmo as do extremo norte, de modo que a importancia singular attribuida por Hermann Meyer, em seu bello trabalho sobre "Arco e Flecha no Brasil Central", á região de Matto Grosso (14) deve attribuir-se com maior justiça ao territorio que confina immediatamente, ao sul, com essa região; o Chaco. Uma correspondente multiplicidade de formas occorre sobretudo no que diz respeito ao arco, do qual surgiu um typo particularmente especializado quanto á vara, e que em sua extensão até á Terra do Fogo patenteia a grande importancia das tribus do Chaco para toda a parte meridional do continente sul-americano.

Outro grupo de tribus denotando igualmente divergencias consideraveis é o dos *Coroados* e *Puri* do sudeste do Brasil que exhibem fortes influencias do circulo de cultura matrilinear. Em virtude do nosso conhecimento ainda imperfeito dos factos que entram em jogo nesse caso, não nos é possível, por emquanto,

(14) Meyer 11 ff.

deduzir, com absoluta segurança, de onde provêm essas influencias. Ha muitos motivos, porém, para se acreditar, conforme veremos depois (15), que provêm das tribus tupí-guaraní, as quaes abriram caminho para a costa oriental nessa região do sul do Brasil e, em investidas ultteriores para o norte, desalojaram quasi por completo do litoral tanto os coroados como as tribus ges.

Todas as tribus aqui comprehendidas encontram-se ainda na *PHASE DE COLLECTA*. Vivem de *caça*, *pescas* e *collecta de vegetaes* com excepção de alguns grupos* de Puri-Coroados (16) e de muitas tribus do Chaco (17), entre as quaes, no entanto, a cultura do solo tambem não deixa de ser de importancia secundaria, o mesmo succedendo aos suyas, que praticam a lavoura por influencia das tribus do Xingú, e aos camés, que tambem a praticam por influencia dos tupís (18).

Conjugada a essa fase de economia está a vida errante que se manifesta na forma de *HABITAÇÃO*. Em todo esse dominho, a habitação não ultrapassa a fase mais elementar: guarda-ventos, choças em forma

(15) V. Secção XI a.

(16) Königswald III 45; Wied-Neuwied 106; Martius I¹ 273, 311; Tschudi II² 217; Sampaio 153.

(17) Koch I 219; Hermann 134; Nordenskiöld X 51; Koch II 7.

(18) Krickeberg 126.

de colmeias de abelhas (19) e também em forma de tenda, nos Pampas e na Patagonia (20). Apenas algumas tribus dos puri-coroados apresentam simples choças quadrangulares com cobertura de 2 aguas; as choças dos Coroados de São Paulo têm cobertura oval (21). V. carta 4: Formas de Habitação.

A NAVEGAÇÃO — V. carta 3: Formas de Embarcação e Remo — em regra geral não está muito desenvolvida (22). Apenas no norte algumas tribus de Botocudos limitaram-se a adoptar, por mera influencia dos vizinhos, botes inteiriços de madeira e canôas de junco ou de casca (23). Assim também no extremo sul, isto é na Terra do Fogo, a canôa de casca dos yagans e

(19) Cayapós: Krause II 372; Coudreau 218; Suyas: V. d. Steinen I 205; Botocudos do Rio Doce: Ehrenreich I 22; Botocudos: Tschudi² 277, Wied-Neuwied² 65, Martius I¹ 323; Camacans: Wied-Neuwied² 75 ff; Patachos: Wied-Neuwied² 27 ff; Chavantes: Martius I¹ 272; Onas: Cojazzi 38 ff; Yagans: Cojazzi 109 Hyades-Deniker 342; Lenguas: Hawtrey 284; Koch I 219; Sirionos: Herzog 194, Nordenskiöld X 39, Rosen 653; Tobas: Thonar 49, Koch-Grünberg II 71, Chamacocos: Boggioni 50.

(20) Outes — 255 ff.

(21) Caingangs da Argentina: Amrosetti II 245; Coroados de S. Paulo, Paraná, Matto-Grosso: Hensel 128; Coroados do Alto Parahyba: Martius I¹ 311.

(22) Cayapós: Krause II 393, Coudreau 217; Botocudos do Rio Doce: Ehrenreich I 23; Coroados de São Paulo: Königswald III 49; Coroados de São Paulo: Hensel 126; Sirionos: Nordenskiöld VII 16; Maticos e demais tribus do Pilcomayo: Herrmann 134; Chorotis Nordenskiöld X 48, Rosen 654; Tobas: Koch-Grünberg 78.

(23) Botocudos: Martius I¹ 324, Königswald I 42; Suyas: V. d. Steinen I 210; Chavantes: Martius I 273.

alacalufs (24) e a canôa de taboas dos yagans (25) são devidas unicamente á influencia dos primitivos habitantes de Chiloé (26) vinda do noroeste, e dos quaes resultam outras influencias similares. Algumas das tribus septentrionaes do Chaco travaram conhecimento mais cedo, é certo, com a arte da navegação (27). Onde esta ocorre os remos são, aqui, da especie mais primitiva: o cabo sem empunhadura ou encosto de muleta, a pá grosseira, pequena, ligeiramente lanceolada ou com os bordos lateraes parallellos, como occorre entre os onas (28), yagans (29), alacalufs (30), lenguas (31), cadiueos (32), guatóes (33).

Nenhuma das tribus desta secção, salvo algumas poucas nações do Chaco (34) conhece a *rêde*, tão caracteristica da maioria das tribus do segundo grupo.

A *ceramica* tambem falta por completo na maioria dos casos (35), salvo entre tribus do Chaco [guatóes

(24) Cojazzi 108, 115 (grav.) .

(25) Cojazzi 122.

(26) Martius 326 ff., Latham 192 ff.

(27) Friederici II 61 ff.

(28) Mus. Berlim V C 1943 — 45.

(29) Cojazzi 115 (grav.).

(30) Cojazzi 115 (grav.).

(31) Mus. Berlim V C 1911.

(32) Mus. Berlim V C 1231.

(33) M. Schmidt II 175.

(34) V. a respeito adiante pag. 124 sqs.

(35) Cayapós: Krause II 395, Coudreau 216; Botocudos do Rio Doce: Ehrenreich I 24; Onas, Yaganas, Alacalufs: Cojazzi.

(36), matacos (37) achluslay-chorotis (38), tobas (39), linguas (40), chamacocos (41)] e entre os coroados (42), onde ella é, em geral, da especie mais rudimentar.

Quanto ás ARMAS, é de notar-se a ausencia geral, em toda esta secção, de formas tão typicas dos grupos ulteriores como o propulsor para lanças e a sarabata-na, bem assim como de qualquer especie de escudo. Graças a este ultimo detalhe, conforme já foi observado, manifesta-se aqui uma divergencia caracteristica em relação ao III^o circulo cultural do Velho Mundo, á cultura do Bumerang, pois faltam completamente até as formas mais simples de escudo, o bastão-escudo e o pequeno escudo de parada.

Por outro lado, existe quasi sempre alguma forma de CLAVA-BASTÃO e de ARREMESSO, sendo que esta ultima toma frequentemente aspectos bumerangoides — V. carta anexa I: Disseminação das Asmais.

(36) M. Schmidt II 203 ff.

(37) Herrmann 128.

(38) Nordenskiöld X 123.

(39) Koch-Grunberg II 78.

(40) Hawtrey 285.

(41) Boggiani 63.

(42) Coroados de São Paulo: Königswald III 49; Botocudos: Tschudi II² 276; Coroados do Alto Parahyba; Martius I¹ 311; Camacans: Wied-Neuwied² 78.

A especie primitiva de clava-bastão, o *cacete* existe entre os botocudos (43) e os guatós (44) e tambem entre os jurús (45) e macuna-yahunas (46). Tambem as clavas redondas (estriadas ou lisas) existem entre os botocudos (47), cayapós (48), coroados (49), linguas (50), sirionos (51) e alem desses entre as tribus ao noroeste, nas raias desse circulo de cultura, como os carajás (52), chavaies (53) camayurais (54), jurunas (55) e tapirapés (56); assim como, isoladamente, no rio Napo (57). *Espadões de cabo redondo e extremidade quadrangular* apparecem entre os guanás (58), botocudos, xocrens (59) e carajás (60). *Clavas chatas*

(43) Martius I¹ 324. Entre os Coroados no Brasil meridional empregase um cacete com as duas extremidades em ponta, como clava de arremesso (Königswald III 46).

(44) Para matar os peixes, M. Schmidt II, 211.

(45) Mus. Dresde, 197.

(46) Koch-Grünberg, IVb 219-220, V² 287.

(47) Königswald I 40 ff.

(48) Krause II 389.

(49) Königswald III 30, 48.

(50) Mus. Leipzig 454.

(51) Nordenskiöld X 325.

(52) Ehrenreich II 19; Krause II 271-272.

(53) Krause II 361.

(54) Mus. Berlim V B 2990.

(55) Mus. Vienna 71 956.

(56) Krause II 405. Mus. Leipzig 3622.

(57) Mus. Leipzig 5168.

(58) Mus. Berlim V C 766-768.

(59) Mus. Berlim V B 4482.

(60) Mus. Munich I: 0888; essa designação de procedencia poderá parecer duvidosa.

existem entre os cayapós (61), os caingangs de Guarapuava (Paraná) (62) e suyas (63), e fóra dessa secção entre os cobeuas (64) e banivas (65).

Clavas chatas com certo alargamento para o centro, em sentido longitudinal não existem dentro dos limites do mais antigo circulo cultural, mas somente nos seus confins de noroeste e no noroeste do Amazonas, entre os cabixis (66), trumais (67), camayuras (68), bororós (69), purupurús (70), cobevas (71), coroas (71), umauas (72), hianacotos (73). Por outro lado encontram-se as *clavas chatas, espalmando-se pronunciadamente na extremidade* entre os craos (74), cayapós (75), cainguás (76), linguas (77), chamacocos

(61) Krause II 390; as que apparecem entre os Carajás parecem resultado de influencia Cayapó, Krause II 271-272.

(62) Mus. Berlim V B 113.

(63) Mus. Berlim V B 1670, 1671, 2991.

(64) Koch-Grünberg V² 133; já se acham em desuso.

(65) Mus. Vienna 1836, 1837.

(66) Mus. Berlim V B 5404.

(67) Mus. Berlim V B 1548, 2823, 4179; Mus. Leipzig 5455.

(68) Mus. Leipzig 24.

(69) Mus. Vienna 765.

(70) Mus. Munich I: 624.

(71) Koch-Grünberg V² 133, como clavas para danças.

(72) Koch-Grünberg IVb 219, 221.

(73) Mus. Berlim V B 6561, 6562.

(74) Sampaio 154.

(75) Mus. Vienna 651, 71 916 até 71 980.

(76) Ambrosetti II 117.

(77) Mus. Berlim V C 1911.

(78) e tobas (79); uma *clava redonda* dessa especie possuem-n'a os chamacocos (80). Ainda mais pronunciado e peculiar é esse espalmamento nas clavas achatadas dos tupís orientaes (81), trumais (82), suyás (82), mehinacús (83). Todas essas formas de clavas com maior alargamento (ou espessura) na extremidade, taes como se encontram na região do Xingú, e tambem no sul e no sudeste do Brasil, parecem-me constituir uma das influencias da cultura exógamo-matrilin-ear — á qual é peculiar o gladio — transmittidas com as migrações de tribus tupís vindas das montanhas andinas. Veja-se a proposito o capitulo XI a.

Clavas redondas mais curtas, com uma cabeça destacando-se claramente na ponta e que tambem servem em geral como clavas de arremesso encontram-se em toda uma serie de tribus do Chaco: sirionos (84), achluslays (85), chorotis (86), sanapanas (87), chamacocos (88), pilagas (89), payaguás (90), maticos

(78) Boggiani Carta III, Fig. b, c.

(79) Museu Gabriel IV 30.

(80) Mus. Berlim V C 932.

(81) Jean de Lery 222; Krickeberg 117.

(82) v. d. Steinen I 325, 326, Carta II 5.

(83) Mus. Berlim V. B. 2683.

(84) Nordenskiöld X 325, tambem as clavas de remate espherico nas duas extremidades.

(85) Nordenskiöld X 136.

(86) Rosen 655-656.

(87) Mus. Berlim V C 973.

(88) Mus. Berlim V C 2669.

(89) Mus. Berlim V C 3194-3194; Mus. Munich II; Princesa Thereza II² Carta III 1.

(90) Mus. Berlim V B 450.

(91), linguas (92), mascois (93), guanás (94); ellas denotam a influencia da cultura de duas classes da região dos Andes. As *clavas de arremesso* bumerangoides apparecem entre os payaguás (95) e cayapós (96); surgem tambem como formas prehistoricas na zona calchaqui (97).

E' assignalada a existencia de *clavas*, sem maiores informações quanto á forma, entre antigos ges do norte (98), os cherentes (99) e outras tribus de ges e puri-coroados. As *clavas* apenas faltam, em summa, no extremo sul, na Terra de Fogo, entre os onas (100), yagans (101) e alacalufs (102) que em compensação têm a funda vinda atravez do Chile e da Araucania, da cultura Inca, novo indicio de influencia dos povos matrilineares.

A arma verdadeiramente peculiar a esse circulo de cultura é, porém, o *arco e flecha*, em certas formas caracteristicas. Como o seu conhecimento só pode

(91) Mus. Berlim V C 672, 1326.

(92) Mus. Berlim V. C. 1908.

(93) Herrmann 236.

(94) Mus. Vienna 74 341.

(95) Mus. Berlim V C 927.

(96) Mus. Vienna 649, 650.

(97) Ambrosetti III 51.

(98) Ehrenreich IV 86.

(99) Martius I¹ 274.

(100) Cojazzi 51.

(101) Cojazzi 107; Hyades-Deniker 357.

(102) Cojazzi 124.

ser obtido de um confronto com as formas de arco e flecha existentes nos demais círculos de cultura sul-americanos, serão estas desde já tratadas, de modo que ulteriormente, nas secções competentes, bastará uma breve referencia a respeito. — V. Carta 2: Formas de Arco e Flecha.

O corte transversal na vara de arco do mais antigo círculo de cultura sul-americano é completa ou parcialmente redondo; assim ocorre entre os bugres de Sta. Catharina (103), os chavantes (104), os botocudos do Sul do Brasil (105), os camés [Guarapuava, Paraná (106)], botocudos do Rio Jequitinhonha [Est. de Minas Geraes (107)], cayapós (108), crahaós (109), botocudos Nacanuc [Espírito Santo (110)], carijós [Brasil, Paraná (111)], puri-coroados (112), sapuquis (113), sanapanas (114), angaytés (115), maticos (116),

(103) Mus. Berlim V B 184 a.

(104) Mus. Vienna 665.

(105) Königswald I 41.

(106) Mus. Vienna 721; Mus. Berlim V B 121, 122.

(107) Mus. Vienna 693.

(108) Mus. Vienna 634, 635, 71 911.

(109) Mus. Vienna 684.

(110) Mus. Berlim V B 768.

(111) Mus. Vienna 72 079 — 72 080.

(112) Mus. Berlim V B 118; São Paulo: Mus. Berlim 1914, 1916, 1919; Rio Manuel: Mus. Berlim V B 1940; Coroados do Rio Preto: Mus. Vienna 612-616; Puris (Prov. do Rio de Janeiro, Col. Wied-Neuwied) Mus. Vienna 499 — 502.

(113) Mus. Berlim V C 3246.

(114) Mus. Berlim V C 3327, 3328, 3331; Mus. Vienna 74 568 74 574; Mus. Munich II.

(115) Mus. Berlim V C 738 740.

(116) Mus. Berlim V C 1189,

lenguas (117), cadiueus (118), tobas (119), chamacocos (120), guatós (121), payaguás (122). Fóra desse circulo encontra-se secção transversal identica entre os opons (123), os goajiros (124), na Guyana [caribas, arauaques (125)] e na Venezuela (126), no extremo-norte, entre os porocotós (127) no Oeste e entre certos arauaques [guanás (128), terenos (129), custenans (130), cabixis (131), parecís (132) mehinacús (133)], caribas [bacairís (134), araras (135), nahuquas (136)] e tupi-guaraní [auctos (137), camayuras

(117) Mus. Munich II.

(118) Mus. Berlim V B 1235, 1569, 1571.

(119) Mus. Gabriel IV 32.

(120) Mus. Berlim V C 2662; Mus. Vienna 74 398 — 74 400.

(121) M. Schmidt II 185-187; Mus. Vienna 954, 955; Mus. Berlim V. B. 4959, 4960, 4962.

(122) Mus. Berlim V C 946, 948, 963 a-f, 964 a-c.

(123) Princeza Thereza II¹ 107; um arco "aproximadamente plano convexo", o outro "um tanto oval".

(124) Mus. Paris 32 227, 32 228; Mus. Berlim V A 202, 3240, 7528; Mus. Munich II; Princeza Thereza II¹ Carta II 7, 8.

(125) Mus. Berlim V A 183.

(126) Mus. Leiden, armario 69-70.

(127) Dois arcos, Mus. Vienna 1947, 2598, outro (1946) tem corte transversal convexo.

(128) Mus. Berlim V C 769, 778, 3257, 3264, 3275, 3277; Mus. Vienna, 74 272, 74 279, 74 301, 74 320.

(129) Mus. Berlim V B 1019, 1021.

(130) v. d. Steinen I 179.

(131) Mus. Berlim V B 4678; v. d. Steinen II 228 ff.

(132) v. d. Steinen II 425.

(133) Mus. Berlim 4283-4287.

(134) Mus. Berlim V B 2467-2476, 4306-4312.

(135) Mus. Vienna 4242-4246.

(136) Mus. Berlim V B 2480.

(137) Meyer Carta I 1-3.

(138), parintintins (139), guayaquíes (40), caingúas (141), apuiterés (142)] bem como alguns grupos isolados [carajás (143), trumais (144), guatós (145), bororos-occidentaes (146)] que defrontam directamente o nosso mais antigo circulo de cultura a oeste e noroeste. Essa forma de secção transversal é identica á que ocorre no caso dos pygmeus da Africa Central (147). E' o grupo de H. Meyer (148) designou brasílio-oriental ou "gé-tupi". Se tal designação ainda pode ser tida por adequada e até onde o seria, eis uma questão que será investigada adiante.

As tribus do Chaco [lenguas, matacos, tobas, chamacocos, cadiueus, indios dos Pampas (149)], por sua vez, conforme foi indicado acima, ao lado da forma redonda apresentam praticamente todas as outras variedades de secção transversal, desde o typo em cunha, ▽ que, desenvolvendo-se em algumas tribus [tobas, (150),

(138) Mus. Berlim V B 2791, 4242 até 4246.

(139) Mus. Munich I: 09.379.

(140) Mus. Gabriel IV 1, 16; Mus. Berlim V B 3761.

(141) Mus. Berlim V C 435-437.

(142) Mus. Munich II.

(143) Mus. Berlim V B 3991, 3992; Ehrenreich II 17-18; Krause II 262.

(144) Mus. Berlim V B 4184-4204; Mus. Munich I: 6647.

(145) M. Schmidt II 185 ff.

(146) Mus. Berlim V B 1416; Mus. Vienna 724, 725; Mus. Colonia 5744, 5745, 6103, 6105, 6149-6151.

(147) W. Schmidt II 81.

(148) Meyer 8 ff.

(149) Cf. pg. 21 e pg. 33 sqs.

(150) Mus. Berlim V C 2150.

angaytés (151), lenguas (152), guaiakis (153)] de maneira extrema (154) ∇ chega até aos onas (155) e alacalufe (156), ao passo que os yagans (157), exemplo quasi unico em todo esse circulo de cultura, desconhecem arco e flecha, no que ha coincidência com muitas tribus dos primitivos macús (158), dos ochucayanas ao Nordeste do Brasil (159) e dos uitotos (160) no Amazonas.

Uma forma mais evoluida de secção transversal, a que denomino *concaua* (161), surge — excluidas certas tribus do Chaco [chamacocos (162), maticos (163), cadiueus (164)] e os tembés [nas nascentes do

(151) Mus. Berlim V C 740.

(152) Mus. Munich II.

(153) Mus. Gabriel IV 7, 15.

(154) Esse typo encontra-se tambem em um arco dos Ipurina (Mus. Berlim V B 2785) e em um arco de "indio brasileiro" do Museu de Munich II (comprado no Rio de Janeiro) e é, conforme supponho, uma transformação da forma ∇ que será tratada a seguir.

(155) Mus. Berlim V C 1962, 1971, 2142; Cojazzi 43 ff.

(156) Cojazzi 123.

(157) Cojazzi 109.

(158) Koch-Grünberg V² 15.

(159) Ehrebreich IV.

(160) Hardenburg 136.

(161) Aqui o lado que se volta para a corda — na representação graphica da secção transversal o inferior — é tomado como o "interno", o outro lado — o superior na representação graphica — como o "externo".

(162) Mus. Berlim V C 949.

(163) Mus. Berlim V C 676, 679.

(164) Museu Berlim V B 1235.

rio Capim (165)], -- fóra desse circulo de cultura (166), de preferencia entre os aruaques, caribas e tupí-guaranís da parte oeste ao sul do Amazonas [tribus do Solimões (167) e Madeira (168), yamamadis (169), guarayos (170), muras (171), apiacás (172), mundurucús (173), maués (174), cainguás (175)], alem do que entre os maués e mundurucús tambem apparece a forma convexa, de que se tratará em seguida; surgindo isoladamente tambem ao norte do Amazonas juri-tabocas (176), coretus (177), tobas (178), siusis (179), uapés (180), porocotós (181), banivas (182)], pauichanas [Rio Catrimani, affluente occidental do Rio Branco

(165) Mus. Vienna 2118, 2119.

(166) Dentro desse circulo só é encontrada na tribu Ge dos Canelas: Kissenberth 50.

(167) Mus. Munich II.

(168) Mus. Berlim V B 777.

(169) Museu Berlim V B 3374-3777, 3779, 3780; Ehrenreich II 55.

(170) Nordenskiöld VIII 176.

(171) Mus. Vienna 1393.

(172) Mus. Londres 8729, 9898; Mus. Vienna 1159, 1160.

(173) Mus. Vienna 1188-1191; Mus. Munich I 691; Meyer

31-32.

(174) Mus. Vienna 1328-1335; Mus. Munich I 693, 698.

(175) Siemiradzki 131.

(176) Mus. Munich II.

(177) Mus. Munich I: 691.

(178) Mus. Vienna 1054, 1055.

(179) Koch-Grünberg V² 104.

(180) Mus. Vienna 1566-1570.

(180) Mus. Vienna 1566-1570.

(181) Mus. Vienna 1946 col. Natterer; na col. R. H. Schomburgk existe tambem um arco (2598) com secção transversal redonda.

(182) Mus. Vienna 1805-1810.

(183)], uariquenas (184), Surinam (185). E' a forma de arco chato em que o lado convexo da vara do arco fica para fóra e o lado plano ou concavo para dentro . E' identica á forma de arco dos pygmeus e pygmoides asiaticos (186).

A forma inversa do arco chato ou seja a *convexa*  tem seu principal dominio ao norte do Amazonas: entre os canamarés no Rio Juruá (187), trios (188), ojanas (188), macuxís (189), vapixanas (190), uaupés (191) porocotós (192), passés (arcos infantís) (193), chirianas, no rio Uraricapara, motomotos (194). Ao sul ella penetrava somente em um ponto, entre os maués, e só muito recentemente surgiu tambem entre os mundurucús e apiacás (195). E' a forma classica da "cultura do arco melanesia".

(183) Mus. Vienna 1930-1932.

(184) Mus. Munich I 694.

(185) Mus. Leide 332 2, 332 3, 427 40, 360, 1578.

(186) W. Schmidt II 75-79, 92.

(187) Mus. Munich I: 700.

(188) de Goeje I 14.

(189) Mus. Vienna 2017 até 2021.

(190) Mus. Vienna 1980-1984.

(191) Mus. Vienna 1566-1568, 1573, 1574.

(192) Mus. Vienna 1946, dois outros exemplares (1947, 2598) têm secção transversal redonda.

(193) Mus. Munich I: 706.

(194) Mus. Munich II (Col. Koch-Grünberg 34 até 36).

(195) Assim esse transbordamento da região primitiva já apparece exposto em H. Meyer (pg. 31), que deu a essa forma a denominação de brasilio-septentrional (8, 11, 31 cf. tambem pg. 26), a qual é valida com effeito, para a sua limitada zona de exploração, mas não o será em uma extensão da investigação a toda a America do Sul.

Exactamente nos lugares em que essas formas de arco chato se encontram como num vertice, á altura das nascentes dos tributarios meridionaes do Amazonas, apparece uma especie de composição de taes typos, com a secção completa ou approximadamente quadrangular \square \square Os representantes da mesma são alli sobretudo as tribus panos [caripunas (196), pamas (197), nauas (198), atshahuacas (199), arasas (199), tambopatas (199), yamiacas (199), cachinauás (200) mosetenas (201), conibos (202), cachibos (203), a que se juntam, por sua vez, certas tribus vizinhas [matchinganga-Perú (204), miranhas (205), yauaperis (206), juris (207), campas (208), piros (209), parecís (210), ipurinas (211), indios lecos (212)], chegando tambem, atravez dos sirionos

(196) Mus. Vienna 1013, 1014.

(197) Mus. Vienna 1053.

(198) Mus. Vienna 1454.

(199) Nordenskiöld IX 288.

(200) Mus. Berlim V B 5053-5058.

(201) Mus. Munich II; um arco do Rio Beni, podendo tambem pertencer aos Tacanas.

(202) Mus. Berlim V A 331, V B 464-468 (o ultimo grupo Campa ou Conibo) Mus. Dresde 16 684; Mus. Londres, armario 89.

(203) Mus. Berlim V A 332.

(204) Mus. Munich I: 02.88, 02.89, 02.91.

(205) Mus. Dresde 184.

(206) Mus. Munich II.

(207) Mus. Dresde 192, 194.

(208) Mus. Berlim V A 335; Mus. Munich II; Princeza Thereza II Carta I 1; cf. tambem nota 23.

(209) Mus. Londres armario 89; o arco é antes chato-oval.

(210) Mus. Vienna 973.

(211) Mus. Berlim V B 3783; aqui tambem o arco é antes chato-oval e aproxima-se do typo de secção transversal convexa.

(212) Mus. Munich II; Princeza Thereza II² Carta II 1.

(213), até ás tribus do Chaco [lenguas (214), matacos (215), tobas (216), pilagas (217) e indios dos Pampas (218; desse ponto para nordeste nota-se a sua presença entre as tribus tupís dos chiriguanos (219), dos guarayos (220) e jurunas (221), em seguida entre os bororos orientaes (222), os cayapós (223), os xocrens (224) e talvez mesmo entre os coroados-caingangas do Rio Grande do Sul (225). Quanto aos problemas que se relacionavam com essa disseminação é o que ainda se tratará de investigar adeante (pg. 266 *sp.*). Essa forma de arco é chamada "peruana" por H. Meyer (225 a); tambem é discutivel se, na zona de exploração agora ampliada, pode ser mantida semelhante designação.

(213) Nordenskiöld VII 6.

(214) Mus. Berlim V C 555; Museu Munich II.

(215) Mus. Berlim V C 673, 674, 679, 3744, 3749; Mus. Londres armario 85.

(216) Mus. Berlim V C 2151, 3121-3124, 4219; Mus. Colonia 6094; Mus. Gabriel IV 35; Mus. Munich II, Col. Fric; Koch-Grünberg II 77.

(217) Mus. Berlim V C 3190; Mus. Munich II (Col. Fric); Princesa Thereza IIa Carta III 2.

(218) Mus. Berlim V C 673, 674, 679.

(219) Mus. Berlim V A 15 760.

(220) Nordenskiöld XII 56.

(221) v. d. Steinen I 241; Mus. Dresde 170.

(222) Mus. Berlim V B 2214-2216, 2196; Mus. Colonia 19 373; Mus. Munich II (em particular um dos dois exemplares aqui existentes tem quasi o corte transversal em o); Mus. Vienna 748, 754, 755; Meyer 44 Carta IV 1-7.

(223) Krause II 391, Fig. 248 a, b.

(224) Mus. Berlim V B 4479; tambem no Mus. Munich II encontra-se um arco do Rio Doce que poderia figurar nesse caso.

(225) Siemiradzki 141.

(225a) Meyer 7.

Quanto á *CORDA* e ao seu modo de fixação na vara do arco, o material utilizado no mais velho circulo de cultura consta de fibras de origem vegetal; no Chaco, nos Pampas, na Patagonia e entre os fueguinos a corda é formada, na maioria dos arcos, de tiras de couro. Mas também entre os demais circulos culturaes sul-americanos ella é torcida (com material vegetal), e a corda de rotim tão característica da cultura do arco melanesia, falta por completo na America do Sul. Temos aqui ante nós uma das consequencias da migração atravez das regiões polares, que naturalmente não possuem nenhuma especie de junco. O desaparecimento do rotim arrasta, porém, o desaparecimento em geral das bolas trançadas ou massiças, anneis, roletes ou dispositivos semelhantes á extremidade da vara do arco, como escora para a fixação da corda neste, já que taes dispositivos, onde quer que surjam, no Velho Mundo, são condicionados na maioria dos casos, apenas pela rizeza da corda de rotim.

Effectivamente as varas de arco entre os mais jovens circulos culturaes sul-americanos não apresentam nenhum desses dispositivos, mas são dotadas, em cada extremidade, de uma ponta onde se enrola a corda, forma essa que, no Velho Mundo, só ocorre nos mais antigos typos de arco. E isso não somente entre as tribus mais velhas e isoladas dos goajiros (226), juri-tobocas (227),

(226) Mus. Paris 32 227, 32 228; Mus. Berlim V A 202, 3240, 7528; Mus. Munich II; Princeza Thereza II² Carta II 7, 8.

(227) Mus. Munich I: 697; Mus. Dresde 192, 194.

chacobos (228), trumais (229), juracarés (230), mas entre os tupís occidentaes e centraes [guarayos (231), indios lecos do rio Mapiri ou rio Beni (232), chiriguanos (233), apiacás (234), mundurucús (235), maués (236), jurunas (237), auetós (238), cainguás (239), guayaquis (240), apuiterés (241)] em todas as tribus panos [caripunas (242), coretus (243), nauas (244), tacauas (245), cachinauas (246), conibos (247), mosetenas (248)], quasi todas as tribus aruaques [campas 249), piros (250),

(228) Nordenskiöld VIII 115.

(229) Mus. Berlim V B 4184-4204.

(230) Nordenskiöld VIII 59.

(231) Nordenskiöld VIII 176.

(232) Mus. Munich II; Princeza Thereza II² Carta II 1.

(233) Mus. Berlim V A 15 760.

(234) Mus. Vienna 1159-1161.

(235) Mus. Vienna, 1188-1191; Mus. Londres 9898; Mus. Munich I: 691.

(236) Mus. Vienna 1328-1335; Meyer Carta II, 11; Mus. Munich I 693, 698.

(237) Mus. Dresde 170; v. d. Steinen I 241; Meyer Carta II 2, 3.

(238) Meyer Carta I 1-5.

(239) Mus. Gabriel IV 21, 68; Mus. Berlim V C 435-437; Mus. Colonia 17 631.

(240) Mus. Gabriel IV 1, 7, 15, 16; Mus. Berlim V B 3761.

(241) Mus. Munich II.

(242) Mus. Vienna 1013, 1014.

(243) Mus. Munich I: 692.

(244) Mus. Vienna 1454.

(245) Nordenskiöld I 228.

(246) Mus. Berlim V B 5053-5058.

(247) Mus. Dresde 16 684; Mus. Londres armario 89.

(248) Mus. Munich II.

(249) Mus. Berlim V A 335; Mus. Munich II; Princeza Thereza II² Carta I 1; cf. tambem nota 23.

(250) Mus. Londres armario 89.

ipurinas (251), yamamadis (252), custenaus (253), parecis (254), siusis (255), uaupés (256), passés (257), toras (258), banivas (259), vapichanas (260)] todas as tribus caribas [bacairis (261), trios (262), ojanas (262), macuxis (263), porocotós (264), uariquenas (265), surinans (266), guyanas (267)]; entre as duas tribus caribas dos jauaperís (268) e uachmirís (269) e talvez tambem na Guyana existe a vara de arco afinando-se continuamente numa ponta.

Ainda em contraste com o que succede nos circulos culturaes do Velho Mundo esse modo de fixação da cor-

-
- (251) Mus. Berlim V B 3782, 3783, 3785.
 (252) Mus. Berlim V B 3774-3777, 3779-3781; Ehrenreich II 52.
 (253) V. D. Steinen I 179.
 (254) Mus. Vienna 973.
 (255) Koch-Grünberg V¹ 104.
 (256) Mus. Vienna 1566-1568, 1573, 1574.
 (257) Mus. Munich I: 706.
 (258) Mus. Vienna 1054, 1055.
 (259) Mus. Vienna 1805-1810.
 (260) Mus. Vienna 1980-1984.
 (261) Mus. Berlim V B 2467-2476, 4306-4312; v. d. Steinen II 228 ff.
 (262) de Goeje I 15.
 (263) Mus. Vienna 2018, 2019.
 (264) Mus. Vienna 1946, 1947, 2598.
 (265) Mus. Munich I: 693, 694.
 (266) Mus. Leide 332, 2, 332, 3, 427, 40, 360, 1518.
 (267) Caribas e Aruaques: Mus. Colonia 2633, 8866-8868, 8871, 17 162, 17 655; Mus. Berlim V A 125 b, 183; sempre a ponta destaca-se muito ligeiramente.
 (268) Mus. Vienna 41 441 — 41 443, 71 045-71 065; no Mus. Munich II encontram-se exemplares com (corte transversal quadrangular e) ponta destacando-se de modo pronunciado.
 (269) Mus. Vienna 10 995-10 998.

da ocorre na America do Sul com menor frequencia exactamente entre as tribus do circulo mais antigo; a propria vara (sobretudo nos casos de cordas de couro) *afina-se continuamente até formar a ponta*. E' o que acontece com os botocudos de Minas Geraes (270), os bugres de Santa Catharina (271), os chamacocos (272), os sapuquis (273), os matacos (274), os tobas (275), os angaytés (276), os payaguás (277), os sirionos (278), os cadiueus (279), os indios dos Pampas (280) e tambem com os miranhas (281), — estes totalmente afastados do grupo. Ou então são dotados de uma *ponta quasi imperceptivel*: chirianos (282), bororos-orientaes (283), parintintins (284), guayaquí (285) e guanás (286). Só

-
- (270) Mus. Vienna 634, 635, 71911.
(271) Mus. Berlim V B 3158.
(272) Mus. Berlim V C 949, 2662.
(273) Mus. Berlim V C 3246.
(274) Mus. Berlim V C 1189; Mus. Londres armario 85.
(275) Mus. Berlim V C 421a, 2151, 3122 — 3124.
(276) Mus. Munich II.
(277) Mus. Berlim V C 948, 363 a. f.
(278) Nordenskiöld VII 16.
(279) Mus. Berlim V B 1233, 1522, 1525.
(280) Mus. Berlim V C 679.
(281) Mus. Dresde 184.
(282) Mus. Munich II (Col. Koch-Grünberg 34-36).
(283) Mus. Munich II (Col. Fric).
(284) Mus. Munich I: 09. 379.
(285) Mus. Gabriel IV 7, 15.
(286) Mus. Vienna 74272, 74279, 74301, 74320.

às vezes ella se torna mais pronunciada: carajás (287), guayaquí (288), chavantes (289), puri-coroados (290).

Um contraste ainda maior com relação aos círculos culturaes do Velho Mundo manifesta-se, aqui no facto de se encontrar com maior frequência precisamente no mais antigo círculo cultural e emprego de bolas ás extremidades do arco, servindo de escora para a corda. Assim occorre entre os bugres de Santa Catharina (291), os botocudos nacanuc (292), botocudos de Rio Doce (293), coroados do Brasil meridional (294), cayapós (295), trumais (296), sanapanas (297), tobas (298), angaytés (299), lenguas (300), cadiueus (301), payaguás (302) e alem desses entre tribus tupís que confinam ao norte

(287) Mus. Berlim V B 3991, 3992; Ehrenreich II 17-18; Krause II 262.

(288) Mus. Gabriel IV, 1, 16.

(289) Mus. Vienna 665.

(290) Mus. Berli mV B 1940; Königswald III 30, 48; Mus. Vienna 449-502.

(291) Mus. Berlim V B 3158.

(292) Mus. Berlim V B 768.

(293) Mus. Munich II.

(294) Siemiradzki 141.

(295) Mus. Vienna 634, 635; Krause II 391; Meyer 38; nesse caso os roletes são muito pronunciados e esphericos.

(296) Mus. Munich I: 0647.

(297) Mus. Berlim V C 3327, 3328, 3331; Mus. Munich II; Mus. Vienna 74574, um outro, 74568, tem uma ponta destacando-se levemente.

(298) Mus. Munich II.

(299) Mus. Berlim V C 739-740.

(300) Mus. Berlim V C 555; Mus. Munich II.

(301) Mus. Berlim V B 1235, 1569, 1571.

(302) Mus. Berlim V C 946 a-c, 964 a-c.

[camayuras (303), guayaquíes (304), cainguás (305)] e tribus arauaques [guanás (306), terenos (307), cabixís (308)].

Acabamos de apresentar, assim, em toda uma sequencia de aspectos, condições que são quasi o inverso das que dominam no Velho Mundo. Deve-se todavia ter em mente que mesmo entre os pymeus do centro da Africa e os bochimanos da Africa do Sul regista-se coisa semelhante (309), e que aqui na America do Sul, desaparecida a forte escora destinada á corda de rotim, o arco chato e largo induziu a que se accrescentasse uma ponta em cada extremidade, ao passo que o arco redondo se adelgaça nas extremidades e, ao opposto daquelle, parece convidar ao emprego de uma escora. A importancia que assumem taes divergencias para o methodo em geral, será thema de discussão mais adiante (Cap. XI b).

Na EMPLUMAÇÃO DA FLECHA manifesta-se tambem uma divergencia em face das condições do Velho Mundo. Não entre as tribus do mais antigo circulo sul-americano, é certo, pois estas conhecem, todas ellas, somente as formas primitivas de *emplumação em cavallette e tangencial*. Assim occorre entre os carajás

(303) Mus. Berlim V B 2791.

(304) Mus. Berlim V B 5412.

(305) Königswald II 380; Siemiradzki 130.

(306) Mus. Berlim V C 3264.

(307) Mus. Berlim V B 1019, 1021.

(308) Mus. Berlim V B 4678; é duvidoso esse caso, pois não ha um anel independente, mas um longo pedaço da corda atado ao arco.

(309) W. Schmidt II 83-90.

(310), crahaos ou macamecrans (rio Tocantins) (311), botocudos (312), cayapós (313), canellas (314), chavantes (315), tapuyas (Estado da Bahia) (316), carijós (Brasil, Paraná) (317), puri-coroados (318), camés (Guarapuava, Paraná) (319), caingangs (320). Figuram do mesmo modo as tribus, que lhes são immediatamente vizinhas, de tupí-guaraní, como os guayaquí, (321), apuiteres (322), cainguás (323), chiripas (324), guarayos (325), camayuras (326), parentintins (327), maués

(310) Ehrenreich II 18; Krause II 268 ff.

(311) Mus. Vienna 685-692.

(312) Königswald I 41; Mus. Munich II; Princesa Thereza I Carta IV 8-11; Mus. Berlim V B 768; do Jequitinhonha; Mus. Vienna 694-699.

(313) Mus. Vienna 636-648; Krause II 393-394.

(314) Kissenberth 49.

(315) Mus. Vienna 666-668.

(316) Mus. Munich I: 674, cinco flechas; no mesmo feixe encontra-se *uma flecha* com emplumação de costura estreita sem que a superficie costurada seja untada de resina. Ver alem disso indios Vuaiaya (Rio Capim): emplumação de costura estreita sem resina: Mus. Vienna 2137-2142.

(317) Mus. Vienna 72081-72083.

(318) De S. Paulo: Mus. Berlim 1914, 1916, 1919; do Paraná: Mus. Munich II; Puris, Est. do Rio de Janeiro: Mus. Vienna 504-611 (Col. Wied-Neuwied); Coroados do Rio Preto: Mus. Vienna 617-630.

(319) Mus. Vienna 722.

(320) Mus. Munich II.

(321) Mus. Berlim, Flechas junto ao arco V B 5412.

(322) Mus. Munich II.

(323) Mus. Munich V C 439, 440, 3469-3471; Königswald II 379, 380; Siemiradzki 141.

(324) Mus. Gabriel IV 106-111.

(325) Nordenskiöld VIII 176.

(326) Mus. Munich II, uma flecha sem emplumação.

(327) Mus. Vienna 1126 (-1128); Meyer 9, 25, 26.

(328), tapirapés (329), jurunas (330), campos (331), e alem desses tambem os apiacás (332), os mundurucús (333), os machigangas [Perú] (334), pebas (335), coerunas [Japurá], (336), os muras do rio Madeira (337), os bororos orientaes (338), e trumais (339). H. Meyer (340), dá a essa emplumação o nome de "brasilio-oriental" ou de "emplumação gé-tupí", contra o qual, especialmente contra o ultimo, devem ser feitas as mesmas reservas que se erguem contra a designação semelhante do arco correspondente (V. pg. 32). Alem d'isso assignala uma pequena região no Ucayali onde existe um systema de emplumação analogo, ao qual denomina "emplumação peruana com fibras". Meyer tem como possivel que essa especie de emplumação tambem seja relacionada geneticamente á chamada "emplumação maué".

No primeiro circulo cultural são as tribus do Chaco que, em maioria esmagadora, divergem neste ponto,

(328) Mus. Vienna 1336-1356; Mus. Munich I: 669, 09380, 09381.

(329) Krause II 410.

(330) Mus. Berlim V B 1719.

(331) Mus. Munich II; Princeza Thereza II Carta I 2.

(332) Mus. Vienna 1173, 1182-1184.

(333) Mus. Vienna 1192-1197.

(334) Mus. Munich I 02106-02108, 02112-02113, 02114 (Col. Garlepp).

(335) Mus. Berlim V A 29645-29663.

(336) Mus. Munich I: 676; outra flecha 677 sem emplumação.

(337) Uma flecha, Mus. Vienna 1404.

(338) Mus. Berlim, flechas junto ao arco V B 2214-2216; Meyer 44.

(339) Mus. Munich I: 0647-0657.

(340) Meyer 9.

por isso que as suas flechas ou são destituídas de qualquer emplumação — o que constitue caso raro (341) — ou apresentam emplumação radial (342), que — novo indicio de correlação com o extremo sul — também apparece entre os onas, tão primitivos sob outros aspectos (343).

A não emplumação da flecha, que no Velho Mundo é característica da “cultura do arco melanesia”, existe também na America do Sul apenas, por assim dizer, no coração dos dominios da cultura do arco, se não tomarmos em consideração o facto de sua presença sem duvida esporadica, e em parte incerta — devido á damnificação frequente das pennas pequenas —, entre algumas tribus do Chaco. Apparece pois, de preferencia, entre tribus caribas e aruaques do nordeste do Amazonas: Guyanas (344), ojanas (345), macuxis (346), porocotós (347), uariquenas (348), vapixanas (349), banivas (350), uaupés (351) e entre os goajiros (352) e opons

(341) Chorotis: Nordenskiöld X 52, Rosen 655; tobas, matacos; Mus. Berlim V C 3750, ff.

(342) V. a respeito pgs. 50 sps.

(343) Mus. Berlim V C 1972 até 1974; Cojazzi 43 ff.

(344) Mus. Berlim, armario 208.

(345) de Goeje I 15.

(346) Mus. Vienna 2027, 2030-2032.

(347) Mus. Vienna 1953, 1955.

(348) Mus. Munich I: 665.

(349) Mus. Vienna 1987; Im Thurn 303.

(350) Mus. Vienna 1811-1833, 2260-2262; todos sem emplumação.

(351) Mus. Vienna 1571-1603, 1605-1621.

(352) Mus. Munich; Princesa Thereza II, 1 Carta III 1-9.

(353), mas alem disso, tambem, fóra desse dominio. entre certas tribus pano: catauixís (354), mosetenas (355), caxibos (356), os indios lecos (357), os canamares [rio Juria] (358), do rio Solimões (359), os cobeuas-betoyas (360), os yamamadis (361), os ipurinas (362), os muras (363), e isoladamente entre os parentintins (364), os camés (365), os botocudos nacanucs (366), e os tembés (367).

Ainda no coração dos dominios da cultura do arco, mas alem disso tambem ao sul do Amazonas e no Chaco surge, por outro lado a *emplumação radial* fortemente desenvolvida e em multiplas formas. Uma das variedades de flecha ostenta uma *emplumação de costuras nos largos intervallos da costura*; encontra-se em geral mais na metade oriental da bacia meridional do Amazonas. Assim succede entre os hororos occidentaes (368), os ba-

(353) Princeza Thereza II 2 187.

(354) Mus. Vienna 1442-1452: todos sem emplumação.

(355) Bresson 464.

(356) Sala-Sievers 75.

(357) Apenas uma flecha sem emplumação: Mus. Munich II; Princeza Thereza II 2 Carta 5.

(358) Mus. Munich I: 673.

(359) Mus. Munich II.

(360) Mus. Vienna 1783-1789.

(361) Steere 385, Carta 6.

(362) Chandless 6, apenas uma variedade de flecha.

(363) Mus. Munich I: 667.

(364) Flecha de pesca: Mus. Vienna 1137.

(365) Uma flecha: Mus. Vienna 723.

(366) Uma flecha: Mus. Munich II.

(367) Uma flecha: Mus. Vienna 2124.

(368) Meyer 46, 48.

cairís orientaes (369), os nauquas (369), menitsauas (369), mehinacue (370), suyas (369), cayapós (371) auctós (369), camayuras (369), trumais (372), yaulapitis (373), araras (374), apiacás (375), parecís (376), ipurinas (377), parentintins (378), tembés (379), muras de rio Madeira (380), toras (381). H. Meyer designa-a sob o nome de “emplumação de costura do Xingú e de “emplumação de arara” (382).

Uma especie semelhante e que differe no facto das pennas serem menores e as costuras um tanto menos espaçadas — eu a chamo emplumação de costura media — apparece igualmente a leste, mas na bacia septentrional da Amazonas, entre os pauxanas (383), os manaus (384), os maquiritares (385), os crixanas (386) [yaua-

(369) Meyer 15.

(370) Mus. Munich II; Meyer 15.

(371) Mus. Vienna 1008-1012.

(372) Mus. Berlim, armario 232 C; Mus. Munich II; v. d. Steinen I 230.

(273) Mus. Munich II.

(374) Mus. Vienna 1062-1085, 1102-1104; Meyer 9, 21, 25,

Carta II, 14.

(375) Mus. Vienna 1170-1172, 1174-1178; Meyer 21.

(376) Meyer 30.

(377) Mus. Berlim V B 4150.

(378) Mus. Berlim V B 4152.

(379) Mus. Vienna 2120-2123, 2125-2133.

(380) Mus. Vienna 1394-1403, 1495-1415.

(381) Mus. Vienna 1056-1060.

(382) Meyer 19ff., 25ff.

(383) Mus. Vienna 1933-1938 (uma flecha sem emplumação)

(384) Mus. Vienna 2155 até 2159.

(385) Mus. Vienna 2171-2173.

(386) Mus. Munich II; Princeza Thereza I Carta I 14.

peris], chiarianas (378), macuxis (388), vapixanas (389), uariquenas (390), índios de Serpa (391), os aruaques do rio Negro (392), e no Surinan entre os ojanas e trios (393). É designada por H. Meyer sob o nome de emplumação da Guyana (394).

Essencialmente diversa de ambas é uma sorte de costura em *intervallos muito estreitos*, untada de *cera* ou *resina* toda a superfície costurada. Aparece de forma mais intensa junto às nascentes dos primeiros tributários do Amazonas disseminando-se dessa zona para o nordeste, mas sobretudo para sul e sudeste. Essa emplumação com resina abrange os uaupés (395), yauaperís (396), porocotós (397), jubirís [rio Tapanoa, afluyente do Purús] (398), muras (399), canamares (400), jivaros (401), caripunas (402), quatias [rio Madeira] (403),

(387) Mus. Munich II (Col. Koch-Grünberg).

(388) Mus. Vienna 2022 até 2026, 2028, 2029, 2033-2040.

(389) Mus. Vienna 1985, 1986, 1998-1990.

(390) Mus. Munich I: 665, 678.

(391) Mus. Munich I: 670.

(392) Mus. Vienna 2150-2152.

(393) de Goeje 15.

(394) Meyer 9.

(395) Mus. Vienna 1575-1603, 1605-1621.

(396) Mus. Vienna 71066-71169; Mus. Munich II (Col. Koch-Grünberg 33 ff).

(397) Mus. Vienna 1948-1952, 1954.

(398) Mus. Vienna 1426-1427.

(399) Mus. Vienna 1440-1441.

(400) Mus. Munich I: 673.

(401) Mus. Berlim armario 211.

(402) Mus. Vienna 1015-1020.

(403) Mus. Vienna 1385-1390.

machigangas [Perú] (404), tacanas (405), campas (406), parecís (407), indios lecos (408), cabixís (409), apiacás (410), mudurucús (411), bacairís occidentaes (412), parentintins (413).

No Chaco surge ao lado dessa especie de emplumação uma variante, existindo igualmente o systema de untar *com cera ou resina* a superficie costurada, mas as penas são muito pequenas (414). Assim succede entre os guanás (415), terenos (416), guarayos (417), sirionos (418), chamacocos (419), sapuquis (420), sanapanas

(404) Mus. Munich I: 0294-02105, 02119, 02121-02122 (Col. Garlepp).

(405) Nordenskiöld I 287, 288; XII 55, In Mus. Munich II existe certo numero de flechas com poucas pennas (podendo, assim, ser associadas á emplumação do Chaco) procedentes do rio Beni (compradas em La Paz a um indio pela princeza Thereza da Baviera) e que seriam dos Tacanas ou Mosetenas.

(406) Mus. Munich II; Princeza Thereza II² Carta I 3-6.

(407) Mus. Vienna 974-981; Meyer 26 ff.

(408) Mus. Munich II; Princeza Thereza II² Carta II 2-4, 6.

(409) Mus. Vienna 968, 969.

(410) Mus. Vienna 1162-1169.

(411) Mus. Vienna 1198 até 1202; Meyer 26.

(412) Meyer 24, 26 ff.

(413) Mus. Vienna 1121-1125, 1129 até 1136; Mus. Munich I 672; Meyer 24.

(414) Aparece tambem, em caracter esporádico, entre certas tribus dos grupos antes citados.

(415) Mus. Berlim V C 781-787, 3269-3273.

(416) Mus. Berlim V B 1022.

(417) Mus. Berlim V B 4503-4508.

(418) Nordenskiöld VII 16; Herzog 56.

(419) Mus. Vienna V C 74401-74521.

(420) Mus. Berlim armario 249 C.

(421), angaytés (422), linguas (423), maticos (424), mocobis (425), tobas (426), abipones (427), cadiueus (428) pilagas (429), cainguás [Paraguay meridional] (430), indios dos Pampas (431), atacamas (432), diaguitas (433). Entre os fueguinos, também, e mais exactamente entre os onas (434), encontra-se um systema de costura das penas em intervallos estreitos e alem disso as penas são muito pequenas, mas não existe o costume de untar a superficie costurada com cera ou resina.

H. Meyer que só conhecia a emplumação com resina do primeiro grupo, chamou-a de "emplumação peruana com resina". (435).

(421) Mus. Berlim V C 3332-3339; Mus. Vienna 74568 ff; Mus. Munich II; Princesa Thereza II² Carta III 7-11.

(422) Mus. Berlim, armario 249.

(423) Mus. Berlim V C 1910, 1917, 3645, 3646; Mus. Munich II (Col. Fric).

(424) Mus. Berlim V C 678; sem emplumação V C 3750 ff.

(425) Baucke 258.

(426) Mus. Berlim V C 2159-2164, 3125-3130; Mus. Munich II (Col. Fric); Koch-Grünberg II 81, 106-107.

(427) Dobrizhoffer² 400.

(428) Koch-Grünberg II 81, 106-107.

(429) Mus. Munich II (Col. Fric); Princesa Thereza II² Carta III 3-8.

(430) Siemiradzky 130; pode haver duvidas sobre se a superficie costurada, nesse caso, é untada com resina.

(431) Extraviou-se a nota com a fonte de informação para esse caso; não respondo, assim, pela sua absoluta exactidão.

(432) Boman² 728-729.

(433) Boman² 644.

(434) Mus. Berlim. V C 173, 1972-1974, 4163; Cojazzi 43 ff.

(435) Meyer, 9, 21.

Restam-me ainda duvidas sobre a especie de emplumação radial das flechas dos yuracarés, chiriguanos, piros, cachinauás, pebas, tucanos. É muito verosimil que pertençam ao primeiro grupo de emplumação com resina, de penas grandes.

Essas emplumações radiaes contrastam com as condições da Oceania mas não com as do Velho Mundo em geral, visto como também na Indonesia e na Africa o arco chato surge associado á emplumação radical conforme já o indicou Graebner (436).

Poder-se-ia quasi falar em uma *omnipresença do arco e flecha* no caso da America do Sul. Em realidade taes armas persistem a começar da capa cultural mais antiga, atravez de todas as seguintes, pois até as tribus totemico-patrilineaes e exógamo-matrilineaes, que no Velho Mundo não as possuem, ostentam-n'as todas aqui. Entretanto não entram em consideração nesse caso as culturas dos Andes e da costa occidental; todas essas, conforme ainda veremos, desconhecem no coração dos seus dominios o arco e a flecha. Mas por essa forma demonstra-se como a cultura totemico-patrilinear, e a exógamo-matrilinear, que se apresentam tão distinctamente nas regiões dos Andes, desconheceram a principio arco e flecha, mesmo na America do Sul, e como na baixada amazonica só graças á influencia, por um lado do circulo de cultura mais velho, por outro daquelle que para a America do Sul é quasi o mais jovem, ou seja o matri-

(436) Graebner I 55.

linear-livre, a "cultura do arco melanesia", recebeu finalmente taes armas.

O predomínio tão accentuado de uma forma independente de arco e flecha — vara do arco redonda, emplumação de cavallete para a flecha — no mais antigo entre os circulos de cultura deve agora, por outro lado, fazer silenciar a ultima resistencia contra a these da alta antiguidade ethnologica do arco e flecha, these que eu já formulára em resultado das pesquisas sobre os pymeus e pygmoides do Velho Mundo (437) e que fôra então combatida. De então para cá ella ainda foi justificada em virtude das investigações em torno das condições prehistoricas (438), de modo que pode ser considerada hoje como prevalecendo sobre qualquer duvida. Devo accentuar, principalmente, a esse proposito, que se Graebner desde o começo tivesse atentado nos resultados de minhas pesquisas sobre o arco e a flecha das tribus de pygmeus, ter-se-ia guiado melhor, evitando diversos erros. Mesmo em sua replica a Krause elle o faz ainda de forma insufficiente e não chega a dissipar por completo a accusação de obscuridade e confusão que lhe faz Krause e nesse caso com razão (439).

(437) W. Schmidt II 67-107, especialmente 90-95.

(438) Obermaier, *Der Mensch der Vorzeit*, Berlim 1912.

(439) Graebner II 54 ff. Que na America do Sul, no mais velho circulo de cultura, existam arcos reflexos conforme parece pretender Graebner (II 55) não me foi possível averiguar por nenhum informe fidedigno. Existem alli, é certo, arcos duplamente recurvados, como Graebner notou em outro ponto (I 1015) e com razão, mas a dupla curva não é naturalmente, por si só, uma prova decisiva do caracter reflexo de um arco.

Proseguindo agora nossa consideração de cada um dos elementos do mais velho círculo de cultura sul-americano obteremos no dominio das DESFIGURAÇÕES CORPORAES uma nova demonstração de sua alta antiguidade ethnologica e de sua coincidência com os circulos culturaes mais antigos do Velho Mundo. Aqui elle se approxima antes do primeiro do que do segundo e terceiro entre os mesmos circulos: pois não apresenta nem o systema de extracção de dentes do ultimo e nem o adorno de cicatriz e a perfuração do septo nasal do segundo. A *extracção de dentes* é, de um modo geral, facto extremamente raro na America do Sul; só tenho informação de três exemplos entre os parecís, tribu aruaque [incisivos superiores] (440), na costa occidental do Equador entre os huancavilca [dois ou três incisivos superiores e inferiores] (441) e entre os guayaquis (442). O *adorno de cicatriz* é tambem muito raro na America do Sul: só o encontro entre os varau, tribu isolada do litoral do Nordeste (443), no Esmeralda, na costa do Equador (444), entre os mocobis (445), e entre os onas na Terra do Fogo (446). A *perfuração do septo nasal* não se encontra entre as massas compactas interdependentes

(440) v. d. Steinen II 427.

(441) Verneau-Rivet 53; Saville² 8.

(442) Joyce 58.

(443) Schomburgk¹ 168.

(444) Verneau-Rivet 44.

(445) Baucke 246.

(446) Cojazzi 43, 100.

de povos primitivos sul-americanos, mas em uma serie de tribus isoladas do noroeste e do nordeste, entre os uitotos (447), os miranhas (448), os chiquitos (449), os varaus (450), entre diversas tribus pano [tacano (451), cachibo (452), tauare (453), conibo (454)], entre tribus isoladas de aruaques e caribas [parecís (455), vapixanas (456), carijonas (457), hianacoto-umañas, (458), paumaris (459), yamamadis (460), bacairís occidentaes (561)], mocobis (462), e em parte os chibchas (463), como tambem nas culturas pre-incaicas, em particular do littoral (464); inteiramente isolada de todos essas zonas existiu a perfuração do septo nasal, antigamente, em certos clans patagonios, entre os tehuelches (465).

-
- (447) Hardenburgk 134.
(448) Koch-Grünberg V² 305, Martius I¹ 536.
(449) d'Orbigny 251.
(450) Schomburgk¹ 167.
(451) Nordenskiöld I 301.
(452) Ordinaire 300.
(453) Stegelmann 136.
(454) Ordinaire 300, 306.
(455) v. d. Steinen II 430, 431, M. Schmidt IV 168.
(456) Schomburgk² 42.
(457) Koch-Grünberg V² 18.
(458) Koch-Grünberg V² 115.
(459) Steere 389.
(460) Steere 380.
(461) v. d. Steinen II 180; talvez adquirido ao contacto dos Parecís.
(462) Baucke 246.
(463) Joyce II 24, 35-36, Beuchat 558; o adorno do nariz era um privilegio dos nobres e dos soldados.
(464) Joyce II 61, 130; Verneau-Rivet 45; Saville² 9.
(465) Joyce II 250, Outes 258.

Ainda se encontram no circulo de cultura mais velho da America do Sul, desfigurações corporaes peculiares aos circulos mais jovens, como seja a circumcisão e a tatuagem de picadas, sendo que esta só apparece como influencia recente entre certas tribus do Chaco septentrional (466).

Por outro lado, entre numerosas tribus de botocudos e de indios do Chaco, parece ser caracteristica uma desfiguração que no Velho Mundo é de todo desconhecida nos tres circulos culturaes mais antigos: a perfuração do labio (inferior) e a introduccão de um enfeite de pedra ou chifre na abertura. De qualquer forma cumpre investigar se não se trata no caso de uma influencia dos seus vizinhos tupí-guaraní que tambem adoptavam esse costume.

Como FORMA DE SEPULTURA — V. Carta 6: Sepulturas. — prevalece o enterro simples que ocorre entre os botocudos do Rio Doce (467), do Rio Jequitinhonha (468), cayapós (469), chavantes (470), cherentes (471), caingangs (472), puri-coroados (473),

(466) V. a respeito pg. 201 sqs.

(467) Ehrenreich I 33-34.

(468) St. Hilaire² 161.

(469) Pohl¹ 402; Coudrean 218.

(470) Pohl² 170; Martius I¹ 275.

(471) Moura 547.

(472) Ambrosetti II 246.

(473) Hensel 127; Königswald III 46; Siemiradzki 140-141; Teschauer, Anthropos IX (1914).

chorotis (474), linguas (475), tobas (476), abipones (477), cadiucus (478), chamacocos (479), chonecas (480), huillitches (481), patagões (482), onas (483); frequentemente ergue-se um monte de terra de forma conica sobre o tumulo. Ao lado disso, entre os bugres (484), para os adultos (para as crianças usa-se o enterro), e entre os yagans (485), existe tambem a icineração que, fóra desse circulo de cultura, é mencionada tambem a proposito dos tauares (486), uma tribu pano, dos antigos cocanas e cocamillas (487), e dos quimbayas (488). Em essencia registam-se as condições relativas ao primeiro e ao segundo circulo de cultura do Velho Mundo faltando apenas o sepultamento em arvores ôcas que tambem ocorre no segundo circulo. Por outro lado não existem nesse circulo cultural mais antigo da America do Sul os tumulos de nichos caracteristicos do terceiro circulo, occorrendo entretanto nas capas culturaes mais ve-

-
- (474) Rosen 657.
(475) Koch-Grünberg I 220.
(476) Thouar 51; Koch-Grünberg II 108.
(477) Dobrizhoffer² 293.
(478) Koch-Grünberg II 46.
(479) Boggiani 78 ff.
(480) Musters 191.
(481) Poeppig¹ 393.
(482) Outes 263.
(483) Cojazzi 72, 102.
(484) Gensch 749; cf. tambem Rath Z. f E XIII (27).
(485) Cojazzi 111 ff.
(486) Stegelmann 136.
(487) Poeppig² 449.
(488) Joyce II 34-35.

lhas do Perú, do Equador e da Colombia e em alguns pontos da sua faixa littoranea (489).

Quanto ás CONDIÇÕES SOCIAES — V. Carta 5: Sociologia. — dos mais velhos circulos culturaes sul-americanos as nossas informações são ainda muito imperfeitas. E' claro o predominio da *monogamia*, entretanto, em um grande numero de suas tribus: assim ocorre entre os carajás (490), savayes (491), botocudos (492), chavantes (493), macamecrans (494), lenguas (495), achluslay-chorotis (496), tobas (497), cadiueus (?) (498); só aos chefes, em certas tribus do Chaco permite-se a *polygamia*. Por outro lado encontramos tambem aqui entre os puri-coroados um traço divergente dos outras tribus, por isso que entre elles a *polygamia* é geralmente admittida (499). No caso dos patagões

(489) Verneau-Rivet 13, 124 até 125.

(490) Krause II 325.

(491) Krause II 401, *monogamia* apparente.

(492) Ehrenreich I 31, *monogamia* na maioria dos casos; St. Hilaire² 163.

(493) Pohl² 168; Martius. I¹ 274.

(494) Pohl² 195.

(495) Koch-Grünberg I 218, quasi exclusivamente a *monogamia*.

(496) Nordenskiöld X 90.

(497) Thouar 48, ausencia de *polygamia*; Koch-Grünberg II 105, *Polygamia* rara e somente entre os caciques.

(498) Koch-Grünberg II 5, *monogamia* acompanhada de concubinato com escravas, facilmente dissoluvel.

(499) Wied-Neuwied¹ 120; Teschauer Anthropos IX (1914); segundo Siemiradzki-Mabilde (137-138) tambem só permittida aos caciques.

permittia-se antigamente a polygamia só aos chefes actualmente ella se introduziu tambem entre os demais membros das tribus (500), por onde se explica egualmente a sua existencia hoje entre os onas (501). Prevaleceu tambem a polygamia entre os pehuenches ou indios dos pampas (502). Parece assentada a existencia da successão em linha paterna em todas as tribus; apenas entre certos puri-coroados (503), entre os chorotis (504), e entre os yagans (505), registam-se *traços matrilineares* nisto que o noivo passa a viver por algum tempo ou mesmo por toda a vida com os paes da mulher e tambem entre os chorotis (506) e achluslays (506), na celebração *sonemne* da primeira menstruação, o que entre os tobas (507), só ocorre quando se trata filhas de cacique (508).

Nenhum traço de totemismo foi até agora assignado em qualquer desses povos. O que a esse respeito observa Outes, baseado em Falkner, com relação aos patagões (509), Frazer attribue com razão, apenas aos molutches ou araucanos (510).

(500) Milanesio 40.

(501) Cojazzi 24.

(502) Poeppig¹ 383.

(503) Barbo 235; Ambrosetti II 245; Königswald III 30.

(504) Nordenskiöld X 89.

(505) Hyades-Deniker 378.

(506) Nordenskiöld X 74.

(507) Thouar 49.

(508) Sobre esses indícios de matrilinearidade veja-se pg.

169 sqs.

(509) Outes 252.

(510) Frazer³ 581-582.

O que sabemos sobre a RELIGIÃO E MYTHOLOGIA desses povos é tão incerto e vago, que não permite um confronto de grande amplitude.

Para recapitular poder-se-iam alimentar certas dúvidas sobre se em toda a area abrangida por esse mais antigo circulo cultural não existiriam sub-divisões em que se achasse representado o *segundo* (e o *terceiro*) circulo cultural do Velho Mundo em estado puro, sem o primeiro. Isso valeria de preferencia com relação ás tribus fueguinas, onde ocorre, conforme já mostrou Grebner (511), alem da mais velha technica de fabricação de cestas, a da espiral, a ignição dos defuntos, o adorno de cicatriz, o manto de pelles, a ausencia do arco [entre os yagan e os tchorno em Chiloe (512)]. Valeria alem disso para as sub-camadas das elevações andinas e das regiões limitrophes onde — em casos esporadicos — notamos a existencia das cestas de trançado em espiral (?), a ausencia do arco, a extracção de dentes, o adorno de cicatriz, a perfuração do septo nasal, a ignição dos defuntos e a sepultura em nicho. Uma ligação entre esses dois centros teria sido feita atravez do Chile e da Patagonia, em parte tambem atravez do Chaco onde vamos encontrar, e ainda aqui em caracter esporadico, o manto de pelle e a cesta de espiral. Haveria pois uma grande região occidental — a zona da cordilheira dos Andes, do extremo norte ao extremo

(511) Graebner I 1014, II 47 ff.

(512) Krickeberg 140.

sul — que não teria conhecido o primeiro, mas somente o segundo e o terceiro círculos de cultura, collocando-se por essa forma, já no tocante ás culturas primarias, numa situação de contraste com o resto da America do Sul — (região central e oriental) — semelhante á que existe no caso dos círculos culturaes ulteriores pois a oeste parece não haver o círculo em que é usado o arco, o matrilinear livre, a chamada cultura do arco, que no entanto aparece a nordeste (e ao centro). Por outro lado, as culturas que não usam o arco, como as do círculo exógamo-patrilinear (totemista) e do exógamo-matrilinear (cultura das duas classes) têm o seu núcleo mais forte na região occidental e não apparecem de todo ou apenas em caracter muito atenuado nas regiões central e oriental.

Os factos até aqui conhecidos ainda não permitem um juizo seguro e definitivo. Pode-se realçar desde já, em todo caso, mesmo para essa zona occidental, a ausencia completa seja da clava bastão e da clava de arremesso, seja ainda do escudo de parada.

IV

O círculo cultural totemico-patrilinear na America do Sul

Se passarmos agora a investigar mais de perto o dominio do segundo grande nucleo de povos da America do Sul, o dos povos que praticam a lavoura de cavouco, habitantes das vastas bacias do Amazonas e do Orenoco, verificaremos logo a presença aqui de um *novo grupo*. As tribus que occupam esse territorio são principalmente as dos aruaques, caribas e tupí-guaranis... Todavia já Krickeberg (513) tinha notado que essas três grandes familias dos tupís, aruaques e caribas onde quer que appareçam a oeste da linha Orenoco-Rio Negro-Madeira, surgem claramente como intrusos na planicie baixa regada pelos affluentes occidentaes do Orenoco e do Amazonas. Aqui vive, ou viveu inicialmente, uma população linguisticamente diversa, subdividida em toda uma serie de grupos maiores ou menores igualmente distinctos uns dos outros do ponto de

(513) Krickeberg 102.

vista linguístico. Graebner, em sua resposta á critica de Krause, já tinha observado que precisamente essa zona é “o verdadeiro reservatorio de analogias com a cultura totemica da Oceania” (514). Devo lembrar a esse proposito que ainda deixamos de lado, aqui, o nosso terceiro grande grupo, o das culturas superiores da região andina, considerando apenas a longa serie de familias linguisticamente isoladas que se estendem desde o extremo norte até quasi ao Chaco, junto ás vertentes orientaes da cordilheira e que encontraram aqui, aparentemente, seu ultimo abrigo em face da pressão dos aruaques, caribas e tupí-guaraní, preservando numerosos elementos da velha cultura exógamo-patrilinlear ou totemica, ao par de elementos culturaes das tribus invasoras. Por outro lado encontram-se tambem elementos totemico-patrilineares, com frequencia, entre as tribus vizinhas, que usam hoje idiomas caribas ou aruaques e que em realidade não constituem senão tribus totemico-patrilineares caribizadas.

Antes de tudo cumpre lembrar a FORMA DE HABITAÇÃO característica do circulo cultural totemico — V. Carta 4: Formas de Habitação. — a habitação de cobertura conica. Ella surge — se excluirmos o dominio dos povos de cultura superior, conforme trataremos sempre de fazer neste capitulo, — apenas no dominio das tribus do presente circulo cultural, nas vertentes andinas de nordeste e junto aos rios que nel-

(514) Graebner II 49,

las têm as suas nascentes: entre os arhuacos (515), os juris (516), os macuna-yahunas e bahuganas (517), os pebas e orejones (518), as tribus caribas do umaua (519), os antigos caribas de Piritu (520), os trios (521), os ojanas (521), os kacuanas e ihuruanas (522), macuchis e arecunas (523), maopityans (524), pianogottos (525), piaroas (526), maquiritares e taulipans (527), guararibos (528), paravilhanas (529), as tribus aruaques dos vapichanas (530), cauxianas (531), passés (532), moxos (533), parecis (534), chiriguanos (535). Segundo Martius encontra-se inteiramente generaliza-

-
- (515) Sievers 83-84.
 (516) Martius I¹ 504.
 (517) Koch-Grünberg V² 279, 285-86.
 (518) Poeppig² 419, 416.
 (519) Martius I¹ 545.
 (520) Blanco 51.
 (521) de Goeje I 3.
 (522) Koch-Grünberg, Korr. Bl. D. G. A. E. U. XLIV (1913) 79.
 (523) Schomburgk¹ 358, 388-410²; 234, 284, 362; Martius I¹ 648; Im Thurn 205, 207.
 (524) Schomburgk² 471.
 (525) Schomburgk² 478.
 (526) Chaffanjon 200 ff.
 (527) Chaffanjon 258; Koch-Grünberg VI 465.
 (528) Chaffanjon 302.
 (529) Martius I¹ 631.
 (530) Im Thurn 205; Schomburgk² 40, 41, 362.
 (531) Martius I¹ 482.
 (532) Martius I¹ 510.
 (533) Eder 220; Nordenskiöld XI 248.
 (534) v. d. Steinen II 425.
 (533) Nino 174 ff.

da "entre diversas tribus no Japurá e também no Madeira e no Tapajoz". O modo de disseminação dessa especie de construção, bem conforme ao methodo historico-cultural e não á theoria das idéas elementares, é indicado pelo proprio Martius ao salientar "que entre as vizinhas (tribus), que têm á sua disposição o mesmo material, constróem-se habitações quadrangulares, de paus cruzados e cobertos de barro" (536). Segundo Krickeberg as choças redondas acham-se generalizadas no rio Apaporis (537).

A forma de EMBARCAÇÃO peculiar a esse circulo cultural — V. Carta 3: Formas de embarcação e de remo, pg. , — de tronco de arvore cavado, a *embarcação inteiriça*, existe também em todo esse dominio, posto que se estenda também sobre uma outra zona onde ha residuos da cultura totemica, a zona do Xingú, até ao littoral atlantico. Assim temos ao longo dos Andes as tribus linguisticamente isoladas dos varaus (538) [os quaes também possuem canôas de cascas e de taboas (539)], goajiros (540), otomaques (540), salivas (541), jivaros (542), jurucares (543), algumas tribus

(536) Martius I¹ 482.

(537) Krickeberg 98-99.

(538) Gumilla 229; Friederici II 58.

(539) Im Thurn 271, 292 ff.

(540) de Brettes-Sievers 383.

(541) Friederici II 58.

(542) Rivet 52-53.

(543) Nordenskiöld VIII Carta 7.

panos (544) e betoyas (545), as tribus caribas da Guyana Inglesa (546), os galibis (547), jauaperis (548), umauas (549), as tribus aruaques da Guyana Ingleza (550), as tribus do Baixo Apaporis (551), os manteneris (552), purupurús (553), pamauires (554), campas (555), moxos (556), parecis (557), os carajás (558), as tribus tupís dos omaguas (554), tupís septentrionaes (560), jurunas (561), maués (562), acipoyas (563), caingúas (564), tribus do Chaco como os cadi-

(544) Tambopatas e Yamiacas: Nordenskiöld I 280.

(545) Tucanos: Pfaff (600); Baras: Koch-Grünberg V² 207; Tuyucas: Koch-Grünberg V² 268-269; Macuna-Yahunas: Koch-Grünberg V² 286.

(546) Im Thurn 295.

(547) Martius I¹ 736; um modelo de bote com sete remos: Mus. Vienna 2683, Col. R. H. Schomburgk.

(548) Mus. Vienna 71 181.

(549) Martius I¹ 546.

(550) Im Thurn 295.

(551) Koch-Grünberg V¹ 286.

(552) Chandless 8.

(553) Friederici II 60.

(554) Ehrenreich II 51; Martius I¹ 421, ao lado de canôas de casca.

(555) Ordinaire 282, na maioria balsas, muito raramente canôas inteiriças de madeira.

(556) Friederici II 60.

(557) v. d. Steinen II 433.

(558) Ehrenreich II 17; Krause II 276.

(559) Martius I¹ 441.

(560) Martius I¹ 195.

(561) v. d. Steinen II 241.

(562) Martius I¹ 404, bem assim como canôa de casca.

(563) Snethlage 618, bem assim como canôa de casca.

(564) Königswald II 379, 380,

neus (565), paiaguás (566), charruas (567), e guarayos (568). Outra forma de embarcação propria desse circulo de cultura é o bote de casca de uma só peça, de cuja diffusão se tratará posteriormente.

E' característica tambem a disseminação das FORMAS DE REMO. Não ha duvida que a forma pura do circulo cultural totemico, com o cabo de empunhadura lisa ou ornada de um castão ou coisa semelhante, e de pá lanceolada, já não se encontra aqui, mas todos os typos de remos ostentam no cabo o encosto de muleta proprio de um circulo cultural mais tardio, o matrilinear livre ou cultura do arco melanesia. Ao passo porém que este ultimo circulo cultural exige uma pá de remo espalmada — e tal forma effectivamente apparece tambem na America do Sul ao nordeste, em toda Guyana, e dahi até ao Rio Negro (569) — a pá lanceolada e alem dessa uma variedade afim, oval ou circular, existe em todo o nordeste e ao sul do Amazonas. A forma lanceolada, foi assignalada na região do rio Apoporis [tribus do lado do Japurá] (570), entre os piros no Ucayalis (571), do rio Napo no Equador (572), em Tumbaco, na Colombia (573), en-

(565) Koch-Grünberg II 43.

(566) Friederici II 62.

(567) Friederici II 62.

(568) Friederici II 62.

(569) Para pormenores a respeito vejam-se pgs. 121 e 122.

(570) Koch-Grünberg V² 267.

(571) Marcoy-Grandidier 41.

(572) Graebner III 199 Fig. 66.

(573) Graebner III 199 Fig. 60.

tre os omaguas (574), ipurinas (575), paumarís (576), purupurús (577), cauxianas [moxos] (578), carajás (579), chavayes (580). A forma oval ou circular da pá do remo aparece entre os jivaros (581), os cocamas (582), os tucanos (583), no rio Hualaga (584), rio Napa (585), rio Negro (586), entre os vapixanas (587), banivas (588), manaus (589), e no rio Branco (590). Somente a forma de remo dos jurunas (591), apresenta, ao sul do Amazonas, o alargamento da pá para baixo. Os remos dos trumais (592), bacairís (593),

(574) Mus. Vienna 1464; Mus. Munich I 722.

(575) Mus. Berlim V B 3773; Ehrenreich II 59.

(576) Ehrenreich II 59; Steere 389.

(577) Mus. Vienna 1438.

(578) Church 109.

(579) Mus. Berlim V B 3979 a-c. g; Mus. Vienna 71 880; Ehrenreich II, Carta VIII; Krause II 277.

(580) Krause II 361.

(581) Mus. Berlim V B 3359; Rivet 53.

(582) Mus. Berlim V B 475, "remo de mulher".

(583) Mus. Berlim V B 4043.

(584) Museu Leipzig 1240.

(585) Mus. Leipzig 199.

(586) Mus. Leipzig 133, 134; Mus. Colonia 13 193; Mus. Berlim V B 4043.

(587) Im Thurn 297.

(588) Mus. Berlim V A 13 744, pequeno remo-amostra de prata.

(589) Mus. Leipzig 5268.

(590) Mus. Leipzig 5267.

(591) Mus. Berlim V B 1722; v. d. Steinen I 241, Carta II 11.

(592) Mus. Berlim V B 1583; v. d. Steinen I 196.

(593) Mus. Berlim V B 2420, 2421, 5207; v. d. Steinen I 326, Carta II 4; M. Schimidt II 114.

nauquas (594), mehinacus (595), jaulapitis (596), aue-tós (597), e camayuras (598), em que os dois lados da pá são paralelos devem ser considerados como typo intermediario ou convergencia para uma forma primitiva, como a que prevalece entre os fueguinos e algumas tribus do Chaco.

A RÊDE, tão característica das tribus aruaques e caribas falta em toda uma serie dessas tribus linguisticamente isoladas, como os jivaros (599), miranhas (600), tambopotas [panos] (601), bororos (602), campas [aruaques] (603). Entre os carajás existe, é certo, mas utilizada sob a forma de esteira (604), entre os varaus ella é fabricada com uma tessitura differente e não é muito usada (605); entre os goajiros (606), e arhuacos (607), é feita de material singular; tudo isso indica importação relativamente recente. Ver ainda, a respeito, o que se diz ás pgs. 130 e 131.

-
- (594) Mus. Berlim V B 2495.
(595) Mus. Berlim V B 2677.
(596) Mus. Leipzig 48.
(597) Mus. Leipzig 6149.
(598) Mus. Berlim V B 2992.
(599) Rivet 40.
(600) Koch-Grünberg IV 879.
(601) Nordenskiöld I 306.
(602) v. d. Steinen 488.
(603) Ordinaire 271.
(604) Ehrenreich II 12-13.
(605) Im Thurn 271, 290.
(606) Polko 81; Sievers 252.
(607) Sievers 84, 95, 96.

Relativamente ás ARMAS — V. Carta 1: diffusão das armas. — cumpriria investigar a disseminação das *lanças dentadas* á extremidade e de um só lado; infelizmente os informes na bibliographia existente são tão escassos e incertos que não é possível chegar, por óra, a um juízo definitivo. Lanças de ponta dentada de um só lado eu não logrei encontrar mencionadas em parte alguma. Lanças com ponta adaptada e feita de bambú, existem entre os jivaros (608), mundurucús (609), apiacás (610), maxorunas (611); em toda a zona do Japurá usam-se chuços de arremesso com ponta quadrangular. como por exemplo entre os yacunas e macunas do baixo Apoporís (612). Pontas de osso de jaguar) surgem entre os carajás (613), cayapós (614) e guatós (615). Entre os cayapós (616), tobas (617),

(608) Rivet 47; Mus. Berlim.

(609) Mus. Berlim V B 761; Mus. Vienna 1204-1208; Martius I¹ 388, lança de arremesso; Florence — v. d. Steinen 31-33.

(610) Mus. Berlim V B 2792, lança de arremesso.

(611) Mus. Berlim V B 115.

(612) Koch-Grünberg IVb 218.

(613) Mus. Berlim V B 3990; Mus. Vienna 71857, 71858; Ehrenreich II 18; Krause II 272-273. Entre os Carajás a lança, que antigamente era usada na caça ao jaguar — assim como entre os Guatós — serve hoje apenas como um objecto de luxo e, segundo as informações dos indigenas, não era guarnecida a principio de ponta de osso mas afinava para a extremidade.

(614) A lança dos Cayapós é semelhante á dos Carajás. Krause II 390.

(615) Mus. Berlim V B 1509-1510; M. Schmidt II 138.

(616) Mus. Vienna 71910.

(617) Mus. Munich II.

chanchamayos [Perú] (618), yamamadis (619), ipurinas (620), tucanos (621), tuyucas (621), desanas (621), causa (621), e no "Alto Amazonas" (622), a ponta forma uma só peça com a vara, mas destacando-se claramente, de modo a fazer suspeitar uma primitiva independência da ponta, tanto mais quanto a zona habitada por essas tribus é vizinha da região onde prevalecem lanças de ponta distinta do corpo da arma. Teríamos assim um vasto e compacto domínio para esse tipo de lanças, que se estende ao norte e ao sul dos afluentes da Amazonas (623). Por outro lado quanto ás lanças dos chamacocos (624), tobas (625), abiponés (626), lenguas (627), siusis (628), uaupés (629), saue-

(618) Mus. Berlim V A 3395 a, c, e, f, Chanchamayos (Perú), "segundo consta".

(619) Mus. Berlim V B 3761-3765; Ehrenreich II 56; Steere Carta 6, 1.

(620) Mus. Berlim V B 3771; Ehrenreich II 64.

(621) Mus. Berlim V B 5960, 5967, 5970, 5971.

(622) Mus. Berlim V A 1237.

(623) Nas lanças dos Terenos (Mus. Berlim V B 1018), Tehuelches, Bugres, (Gensch 749) e Coroados (Brasil meridional, Königswald III 48) com ponta de ferro o material foi, naturalmente, adquirido sempre aos europeus; entre os Bugres assinala-se também a forma da ponta semelhante a uma faca.

(624) Mus. Berlim V C 2667b; Boggiani 65.

(625) Koch-Grünberg II 51.

(626) Dobrizhoffer² 396.

(627) Koch-Grünberg I 218.

(628) Koch-Grünberg V¹ 107.

(629) Mus. Vienna 1631-1634.

ris [juribís?] (630), cayapós (631), guayaquí (632), consta expressamente que são simples hastes de madeira com uma extremidade em ponta; pertencem assim a um círculo cultural mais antigo (633).

Quanto aos PUNHAES poucas foram as investigações apresentadas; aos casos lembrados por Graebner e Krause a respeito dos caxinauás [panos] (634) e bororos (635) só conseguirei acrescentar mais um, o dos achlulays (636). Os dois primeiros casos cabem de qualquer modo dentro dos limites do domínio que aqui nos interessa; o último, á zona de influencia do mesmo.

E' mais característica a diffusão do *propulsor da lança* que pertence a esse círculo de cultura. Segundo

(630) No Rio Purús. Mus. Vienna 1392. Col. Natterer.

(631) Mus Berlim V B 3988; esse exemplar é de especie diferente da que se acha assignalada acima, á pag. 70 nota 617; todavia a ponta alarga-se um tanto de sorte que se poderia suspeitar a existencia anterior de uma ponta independente.

(632) de la Hitte-ten Kate 19, Carta III, IV; Vogt I 35.

(633) A presença de lanças sem maiores informes acerca do typo é attestada nos changos, entre os quaes ellas constituem a principal arma (Markham 88), charruas (d'Orbigny 226), matacos (Hermann 134), conibos (antigamente St. Cricq 281), cainguas (Königswald II 380), tapirapes (Krause II 404), caingangs do Paraná (Barbo 234), taures (Stegelmann 136), achaguas (Ernst II 5), vapixanas (Schomburgk 241). Uma investigação mais minuciosa desses dados e o aperfeiçoamento maior da mesma, em certos casos, seria possível e muito apreciavel, mediante exame detido nos materiaes dos museus.

(634) De bambús (Stegelmann 136).

(635) De osso (Mus. Berlim).

(636) Nordenskiöld XII 128.

as pesquisas de Krause (637), que eu completo de certa forma, encontra-se essa arma ao noroeste e ao sudeste em quatro grupos: a) caucas, pantagoras, paez; b) ticunas, conibos, cocamas, campevas, no Rio Solimões, jivaros (638); c) canamares, purupurús, pamauirís, moxos (639), além desses, no Xingú e no Araguaya entre os quaes os auetós, camayuras, trumais, suyas, carajás, tapirapés (640), bororos (641); d) tarairyou ou otchucayanas, antiga nação gé do norte (642). O propulsor como arma de caça surge ainda, mas só em casos isolados, no Alto Amazonas (jivaros, cocamas, ticunas, conibos). Na região das nascentes do Xingú e entre os carajás é arma de guerra, mas também instrumento sportivo (643).

Entre as PEÇAS DE VESTUÁRIO deve citar-se a *cinta abdominal* fabricada de cascas de arvores ou outras substancias. Ainda faltam pesquisas mais exactas a respeito de sua diffusão; eu a distingo no noroeste junto aos affluentes do Rio Negro (644) e entre os hianacotos (645), os uitotos (646), os macuna-yabaha-

(637) Krause I 142-166.

(638) Rivet 49, 52.

(639) Eder 230, Fig. 4.

(640) Krause II 404.

(641) Mus. Londres 232 c.

(642) Conforme Ehrenreich IV 86-90 contra Krause I 145 (e Bahnson), que os consideram uma tribu tupí.

(643) Krickeberg 104.

(644) Martius I¹ 545.

(645) Koch-Grünberg V², 115.

(646) Hardenburg 137.

nas (647), os miranhas (648), os araras (649) e os mundurucús (650); no domínio do Xingú entre os jurunas (651), apiacás (652), e hororos (653), isoladamente entre os achluslays feita de couro; os yamamadis utilizam a cinta de casca somente quando atiram com sarabata-na, por permittir maior vigor no sopro (654). Quasi identica é a disseminação das diversas formas (655), de estojo peniano: ao noroeste na Colombia entre os cuevas (656), na zona do Xingú entre os jurunas (657), apiacás (658), mundurucús (659), tapirapés (660), acipoyas (661), curuahes (661), caiapós (662), boto-cudos do rio Jequitinhonha [Minas Geraes) (663) hororos (664); sendo digno de nota que todas, com excep-

-
- (647) Koch-Grünberg IV^a, 201 Abb. 7.
 (648) Martius I¹ 537.
 (649) Mus. Vienna 1095-1097.
 (650) Mus. Vienna 1296-1298.
 (651) v. d. Steinen I 239.
 (652) Koch-Grünberg III (351).
 (653) v. d. Steinen II 472 ff.
 (654) Steere 372 ff; Krickeberg 108.
 (655) V. acima para a relação dessas formas a outra: Graebner I 1014 e II 51.
 (656) Krickeberg 147.
 (657) v. d. Steinen I 239.
 (658) Koch-Grünberg III (351).
 (659) Krickeberg 108.
 (660) Krause II 404.
 (661) Sneathlage 611.
 (662) Krause II 576.
 (663) Mus. Vienna 714, 715; Wied-Neuwied Atlas Carta 14,
 Fig. 4.
 (664) v. d. Steinen II 472.

ção das três ultimas são tribus tupí. Em certa correlação com o uso do estojo peniano ha tambem o costume de amarrar o prepucio nos Gés do norte [tarairyou ou otchucayanas] (665), nas tribus gés dos patachos (666), e machacalis (667), nos carajás (668), chavayes (669,) e no grupo isoldo dos trumais (670), ao passo que entre os grupos dos paumaris (671), yamamadis (672), ipurinas (673), caripunas (674), e jauaperis (675), o penis é ainda atado á cinta. Nota-se que a forma de cobertura do penis é tanto mais singela quanto mais se caminha para leste.

Do mesmo modo quanto á diffusão das grandes FLAUTAS ou PIFANOS, na America do Sul, ainda não pôde ser apresentada qualquer investigação systematica. O que logrei verificar mostra, ainda aqui, o agrupamento em uma zona a noroeste e em outra na região do Xingú-Araguaya: na primeira esses instrumentos são assinalados entre os arhuacos (676), banivas (677),

-
- (665) Ehrenreich IV 88.
(666) Wied-Neuwied² 27-28.
(667) Wied-Neuwied² 101.
(668) Ehrenreich II 11; Krause II 204.
(669) Krause II 354.
(670) v. d. Steinen I 195.
(671) Ehrenreich II 50.
(672) Ehrenreich II 52.
(673) Ehrenreich II 59.
(674) Mus. Vienna 1034, 1035.
(675) Mus. Vienna 41 474, 41 475.
(676) Sievers 88; uma flauta "masculina" com seis orificios e outra "feminina" com dois, ambas afinadas "em Duo".
(677) Mus. Vienna 1849-1852.

passés (678), jivaros (679), uitotos (680), siusis (681), tucanos (682) e tuyucas (683), na ultima entre os ipurinas (684), jurunas (685), mundurucús (686), auetos (687), carajás (688), bororos (689), bacairís (690), caiapós (691), chavantes (692), apinagés (693), boto-cudos do Rio Doce (694), e Rio Preto (695), tupiniquís (696), cainganga-coroados (697), guanás (698), e oainguás (699). E' digno de nota o seu prolongamento para leste e sudeste até abranger o dominio das tribus de géos coroados.

Passando ás praticas de iniciação, — V. Carta 5: Sociologia. — verifica-se que a circumcisão não tem

-
- (678) Martius I¹ 518-519.
 (679) Rivet 53.
 (680) Hardenburg 136.
 (681) Koch-Grünberg V¹ 85, 188 ff.
 (682) Pfaff (601); Koch-Grünberg V¹ 299.
 (683) Koch-Grünberg V¹ 314-315.
 (684) Steere 378.
 (685) Mus. Vienna 71 961; v. d. Steinen I 260, 266.
 (686) Mus. 1209-1210 grandes pifanos, 1211-1213 pifanos de aviso, 1214, 1215.
 (687) M. Schmidt II 84.
 (688) Krause II 315-317.
 (689) Mus. Vienna 891-895; v. d. Steinen II 496.
 (690) v. d. Steinen II 105.
 (691) Mus. Vienna 652.
 (692) Mus. Vienna 669-670; Pohl² 169.
 (693) Mus. Vienna 676.
 (694) Ehrenreich I 33.
 (695) Sampaio 155.
 (696) Jean de Léry 227.
 (697) Ambrosetti II 244; Königswald III 30, 46, 48.
 (698) Mus. Vienna 948-950.
 (699) Vogt II 852.

na America do Sul um dominio extenso. Encontra-se em todo o caso, na secção que ora nos interessa, apenas entre tribus linguisticamente isoladas ou tribus aruaques do noroeste: entre os otomoques (700), salivas (700), ticunas (701), arecunas (702), paravilhanas, (703), banivas (704), barés (704), manaos (704), cariays (704), maipures (704), uirineas (704) e entre as tribus do Ucayali e dos afluentes do Apure citam-se expressamente os conibos (705). Nesse caso tambem merece sêr citada a *flagellação* dos adolescentes como uma especie de cerimonia para o recebimento na communiidade dos adultos, entre muitas tribus do noroeste como os muras (706), uaupés (707), passés (708) e omaguas (709), as curas pelo jejum ou purgação entre os cholones (710), as *ferroadas com formigas e vespas* entre os caribas da Guyana [rucuyennes] (711), e no Orenoco (711), e alem disso entre os maués (712) Para no-

(700) Meninos e meninas com oito dias Martius I^o 582.

(701) Meninos e meninas Martius I^o 445.

(702) Martius I^o 621.

(703) Meninos aos 9 annos, Martius I^o 631.

(704) Segundo parece meninos e meninas porque este caso é mencionado juntamente com o dos Ticunas (nota 18) Martius I^o 582.

(705) Meninos e meninas, Martius I^o 582-583; de St. Cricq 289-292; Ordinaire 308; Reich 134.

(706) Martius I 410.

(707) Meninos e meninas, Martius I 599.

(708) Meninos, Martius I 511.

(709) Meninos, Martius I 441.

(710) Poeppig² 323.

(711) Martius I^o 403.

(712) Mus. Vienna 1364-1366, V. Catalogo do Museu; Martius I^o 403.

vos pormenores a respeito de toda essa questão, ver pg. 136 sqs.

São escassas as noticias que temos a respeito das CONDIÇÕES SOCIAES das tribus deste dominio, de modo que pouca coisa nos é possível estabelecer relativamente á importante questão da existencia do *totemismo* e de *exógamia* entre essas tribus. Uma e outra coisa apparecem e de forma pronunciada no extremo norte e nordeste entre os goajiros (713), e entre os aruaques na Guyana Inglesa (714); mas aqui, pelo menos entre os goajiros, não se acham localizados os clans totemicos, de modo que prevalece apenas a exogamia de clan; a filiação ao clan é herdada na linha materna. Um totemismo extremamente complicado existiria entre os bororos segundo as informações mais recentes dos missionarios salesianos; faltam ainda pormenores mais preciosos a respeito. Traços possiveis de totemismo consistindo em determinados preceitos sobre alimentos ou insignias de familias ou concepções de ascendencia, encontram-se no noroeste entre certas tribus isoladas, os achaguas (715), salivas (716), piaroas (716), jivaros (717) paumarís (718), na zona do Xingú entre os carajás (719). Por outro lado a allegação

(713) Frazer³ 558 ff; Sievers 255-256.

(714) Frazer³ 556 ff.

(715) Ernst II 4, 8.

(716) Chaffanjon 203; Frazer³ 572.

(717) Rivet 97.

(718) Steere 387, clans com nome de animaes.

(719) Ehrenreich II 28, 31.

de Graebner de que "em partes maiores ou menores da região (dos afluentes occidentaes do Rio Negro) chega a reinar o totemismo local typico, exógamo-patrilinear" (720), deve ser considerada, ao menos por enquanto, como excessiva e sem apoio, alem disso, em nenhuma das duas fontes que elle cita. A exogamia local (segundo parece sem totemismo) ocorre no noroeste entre os cobenas e os siusis, e sobretudo no Rio Negro e seus afluentes (721).

O CONJUNTO DESSES ELEMENTOS DE CULTURA é numeroso e bastante significativo para permitir que se conclua pela existencia do circulo cultural totemico nessa região. E' certo que nem todos os elementos surgem de maneira uniforme no dominio inteiro; tambem temos a considerar aqui as tribus em estado de regressão ou dispersão. Congregam-se na região do Xingú-Araguaya mas principalmente nas tribus do noroeste, de maneira que poderiamos assignalar duas zonas parciaes independentes, continuas entre si nesse circulo cultural e que alem disso, em diversos casos, se acham ligadas umas a outras, em um dominio conjuncto, particularmente atravez das tribus tupís do centro-norte (maués, mundurucús, apiacás). Alem disso, na propria zona do Xingú, as tribus que alli habitam (jurunas, tapirapés, camayuras, auctós) exercem um papel muito

(720) Graebner II 49-50.

(721) Koch-Grünberg V² 145.

significativo a esse respeito, e não está excluída a possibilidade de caber sobretudo a ellas a introdução de elementos desse circulo cultural na região do Xingú (722).

(722) Accrescento aqui uma comunicação que, a meu pedido, me fez gentilmente o Snr. Walter Pflug, de Leipzig, relacionada com suas pesquisas acerca de uma variedade especial de berço que patenteia as connexões entre a America do Sul e regiões totemico-patrilineaes fóra desse continente.

“O berço que o interessa tem a forma de uma gamella; pode ser comparado principalmente a uma vasilha de açougueiro e ás antigas gamellas para poços; no noroeste da America aproxima-se muito das canôas inteiriças.

“Na America do Sul só é assignalado com segurança entre os Campevas, mas ainda nesse caso se acha extinto ha muito tempo e já o proprio Martius o constatará. A photographia do exemplar que elle ainda encontrou (actualmente em Munich) está em meu poder; é uma verdadeira gamella. (E' possível que se achem no mesmo caso os berços encontrados nos tumulos da região dos Andes, mas não recebi ainda nenhuma resposta de Uhle a esse respeito). Era utilizado como na America do Norte para deformações craneanas. A sua pouca frequencia explica-se tambem na America Central pelo facto de ter sido desalojado pelo typo mais tardio e puramente americano de base achatada (origem: noroeste da America).

“A forma de gamella encontra-se ainda no Mexico. Acha-se estampada no Cod. Mendoza 58; Cod. Vienn. 10, 13, 15, 17, 18, 20, 23. Isso é attestado pela etymologia e pela tradição. Por exemplo: berço: *uapalli*, “madeira, taboa”; “que ainda estão no berço, na taboa”; ou “jazem na madeira, no berço”; *toohuo* (Cahita), traduz-se por “madeira magica, madeira divina” e significa o berço.

“No noroeste da America sei de sua existencia entre os Tchinnuks, Makás, Bellacoolas, Quakiutls; é imitado e feito de trançado entre os Salish e Hupas etc.

“Fora da America domina em toda a Asia septentrional até á região dos ugro-fineses. Na Europa pode ser assignalado em todos os paizes investigando-se a origem tanto de certas palavras

como de objectos. Assim posso mostrar que existiu já no tempo dos indo-germanos.

“Em Bornéu é assignalado em obras escriptas.

“Na Australia, onde se encontra o typo mais primitivo — gamella e dispositivo de suspensão não se acham ligados — domina principalmente no Northern Territory.

“Segundo todas as probabilidades pertence á era totemica de Graebner.

“O Snr. Prof. Weule está convicto de que em tudo isso existem conexões.

“O importante é que todas essas zonas têm em commum costumes significativos que se relacionam com o berço; lembro, assim, que na Australia, no nordeste da Asia, no noroeste do continente americano e na região andina, as crianças defunctas são sepultadas em seu berço, conforme o demonstram as minhas pesquisas, aparentemente para que se facilite assim a ressurreição; na Australia e no noroeste da America são sepultadas em arvores. Seria ir muito longe se eu pretendesse examinar e apoiar mais minuciosamente esse ponto de vista.

“Deveria ser tambem de interesse para seus estudos o apparecimento da tira de suspensão (na maioria dos casos trançada) e que pertence a uma epoca muito posterior (talvez á cultura do arco). Ella domina em toda a America do Sul a oeste dos Andes, mais ou menos até 30° de latitude sul, e alem disso tambem em Java, Ceram, Flôres, assim como na Nova Caledonia e nas Hebridias. Na Africa apparece em todo o circulo cultural do oeste africano.

V

A cultura totemico-matrilinear e a exógamo-matrilinear entre os povos de cultura superior da região dos Andes

Com as regiões do noroeste, porém, está em ligação local directa um outro vasto dominio do circulo cultural totemico, o qual em continua expansão e numa affirmação pronunciada de seus elementos culturaes especificos ultrapassa a zona até aqui tratada e invade uma outra da maior importancia. Trata-se, por surpreendente que isso pareça, dos *povos de cultura superior da região dos Andes*. Effectivamente, conforme teremos a oportunidade de ver, a cultura desses povos edificou-se em suas partes essenciaes, sobre os fundamentos do circulo cultural totemico. A isso accrescentaram-se ainda elementos da cultura exógamo-matrilinear (de duas classes) que se misturou á totemica em quasi toda a extensão do territorio. Esta ultima no entanto, denuncia sua maior antiguidade pelo facto de se manifestar mais accentuadamente ao sul, ao passo que a exógamo-matrilin-

near foi retida mais ao norte, onde logrou firmar-se com maior vigor. Por outro lado falta por completo ou acha-se representado apenas em fragmentos sem grande importancia, um circulo cultural mais jovem, o matrilinear, a cultura do arco melanesia. Assim as culturas superiores sul-americanas edificaram-se, coisa notavel, sobre duas camadas culturaes bem primitivas como o são a totemico-patrilinear e a exógamo-matrilinear. Se ao par desses estratos culturaes basicos accrescentou-se ainda uma influencia recente vinda das regiões austronesicas e como isso se teria dado é o que se examinará ao concluir-se nossa exposição dos circulos culturaes sul-americanos (Cap. IX). Aqui occupamo-nos dos elementos da cultura totemico-patrilinear e da cultura exógamo-matrilinear que, seja como fôr, compõem os amplos fundamentos das culturas superiores andinas da America do Sul.

Logo no caso das FORMAS DE HABITAÇÃO — V. Carta 4: Formas de habitação. — vamos deparar *choças redondas de cobertura conica ao lado de choças quadrangulares de cobertura de 2 aguas*, o que corresponde a um mixto das duas culturas. Entre os chibchas a cobertura é na maioria dos casos quadrangular, de 2 aguas e raramente conica (723). No Imperio dos Incas as casas redondas só são

(723) Assim informa Restrepo 129. Beuchat 560 apresenta todas as casas como redondas com cobertura conica; cita a esse respeito Piedrahita, Historia General de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada, Antuerpia, 1688. Krickeberg 150 tambem fala

construídas occasionalmente; os Aymaras edificam porém camaras sepulcraes redondas, as quaes, se fôr justificada a suspeita de Nordenskiöld, serviram outr'ora para habitação. No littoral e no norte prevalecia, em todo o caso, a habitação quadrangular, mas no sul eram mais frequentes as pequenas choças com coberturas em forma de cupola (724). No interior do Equador só são redondas as casas dos pastos e dos caras (725), entre os canaris só é quadrangular a do cacique (726). No Calchaqui assignalam-se as choças redondas lado a lado com as quadrangulares, sem regularidade (727). Entre os araucanos encontram-se tambem choças redondas e quadrangulares; posto que Latcham tenha as primeiras por mais antigas (728).

Na NAVEGAÇÃO — Carta III, Formas de embarcação e de remo. — o character montanhoso do interior e a pouca continuidade do littoral alteraram muito as formas primitivas de navegação. Encontramos com effeito como caracteristica saliente de toda essa região o predomínio da *balsa*, da balsa de taboas, de junco ou bambú (729). Tudo inclinaria talvez a con-

somente em choças redondas; segundo elle eram ellas entre os Cuevas de cobertura conica e entre outras tribus constituíam gigantescas habitações para varias familias.

(724) d'Orbigny 131; Joyce II 142.

(725) Verneau-Rivet 12, 16.

(726) Verneau-Rivet 30.

(727) Boman¹ 98; Joyce II 225.

(728) Latcham 337.

(729) d'Orbigny 135; Joyce II 60, 125; Verneau-Rivet 14, 54-58; Latcham 189; Friederici II 17 ff.

siderar isso como particularmente primitivo; veremos mais tarde, porém, como é possível uma interpretação completamente diversa. Ao lado da balsa apparece a canôa inteiriça de madeira apenas entre os yuncas (730), na costa do Equador entre mantas e punas (731), no Chile sobretudo entre os chonos (732). Em Chiloe (733) e entre os alacalufs (734) os lados da canôa inteiriça são augmentados em altura com taboas e entre os yagans occidentaes já surgem os botes inteiramente de taboas (735). Assim tambem entre yagans (736) e alacalufs (737) até aos patagões da zona leste do estreito de Magalhães (738), como tambem entre os chonos do Chile (739), apparecem ao mesmo tempo as *canôas de cascas* (costuradas), de modo que nesse ponto a influencia da cultura matrilinear, já salientada (V. pgs. 28, 29 e 59), — pode ser claramente reconhecida.

Quanto aos remos, são infelizmente muito escassas as noticias existentes sobre a forma dos mesmos. Em todo o dominio das culturas andinas só me foi possível descobrir um exemplo: em Cayuapa, no Equador, onde surge um remo sem encosto de muleta, mas por outro

(731) Verneau-Rivet 47, 56.

(732) Medina 191-192.

(733) Medina 192-193; Fonck 294; Friederici II 43 ff; *Musters* 326-327.

(734) Cojazzi 122 e fig. á pg. 121.

(735) Friederici II 41-42.

(736) Cojazzi 108.

(737) Cojazzi 122, e fig. á pg. 115.

(738) Friederici II 42-43.

(739) Medina 192.

lado com castão e pá lanceolada, formas mais ou menos typicas do circulo cultural totemico (740). Alem disso assignala-se tambem o remo de Tumbaco, na Colombia (741), cuja pá é semelhante, mas com cabo provido de encosto de muleta sem duvida uma forma mixta (742).

Quanto ás ARMAS — V. Carta 1: Disseminação das armas. — encontra-se a lança em todo esse dominio e em sua zona de influencia. Menos positiva é a presença do *punhal*; só o registei em Chiloc, e punhal de osso (743). Existe, por outro lado, em toda a região principal, entre os chibchas na Colombia, no dominio dos Incas (Bolivia, Perú, Equador), o propulsor, de forma caracteristica (744).

A essas armas do circulo cultural totemico contra-põem-se não menos claramente as do circulo exógamo-matrilinear. A *funda* é assignalada no dominio dos chibchas (745), em toda a zona dos Incas (746), da

(740) Mus. Berlin V A 33490 "remo para homens, V A 33491 "remo para meninos", V A 33492 "remo para mulheres"; no ultimo a empunhadura — quebrada em um lado — é um pouco mais alargada de modo a approximar-se de um encosto de muleta,

(741) V. pg. 67.

(742) Talvez deva ser tambem incluído nesse caso o remo dos moxos em Eder, Fig. 5, que ostenta uma pá lanceolada, bem assim como um cabo perfeitamente simples.

(743) Medina 138.

(744) V. pgs. 72-73; cf. Verneau-Rivet 255.

(745) Friederici IV 289.

(746) Friederici IV 289; Wiener 684; Joyce II 69, 211, 212; Markham 88, 133; Verneau-Rivet 16, 24, 31, 56.

região calchaqui (747), no Atacama (748) e entre os araucanos (749) até ás varias tribus fueguinas [alacalufs (750), yagans 751), onas (752)]; fóra dessas regiões surge talvez entre os moxos (753), e alem disso somente entre os abipones (754) e os achluslays (755) como brinquedo infantil e tambem entre certos tupís meridionaes (756), tendo sido empregada antigamente pelos chiriguanos na caça á ema (757); todas essas tribus não se acham fóra da zona de influencia da cultura Inca. Verifica-se pois que a affirmação de Friederici segundo a qual a funda só se encontra na America onde é possível o seu apparecimento, não é valida pelo menos para a America do Sul (758).

A maça e a clava em forma de estrella (Morgens-ternkeule) tem a mesma diffusão (759), exceptuados a Terra do Fogo e talvez o Atacama.

(747) Boman I 230.

(748) Joyce II 231; Friederici III^a 289.

(749) Latcham 363.

(750) Cojazzi 124.

(751) Cojazzi 109; Hyades-Deniker 357; Friederici III^a 289.

(752) Cojazzi 51.

(753) Friederici IV 290.

(754) Dobrizhoffer² 405.

(755) Nordenskiöld X 70.

(756) Friederici IV 290.

(757) Nordenskiöld X 183.

(758) V. tambem a respeito Graebner II 65.

(759) Wiener 684-685; Krickeberg 161; Joyce 68, 211-212; Markham 88; Medina 143; Verneau-Rivet 173, 279; Restrepo 146 (41) ff.

O *escudo quadrangular* grande ou medio, na maioria dos casos de madeira, apparece na America do Sul entre os dois povos superiores andinos, os chibchas (760) e os quechuas (761), e em sua zona de influencia ao sudeste [umauas (762), moxos (763), tapanhunas (764), mas tambem na Guyana (765), em região, portanto, bem apartada]. E' difficil a classificação historico-cultural dos escudos redondos (grandes) que são em geral de couro (pelle de tapir), raras vezes de madeira leve (jivaros) ou de trançado, e em geral, com uma alça do lado interno (entre os jivaros uma empunhadura firmemente atada) por onde mettem o braço esquerdo (os escudos quadrangulares tambem são usados dessa forma). Encontram-se entre os quechuas (766) — não entre os chibchas — e em sua zona de influencia meridional, a Araucania (767), bem como em uma serie de tribus selvagens das vertentes da cordilhei-

(760) Restrepo 147.

(761) Markham 122-123; Joyce II 211-212; Tschudi I 215.

(762) Mus. Munich I: 498; o punho é longitudinal e entretecido por cima e por baixo.

(763) Eder, Fig. 4.

(764) Mus. Berlim V B 5411; Graebner (IV 113) apresenta, tambem de Berlim, uma forma procedente dos Trumais. Parece haver engano aqui. Sob a ficha V B 5411 encontra-se no Museu de Berlim um escudo dessa especie, mas attribuido aos Tapanhunas (no alto Tapajoz). Encontra-se ainda um outro escudo de couro quadrangular mas arredondando-se nos lados para a parte anterior, no Museu de Berlim; é da collecção R. Schomburgk, mas carece de qualquer indicação de localização.

(765) Graebner IV 113.

(766) Joyce II 211, Graebner IV 112.

(767) Medina 129.

ra, que confinam com os domínios quechuas "Rio Negro" (768), juris (769), miranhas (770), passés (771), jivaros (772), jucunas (773), macuna-yahunas e aruaques vizinhos (774) e panos do alto Juruá e do Alto Madeira (775), os pebas (776), desana-tucanos (777) (aqui ainda apenas como escudo de dança) e, o que é de admirar, em uma zona inteiramente separada desse território contínuo, entre os antigos tupís da Bahia na costa oriental (778). Também é muito para admirar a presença do escudo quadrangular na Guyana.

Outra arma defensiva que, essa, todavia, é característica do círculo cultural totemico constituem entre os peruanos do littoral as couraças de ripas ou sarraços de madeira (779), no Imperio dos Incas, o arnez de ouro, prata e chumbo (780), a couraça dos Tsonecas, de

(768) Graebner IV 111 ff.

(769) Martius I 505; Graebner I V 111.

(770) Extraviaram-se os dados que eu tive para essa indicação de modo que não posso responsabilizar-me pela sua segurança.

(771) Martius I¹ 505, 515.

(772) Rivet 51.

(773) Mus. Vienna 1563 (de pelle de anta).

(774) Koch-Grünberg IVb 220; V² 287 ff.

(775) Ehrenreich V 70; Krickeberg 115; Stegelmann 136.

(776) Poeppig² 420; é certo que não ha indicação, nesse caso, da forma do escudo, mas como o mesmo seria de "couro de crocodillo" só se pode tratar de um escudo redondo.

(777) Koch-Grünberg V 258, 344, 346, V² 59; Graebner V 111.

(778) Jean de Léry 224; Martius I¹ 196; Graebner IV 111; o motivo será investigado onde (Secção XI a) se examinar mais detidamente a importancia das tribus tupís como transmissoras de elementos occidentaes para leste.

(779) Krickeberg 160.

(780) Tschudi I 217.

pelles e acolchoada (781), a couraça araucana (782) e dos abipones (783); além dessas a couraça abdominal dos achluways, de pelles grossas (784), que resulta da influencia desse circulo cultural.

Entre os INSTRUMENTOS MUSICAES assignala-se tambem para toda a cultura peruana (785) e para a sua zona de influencia chilena (786), a *flauta de Pan*, além das *flautas longas e trombetas de concha*, ao que parece com orificio para sopro na extremidade. Quanto ás flautas de Pan peruanas (e bolivianas), assim como as do noroeste do Brasil e dos uananas, que com aquellas se relacionam (V. pg. 105 sqs.), mostrou E. von Hornbostel que não somente na dupla seriação dos tubos (oitava alta e oitava baixa) e na forma caracteristica pela qual são ligados (taboinhas achatadas com fios que se entrecruzam), mas ainda na propria afinação do som grave de todo o systema, correspondem perfeitamente ás flautas de Pan do Choiseul occidental nas ilhas de Salomão (787).

A FORMA DE SEPULTURA assignalada na Oceania para a cultura tatemica — V. Carta 6: Sepulturas. — é a chamada Sepultura sobre plataforma.

(781) Musters 179.

(782) Medina 129.

(783) Dobrizhoffer² 406.

(784) Nordenskiöld X 139.

(785) V. por exemplo Mus. Munich I: C 2776 a 2779, Ica, Huacho.

(786) Chile septentrional: Mus. Berlim V C 24 ff; Noroeste da Argentina: Mus. Berlim V A 11 283.

(787) Hornbostel II 612 ff.

Essa forma não é encontrada em parte alguma na nossa area sul-americana. Já tive porém a opportuni-
dade de indicar alhures (788) como é indeciso o ver-
dadeiro sentido e por consequente a possibilidade de
determinação historico-cultural dessa forma de sepul-
tura. Parece, comtudo, que o objectivo da mesma
é fazer com que se reseque o cadaver, impedir
a putrefacção sob a terra, de modo a que o corpo
assim secco (e depois devidamente enfardado) possa
preservar-se "intacto" por mais tempo. Se tal coisa
succede, effectivamente, nesse caso, a sepultura sobre
plataforma da Oceania tem sua replica na *mumificação*
do cadaver, que occorria nas velhas culturas perua-
nas (789). Esse systema era usado tambem entre os
chefes chibchas (790) e na região calchaqui (791).
Mais ao sul apparece entre os araucanos tambem uma
breve e verdadeira sepultura sobre plataforma (792);
mas entre os huillitches, seus affins, usa-se uma especie
de mumificação em que o defunto e seu melhor cavallo
são embalsamados, reseccados na fumaça e depois enter-
rados (793). Fóra do dominio das culturas superio-
res com suas reduzidas zonas de influencia, vamos en-
contrar em outra séde de cultura totemica, na região

(788) W. Schmidt III 1034 ff.

(789) S. Preuss 164-170, 186-188, 192-194, especialmente Uhle
361, 365.

(790) Restrepo 34-35.

(791) Boman² 589-591 ff.

(792) Latcham 364 ff.

(793) Poeppig² 393.

do Xingú-Araguaya, entre os Maués, o reseccamento do cadáver do cacique transformado em mumia (794); por outro lado, entre os carajás, a suspensão temporaria do cadáver, envolto em um panno, a uma vara sobre a cova (795) faria pensar na sepultura de plataforma. No entanto uma legitima sepultura sobre plataforma era usada geralmente pelos guaraunos no Orenoco; em casos mais raros o defunto, envolto em folhas e na rede, era mettido em uma arvore ôca, ou em uma canôa e deixado a seccar numa choça abandonada em seguida (796). O verdadeiro sentido da mumificação poderia ser o de dar expressão á crença em uma sorte de immortalidade inclusive do corpo, tal como é professada claramente tambem na mythologia solar totemica do sul da Australia em contraste com a mythologia lunar do circulo cultural anterior, que admite a mortalidade do homem e acredita em uma immortalidade que se accrescenta só depois (797). Uma crença na immortalidade do corpo vamos encontrar apenas no Perú, ao menos no que respeita ao proprio Inca: acreditava-se que o Inca não morria, mas que seu pae, *Inti*, o sol — o qual, em verdade, tambem não morre, nunca diminúe e se dissipa completamente como a lua, — chamava-o a si para o repouso (798).

(794) Martius I 404.

(795) Ehrenreich II 31-32; Krause II 330-331.

(796) Chaffanjon. 14.

(797) W. Schmidt V 342, 376, 383 ff.

(798) Beuchat 604.

Ao par da sepultura totemica ha a sepultura propria da cultura matrilinear de duas classes — enterro provisório de cadaver, depois exhumação e retirada do craneo —, a chamada *sepultura indirecta*, mais rara e só praticada occasionalmente. Occorre com mais frequencia no littoral entre os chimus, onde houve caso em que se separaram os craneos de todos os defuntos do sexo feminino (799), e na zona calchaqui, onde frequentemente se enterravam os craneos separadamente do resto do corpo (800).

Sobre a chamada *sepultura directa em urnas*, que tambem não falta na região dos Andes e do seu valor historico-cultural tratar-se-á mais tarde.

A crença totemica na immortalidade encaminha-nos directamente á MYTHOLOGIA SOLAR, que na Oceania é propria do circulo cultural totemico. O predomínio intenso do culto solar no imperio Inca como entre chibchas é bem conhecido para que se torne necessario assignalal-o em particular. Mas tambem não faltam traços muito especiaes de semelhança com as mythologias da Oceania ou com outras mythologias solares do Velho Mundo. Os Incas, que passavam por filhos do Sol, descenderiam tambem, segundo uma tradição, de cinco falcões (801). Na iniciação dos ado-

(799) Markham 218.

(800) Joyce II 226; Boman¹ 262-279.

(801) Beuchat, 612. Cf. tambem o falcão sagrado, o Ayar Manco, que o chefe da primeira immigração Inca conduzia deante de si em uma gaiola e era o espirito de sua familia a quem elle chamava "irmão". Markham 50,

lescentes o falcão desempenhava igualmente um papel (802). A irmã-esposa do Inca tinha o titulo de *Mama-Oclo*, ou "Mãe Terra", assim como em muitas mythologias solares do Velho Mundo o sol é o esposo da terra (803).

Por outro lado a LUA tambem é para os Incas irmã e esposa do sol, e tem o titulo de *cooya* "rainha"; ella é a protectora das mulheres. Entre os chibchas, por sua vez, *Bochica*, o heroe dessa cultura, é identificado ao sol e *Chia*, a lua, é sua mulher (804). No Calchaqui, ao lado de *Pachamana*, a mãe terra, adorava-se tambem o sol, como dispensador da fecundidade (805). Por outro lado, entre os Araucanos, a lua era, em verdade, a esposa do sol; todavia a adoração era reservada não a este mas somente a ela (806). Na zona mais estricta das culturas inca e chibcha ha noticia igualmente do culto á lua como tendo sido practicado originariamente por certas tribus, como os panches da Colombia; o culto da serpente e o da pedra entre outros grupos são tambem um indicio desse facto (807). Eram similares as condições no littoral peruano antes da conquista pelos Incas (808). Os chimus adoravam aqui a lua como divindade princi-

(802) Markham 132.

(803) Beuchat 604.

(804) Beuchat 558-559; Joyce II 27-29.

(805) Joyce II 224.

(806) Latcham 347.

(807) Joyce II 26-27.

(808) Joyce II 66, 67 cf. 157,

pal (809). Nesse culto á lua cabe verificar se existiam influencias da cultura de duas classes, matrilinear, á qual, na Oceania, é peculiar uma certa mythologia lunar.

Finalmente tanto a cultura totemico-patrilinial como a matrilinear de duas classes estampam-se nitidamente nas **RELAÇÕES SOCIAES** das culturas superiores andinas. A successão hereditaria fazia-se, em geral, segundo a *linha paterna*. Mas entre os chibchas tanto a successão hereditaria entre os soberanos como a filiação na nobreza entre os funcionarios e officiaes eram regulados segundo o criterio *matrilinear* (810). Entre os puruhaes, no interior do Equador herdava, de accordo com os principios do direito materno, não o proprio filho, mas o filho da irmã; entre os caras herdava este quando não havia nenhum descendente do sexo masculino, o mesmo occorrendo entre os mantas e tambem no Perú (811). Temos, neste ultimo caso, um exemplo de conciliação formal entre os principios de direito paterno e materno. No caso dos araucanos tambem Latcham admite a linha materna para parentesco e descendencia (812); todavia não fica bem claro se, nesse caso, certas generalizações theoricas inacceptaveis, decorrentes da extensa diffusão

(809) Markham V. 216.

(810) Joyce II 14, 23; Beuchat 552 com excepção do Quimbaya.

(811) Verneau-Rivet 20, 25, 48.

(812) Latcham 354.

do matrilinearismo na America, não teriam cooperado fortemente para tal atribuição. O certo é que na successão e nas questões ligadas á hereditariedade, entre os caciques, predomina o direito paterno (813).

Entre os peruanos encontramos, correspondendo ao circulo cultural totêmico-patrilinear, uma INICIAÇÃO ampla dos adolescentes com flagellações frequentes (814). Mas também, de accordo com o circulo cultural matrilinear, a primeira menstruação das raparigas é acompanhada de ceremonial festivo (815); o mesmo ocorre ao sul entre os tsonecas (816).

Não se pode finalmente duvidar da existencia de um legitimo TOTEMISMO entre os peruanos. Os conhecidos *ayllu* nada mais são do que perfeitos clans totêmicos; os membros de um *ayllu* acreditavam descender de um objecto da natureza (*huaca*), animal, arvore, mar, montanha, que também veneravam e através do qual todos aquelles que pertencessem a um *ayllu* se julgavam vinculados entre si pelo sangue. Um *ayllu* abrangia habitualmente uma aldeia e com isso também se determina a localização do totem (817). Celebravam igualmente dansas de mascara em que usavam as mascaras dos totems. As *dansas de mascara* em si, na medida em que eram usadas mascaras com

(813) Latham 355, 360.

(814) Markham 130-132. V. acerca das tribus selvagens pgs. 76-77.

(815) Tschudi I 215.

(816) Musters 85 ff.

(817) Joyce II 154; Beuchat 597 ff. 610 ff.; Markham 159 ff.

figura humana representando pessoas mortas, procedem da cultura matrilinear de duas classes, e quando houvesse tambem mascaras representando animaes, isso seria indicio de uma mistura com o totemismo.

As duas *classes matrimoniaes*, peculiares á cultura exógamo matrilinear tambem existiam na propria Cuzco e se tinham localizado como os *ayllu*; cada qual tinha certa quantidade de *ayllu* em si, de sorte que este tinha tomado o caracter de phratria (818). Dessa cultura matrilinear teria surgido tambem a endogamia do *ayllu*, que se manifesta na época historica, a menos que não tenha sido introduzida mais tarde pelos Incas (819).

Em outros lugares, talvez tambem entre os cañaris, no interior do Equador, encontram-se traços de *totemismo*. As dansas de mascara em que se usam mascaras representando animaes eram celebradas em honra a uma divindade, Chiqui, no Calchaqui (820). O totemismo parece ter existido entre os araucanos de modo ainda mais claro, e talvez até a harmonização de

(818) Joyce II 100. Cf. tambem Beuchat 597-598. Krickeberg (159) pretende, de resto, que "entre os peruanos Incas e outras nações das montanhas (entre outras os Cañaris) a tribu se dividia em duas phratrias que nos Incas só mais tarde teriam tomado um sentido geographico, vinculado-se á historia da cidade de Cuzco.

(819) Joyce II 105.

(820) Joyce II 225; Boman¹ 190. Eram antes cabeças cortadas a animaes selvagens, que traziam nas mãos. Mas foram tambem encontradas uma verdadeira mascara de pedra e outra de madeira. Joyce II 230, 231; Boman¹ 131², 745.

dois determinados clans totemicos em uma especie de classe matrimonial, como succede em alguns casos na Australia (821); mas tambem usavam mascaras esculpidas em madeira. Quando neste caso se allegasse que assim occurria durante as lutas, "para assustar o inimigo" (822), conviria indicar que em combate os araucanos tambem levavam á testa cabeças de animais (823), o que recorda por sua vez os guerreiros peruanos, que ostentavam sobre si emblemas de animaes (824).

(821) Latcham 360 ff.

(822) Fonck 286.

(823) Medina 129.

(824) Joyce III 55, 127.

VI

Existiu entre os povos de cultura superior da região andina a cultura matrilinear livre ou a cultura do arco?

Deante dessas vigorosas manifestações da cultura totemica patrilinear e mais pallidamente — posto que de forma ainda bem marcada — da cultura matrilinear de duas classes, ambas surgindo com nitidez entre as culturas andinas superiores, tão tenues e tão pouco numerosos são em todo esse dominio os elementos de cultura matrilinear livre, da chamada cultura do arco, que cabe duvidar se ella chegou de facto a ter importancia aqui, ou até se chegou a penetrar em bloco nestes dominios.

Entre os elementos que poderiam ser tomados em consideração nesse caso, cumpriria contar, antes do mais a presença do arco. Todavia ella deveria ser designada como elemento perfeitamente duvidoso para a zona por assim dizer nuclear das duas culturas superiores andinas. Joyce nota que entre os chibchas

alguns guerreiros também usavam o arco, mas que este não se achava tão em uso como entre as tribus selvagens (825). Restrepo não cita o arco na sua enumeração de armas (826); tão pouco o mencionava Krickeberg (827), que além disso atesta expressamente a falta do arco e da flecha entre os cuevas e no valle de Cauca (828). Entre os Incas, Joyce (829), e Beuchat (830) assignalam de passagem a presença do arco, sem menção de fonte; Markham (831) e Krickeberg (832) não lhe fazem referencia e Wiener (833) contesta expressamente sua presença. Compreende-se assim que Krickeberg, fazendo um exame de conjunto, trate da ausencia do arco como característica "de todos os povos de cultura superior da região andina" (834). Não ha além disso nenhum testemunho da existencia de arco e flecha entre os povos preincaicos; Markham não os menciona entre os chimus, quando lhes enumera as armas (835).

Nessas condições torna-se duplamente digna de nota a existencia de arcos em um tumulo em An-

-
- (825) Joyce II 25.
(826) Restrepo 145 ff.
(827) Krickeberg 150.
(828) Krickeberg 147.
(829) Joyce II 113.
(830) Beuchat 670-671.
(831) Markham 88.
(832) Krickeberg 161.
(833) Wiener 684.
(834) Krickeberg 146.
(835) Markham 214 ff.

con (836); trata-se de algumas varas de arco (em parte quebradas) e, o que é mais estranho, com secção transversal quadrangular como ocorre entre os arcos das tribus selvagens cujo habitat se acha mais contíguo ao das culturas superiores andinas, prolongando-se em parte até ao interior dos domínios destas (V. pgs. 36-37); é possível também que provenham de taes culturas. Em um dos exemplares ha uma ponta engastada, nos outros as extremidades estão partidas ou damnificadas, de sorte que nada se pode dizer ao certo sobre o modo de fixação da corda. Uma e outra coisa — corte transversal quadrangular (e um pouco arqueado para o lado de dentro) e ponta engastada — surgem claramente em um arco que ainda hoje seria usado entre os indios das immediações de La Paz (837). Deante de tudo isso é difficil não pensar em uma infiltração e penetração dos indios bravios na zona cultural do velho Perú.

Só nos territorios mais ao sul resurge o arco. Mas entre os changos, ao norte do Atacama, Joyce attesta que as populações mais velhas não o conheceram (838). No Atacama foi achado um arco pre-historico (839); a julgar porém pela madeira de que é fabricado, proveio de fóra, e tanto o corte transversal como sobretudo as pennas breves da flecha, com

(836) Mus Berlin V A 6828-6829. Col. Reiss e Stübel.

(837) Mus. Berlin V A 11538.

(838) Joyce II 218.

(839) Boman² 728-729.

emplumação de resina, indicam nitidamente o Chaco como lugar de procedencia. Exactamente o mesmo pode dizer-se de três arcos encontrados na zona Diaguita (Calchaqui) (840). Assim também os arcos encontrados em Agua Caliente [noroeste da Argentina. Prov. de Jujuy] (841) pelas dimensões e pelo corte transversal $\curvearrowright \nabla$ indicam claramente o Chaco como zona de procedencia. As exiguas dimensões do arco dos araucanos (842) apresentam os mesmos indícios.

Alem disso conviria tomar em consideração aqui a presença da *ceramica*. Esta, porem, acha-se entre os povos superiores andinos tão altamente desenvolvida, que é difficil associar-a ás formas primitivas da cultura do arco e, na maioria das suas produções, tanto a riqueza artistica das representações que offerece, como a delicadeza de suas paredes excluem a applicação da simples technica de roletes em espiral, propria da cultura do arco. E' pois muito inverosimil que a ceramica, nesse caso, derive da cultura do arco.

As *feiras*, que se realizam entre os *chibchas*, e as *pontes pensis* existentes entre elles e entre os peruanos (843) poderiam em todo o caso provir da cultura do arco; mas aqui no extremo norte do dominio dessas culturas superiores poderiam facilmente resultar de

(840) Boman¹ 343², 644.

(841) Mus. Berlin V A 374.

(842) Medina 135 ff.

(843) Graebner I 1016.

uma importação de outra zona. Acresce ainda, que mesmo nos mares austraes esses dois elementos ainda são attribuidos ora á cultura do arco ora á cultura das duas classes.

Assim deveremos dizer, resumindo, que uma invasão compacta da cultura do arco entre as culturas superiores dos Andes deve ser considerada, ao menos por emquanto, como extremamente inverosimil.

VII

Existiu na America do Sul, fóra das regiões andinas de cultura superior a cultura exógamo-matrilinear ou de duas classes?

Mas o que de tudo isso decorre claramente é que na America do Sul a cultura exógamo-matrilinear, isto é a chamada cultura de duas classes não emigrou em intima associação com a cultura matrilinear livre, ou cultura do arco, conforme pretendeu Graebner a principio (845), mas *independentemente della* como o mesmo Graebner já hoje admitte (846). Por outro lado a primitiva opinião de Graebner poderia applicar-se com perfeita justiça ás demais partes da America do Sul, já que a existencia aqui de uma cultura de duas classes independentes, ou apenas a presença da mesma, em associação com a cultura do arco, pode parecer, com effeito, extremamente duvidosa.

(845) Graebner I 1018.

(846) Graebner II 58-59.

Antes de tudo nunca se encontrou nesse dominio o systema das duas classes ou sequer vestigios desse systema. A *matrilinearidade* bem pronunciada apparece, por certo, em diversos pontos, mas em menor grau precisamente onde surgem elementos reaes da cultura das duas classes; ella pode, pois, ser attribuída, nesse caso, somente á cultura do arco. Em varias tribus ha, effectivamente, o costume de exhumar o cadaver e sepultal-o pela segunda vez. Mas não existe o culto ao craneo. Faltam alem disso a *clava de maçaneta* (Kolbenkeule) e o escudo largo e rectangular (847).

Assim restam ainda, como elementos da cultura das duas classes, os seguintes: habitação com cobertura de 2 águas, dansas de mascara, canôas de taboas e canôas de cascas (cosidas ou ajustadas), flauta de Pan, trocano ou tambor de signal. Numero que já não será, em si, muito consideravel. Alem disso succede que o agrupamento de muitos desses elementos ocorre de forma tal que ainda se tornam possiveis explicações differentes.

O dominio de taes elementos estaria, por um lado, na zona de influencia directa das culturas superiores andinas — é o que se dá com a *flauta de Pan*:

(847) Este existe só isoladamente nas tribus que foram attingidas pela influencia das culturas superiores andinas. V. a esse respeito pg. 86 sqs. Apenas a sua presença na Guyana estabelece certas difficuldades para essa attribuição.

uananas (848), tucanos (849), jurís (850), siusis (851), cauas (852), cauxianas (853, passés (854), maquiritares (855), pebas (856), omaguas (857), cocamas (858), moxos (859), parecís (860), jurucarés (861), guarayos (862), paumaris (863), nahuquas (864), mehinacús (865), jurunas (866), chamacocos (867), choropas (868), trios (869), ojanas (869). A admissão da procedencia do dominio cultural andino é ainda mais fortalecida, nesse caso, pela informação de E. von Hornbostels segundo o qual as flautas de Pan do no-

-
- (848) Koch-Grünberg V² 58; Mus. Berlim V B 6317-6325.
 (849) Koch-Grünberg V 299 ff.; Mus. Berlim V B 6317-6325.
 (850) Mus. Munich I: 444.
 (851) Koch-Grünberg V¹ 86; Mus. Berlim V B 6317-6325.
 (852) Mus. Munich II.
 (853) Mus. Munich I: 451; Bates 394.
 (854) Mus. Munich I 453; Martius I¹ 518-519.
 (855) Chaffanjon 268.
 (856) Mus. Berlim V B 417.
 (857) Mus. Berlim V A 351.
 (858) Mus. Berlim V B 805.
 (859) Church 107-108.
 (860) Mus. Berlim V B 2010, 2011; v. d. Steinen II 433; M. Schmidt II 174.
 (861) Nordenskiöld VIII 76; XII 143.
 (862) Mus. Berlim 4535.
 (863) Steere 387.
 (864) Mus. Leipzig 6013.
 (865) Mus. Leipzig 6124, 6125, 6127; Mus. Berlim V B 410.
 (866) v. d. Steinen I 259.
 (867) Mus. Berlim V C 2740-2755; ha uma forma particularmente primitiva que reune duas (ou três) flautas, e em todos os exemplares cada qual é ligada ás demais só em uma extremidade ficando a outra completamente solta.
 (868) Mus. Leipzig 2469.
 (869) de Goeje I, Carta VII 13.

roeste do Brasil coincidem com as peruanas antigas não apenas na sequencia de sons como na afinação dos mesmos (870).

Por outro lado a amplitude de diffusão dos mesmos elementos caberia em parte nessa zona de influencia apresentando ao lado de outros elementos de culturas mais jovens (871) uma disseminação que pode ser facilmente esclarecida, seja no noroeste (e nordeste), seja na região do Xingú-Araguaya; em ambos os casos poder-se-iam considerar taes elementos como aquisições secundarias da cultura das duas classes atravez das culturas superiores andinas. Assim ocorre no caso da diffusão das *mascaras de dança*, que se encontram entre as tribus seguintes: a) Ticunas (872), chanchamayos (873), cobeuas (874), uananas (875), macunyahunas (876), tarimanas (877), opainas (877), buhaganas (877), canas (878), passés (879), arhuacos (880);

(870) Hornbostel I 390.

(871) V. a respeito secção XIa.

(872) Martius I¹ 445; Mus. Berlim V B 908 a 913, 1320-1322, 1752-1766, 1769, 1772; Mus. Munich I; Col. Spix-Martius; Mus. Vienna 1476, 1477, Col. Natterer.

(873) Mus. Berlim V A 3375, 3376.

(874) Koch-Grünberg V² 151; adquirido ao contacto dos aruaques.

(875) Koch-Grünberg V² 58.

(876) Koch-Grünberg V² 291.

(877) Mus. Berlim Col. Koch-Grünberg.

(878) Koch-Grünberg V¹ 114, 128, 130.

(879) Martius I¹ 512-513.

(880) Sievers 94.

b) (881), carajás (882), chavayes (883), camayuras (884), auetós (885), mahinacús, (886), trumais (887), bacairís (888), nahuquas (889), parecís (890), chama-cocos (891). Succede ainda que em muitos casos trata-se de mascaras representando animaes, o que indica a mesma mistura de concepções animistas já notada nas mascaras de dança dos peruanos (V. pgs. 96-97).

E' ainda mais cerrada a diffusão do trocano. Apparece a) entre os caverres no Orecono (892), entre os arebatos no mesmo local (893), entre os uitotos (894), miranhas (895), jivaros (896), tucanos (897); b) entre os auetós (898). Cumpre salientar, a proposito, que

-
- (881) Cf. para toda a região v. d. Steinen II 295 ff.
 (882) Ehrenreich II 35-36; Krause II 331-332.
 (883) Krause II 367.
 (884) Mus. Berlim, Col. v. d. Steinen V B 2220, 2278 e Col. Meyer 4233 a 4249.
 (885) Mus. Berlim = 37; M. Schmidt II 84.
 (886) Ehrenreich III 86, 90; Mus. Berlim = 37.
 (887) Mus. Berlim = 37.
 (888) Mus. Berlim = 37; v. d. Steinen II 176, 325; Ehrenreich III 90.
 (889) Mus. Berlim = 37.
 (890) v. d. Steinen II 434.
 (891) Fric 119.
 (892) Gumilla, em Koch-Grünberg I 277.
 (893) Chaffanjon 99, V. quadro.
 (894) Hardenburg 136; Koch-Grünberg V² 302-303.
 (895) Martius I¹ 538.
 (896) Rivet 39.
 (897) Koch-Grünberg V¹ 276-279. "ao norte do Amazonas, do Orenoco..., atravez do Caiary-Uaupés, Japurá, Ica, até ao sopé das cordilheiras..."
 (898) M. Schmidt II 84.

a attribuição do trocano á cultura de duas classes ainda não é coisa absolutamente indiscutível (899).

No caso dos dois elementos ainda restantes encontramos, sem duvida, uma diffusão diversa daquella que apresentam os três já citados. São elles a habitação quadrangular e as canôas de taboas e de cascas. Quanto á *habitação quadrangular* — V. Carta 4: Formas de habitações. — com cobertura de 2 aguas, encontra-se tambem, é certo, na zona que confina com os Andes e igualmente no noroeste: entre os goajiros (900), churuyas (901), miranhas (902), jivaros, (903), tauares (904), cobeuas (905), tucanos (906), baras (907), uanauas (908), tsoloas (909), tuyucas (910), esiusis (911), cauas (912), uaupés (913) —

(899) Graebner I 743.

(900) Polko, 82; segundo Polko não havia aqui habitações sobre estacas; Ernst I 333 diz que existiam.

(901) Saenz 328; estes simultaneamente com as choças arredondas.

(902) Martius I¹ 539.

(903) Rivet 37-38; com a cumieira arredondada.

(904) Stegelmann 135.

(905) Koch-Grünberg V² 85.

(906) Pfaff (597).

(907) Koch-Grünberg V¹ 331.

(908) Koch-Grünberg V¹ 144-146.

(909) Koch-Grünberg V² 268; arredondando-se no espigão.

(810) Koch-Grünberg V¹ 315, 232, Carta XI; como 10.

(911) Koch-Grünberg V¹ 73.

(912) Koch-Grünberg V¹ 113, Carta III.

(913) Martius I¹; arredondado na cumieira, na habitação do cacique.

como ainda no sudoeste, entre os chiriguanos (914), chacobos (915), juracarés (916), guatós (917); na região do Xingú entre os tapirapés (918) e jurunas (919); mais ao sul entre cainguás (920) e coroados (921) e por fim a leste do Rio Negro entre os galibis (922), os macuxis (923), os acavois (924), sendo que entre estes ultimos lado a lado com as choças de cobertura conica. Resta saber, no entanto, se nesta ultima zona não teriamos antes uma forma de regressão — sob a influencia das choças de cobertura conica — do typo de habitações sobre palafitas, que com effeito tambem existem ao norte dessa região (925). Ha ainda uma outra possibilidade bem plausivel para a região ao sul do Amazonas; a de que as tribus tupi-guaranis localizadas á principio á altura das nascentes do Amazonas

(914) Nordenskiöld X 173-175; Rosen 653.

(915) Nordenskiöld VIII 107.

(916) Nordenskiöld VIII 54-55.

(917) M. Schmidt II 177 ff.

(918) Krause II 407.

(919) v. d. Steinen I 252-253.

(920) Königswald II 378-380; Vogt III 202.

(921) Hensel 128; Martius I¹ 311.

(922) Martius I¹ 736.

(923) Schomburgk¹ 358-359, cf. Quadro 388 — 410; algumas quadrangulares com cobertura de 2 aguas, outras redondas com cobertura conica; Natterer in Martius I¹ 648: nas florestas somente choças de cobertura conica.

(924) Im Thurn 203-204: muito raramente redondas, em geral quadrilateraes ou quadrangulares com cobertura de 2 aguas, entre todos os indios que vivem em florestas.

(925) V. adiante e sobre a força de persistencia das habitações em palafitas. Secção XI b.

e em contacto com as culturas superiores andinas, tenham sido, nas suas migrações rumo a leste e sudeste, os portadores de semelhante forma de habitação dessa area para o territorio do Xingú-Araguaya e para o sudeste do Brasil (926), uma vez que precisamente de todos os grupos que ao sul do Amazonas constróem esse typo de habitação são ellas as que o apresentam em maior escala (927).

Diversamente succede á *canôa de taboas* e á *canôa de casca* — V. acerca disso carta 3: Formas de embarcações e de remos. — A canôa de taboas é usada pelos indios varaus (928) e vapixanas (929). A canôa de casca é empregada pelos tupís do littoral (930), os trios (931), piaroas (932), crixanas (933), macuxis (933), vaicas (933), aroaques (933), varaus (933), arecunas (934), maopityans (935), acavois (936), muras (937), araras (938), no alto Mamoré, no Chimoré, no Beni, no Madeira (939), entre os

(926) V. a respeito cap. XI a.

(927) Cf. a respeito, tambem, pg. 119 sqs.

(928) Im Thurn 271, 292 ff.; Gumilla¹ 229.

(929) Im Thurn 271, 292-294.

(930) Jean de Léry 228; Friederici II 40.

(931) de Goeje II 4.

(932) Chaffanjon 199.

(933) Friederici II 39.

(934) Im Thurn 216.

(935) Schomburgk² 472.

(936) Im Thurn 296.

(937) Friederici II 41.

(938) Keller-Leuzinger pg. 101.

(939) Friederici 41.

auetos (940), mehinacus (941), jaulapitis (942), trumais (943), bacairis (944), parecís (945), pamauris (946), ipurinas (947), yamamadis (948), maués (949), acipoya-curuahes (950) e certos ges entre os quaes, porém, apparece em geral raramente (951). Deve-se ter em vista, no entanto, que para toda essa região, até onde seja possível julgar por informações positivas, não se trata de canôas de cascas cosidas umas ás outras — só estas, em realidade, valeriam como característicos da cultura de duas classes —, mas de canôas de casca inteiriça e recurvada, que mesmo nos mares austraes são consideradas typicas não da cultura matrilinear de duas classes, mas de uma corrente anterior da cultura totemico-patrilinial (952), de sorte que com essas embarcações temos mais um indício (V. pg. 79) da presença deste ultimo circulo de cultura em particular na zona do Xingú. Os escassos exemplos de

-
- (940) v. d. Steinen II 234 Carta X.
 (941) v. d. Steinen II 234.
 (942) v. d. Steinen II 234.
 (943) v. d. Steinen I 196.
 (944) v. d. Steinen I 166, II 234.
 (945) v. d. Steinen II 433.
 (946) Martius I¹ 421; ao lado de canôas de madeira inteiriças segundo Steere (365, 389) e hoje ainda apenas estas.
 (947) Ehrenreich II 59; Steere 369, 376.
 (948) Steere 385.
 (949) Martius I¹ 404; ao lado de canôas inteiriças de madeira.
 (950) Snethlage 618; ao lado de canôas inteiriças de madeira.
 (951) Martius I¹ 324; Suyas: v. d. Steinen I 210.
 (952) Graebner I 727.

existencia do bote de taboas no littoral do nordeste, onde fica a porta de irupção da migração dos aruaques (e caribas), só serviriam para comprovar que nos achamos aqui em face de um elemento *isolado*, adquirido por esses povos em algum lugar e primitivamente á cultura de duas classes — ou mesmo em resultado de influencias européas ulteriores. Exactamente pelo facto, de se tratar de um elemento isolado não é de natureza a desfazer a franca improbabilidade de, fóra das culturas superiores andinas na America do Sul, a cultura de duas classes ter tido uma existencia separada ou siquer tenha entrado como componente, ao lado da cultura matrilinear-livre, no mencionado territorio. Essa a opinião que ainda uma vez, para concluir, importa formular a respeito de tal problema.

VIII

O circulo cultural matrilinear-livre ou a cultura do arco na America do Sul

O circulo cultural que na America do Sul, fóra da região andina, se seguia immediatamente ao totemico-patrilinear era antes o matrilinear livre, ou seja a chamada cultura do arco. Deste se poderá dizer com certa segurança que ingressou *por si só* — conforme já foi assinalado —, e que nem sequer surgiu na mistura, occorrida porventura em época anterior ao seu apparecimento no continente sul-americano, com o circulo exógamo-matrilinear, a chamada cultura de duas classes. Esse circulo cultural matrilinear livre, cujos representantes foram sobretudo os *aruaques* e *caribas*, e talvez tambem os *tupís-guaraní* (953), cobria as amplas bacias do Orenoco e do Amazonas, assim como a região banhada pelos respectivos afluentes. Ao noroeste do Xingú-Araguaya misturou-se, como já nota-

(953) V. a respeito capitulo XI a.

mos (954), ás tribus de cultura totemica repellidas para essas areas, ao passo que no sudeste da bacia amazonica e tambem na propria região do Xingú-Araguaya ainda encontrou restos bem consideraveis do mais antigo circulo cultural, que no primeiro caso concentra-se no Chaco e no segundo entre os povos gés. Aqui tambem esse encontro deu ensejo a certos processos de mistura.

O quadro que dessa forma obtemos indica que em todas as regiões ao sul do Amazonas e na zona noroeste, a cultura do arco só logrou implantar-se de forma relativamente tenue. Por conseguinte a sua area propria poderia ser assinalada apenas nas terras ao norte do Amazonas e a leste do Rio Negro, posto que ainda aqui não se acham de todo excluidas as misturas com elementos totemicos mais antigos. Tudo isso se observa de forma particularmente caracteristica com relação a três elementos, ao arco e flecha, á casa e ao remo.

Quanto ao ARCO e FLECHA já foram apresentados acima (pgs. 29 sqs., 43 sqs.) os dados necessarios. Não só o corte transversal da vara que caracteriza a cultura do arco  e  (concavo) (V. pag. 33 sqs.) como a não emplumação da flecha (V. pgs. 46-47) encontram-se em essencia apenas na região ao norte do Amazonas e ainda aqui sobretudo a leste, portanto no proprio coração da area da cultura matrilinear livre.

A forma de habitação peculiar ao circulo do arco — V. para toda esta secção carta 4: Formas de habitação. — a CONSTRUÇÃO SOBRE PALAFITAS encontra-se tambem apenas nesse nucleo e de forma tão pronunciadamente historico-cultural”, que pode servir como um bom testemunho da existencia da cultura do arco. Krause, no entanto, della se servira como prova em contrario, primeiro pelo facto de tambem terem existido construcções sobre palafitas na embocadura do Paraguay, e depois porque mesmo na America do Sul ellas teriam sido condicionadas puramente pela geographia. “E’ caracteristico alem disso que surja em toda parte nos lugares pantanosos e que a construcção sobre palafitas em terreno secco, que existe de resto na Oceania e no sudeste da Asia, não chegou a introduzir-se aqui, comquanto em certas occasiões pudesse prestar bons serviços” (955). Nesse caso cumpre dizer, antes de tudo, que não foi aparentemente bem verificado o primeiro ponto, a saber o da existencia de casas sobre palafitas “á embocadura do Paraguay”; pois suspeito que Krause tenha em vista o que diz J. Lehmann em seu bello estudo intitulado “As construcções sobre palafitas no presente” (956): — “Heierli (957) recorda ainda uma aldeia de construcções sobre palafitas ao sul de Buenos Aires, em La Plata (Roco del Riachuelo), mas não dá maiores

(955) Krause III 3.

(956) J. Lehmann 43.

(957) Heierli 104.

pormenores a respeito". Todavia mesmo quando se confirmasse tal informação, a verdade é que ella nada argue contra o methodo historico. E' preciso convir tranquillamente em que a possibilidade de um surto independente não deve ser excluida em semelhantes condições. Parece-me isso tão innegavel que apresentarei mesmo dois outros casos os quaes, segundo todas as apparencias, devem ser julgados da mesma forma: um entre os Moxos (958) e outro entre os Barbacoas do Equador (959), onde sempre que o terreno á pronunciadamente pantanoso parece haver no facto um convite para as construcções sobre palafitas. A escola historico-cultural não repudia em absoluto a possibilidade do surto independente de determinado elemento ainda que fóra do circulo de cultura onde o mesmo seja natural; exige apenas que tal surto seja positivamente confirmado antes de ser apresentado sem maior exame ou sem prova como o mais verosimil é até como o unico e exclusivamente certo (960).

Cumpre pois insistir em que o verdadeiro dominio das construcções sobre palafitas é, na America do Sul, o *Nordeste*, ou seja precisamente a região que pertence de maneira particularmente pronunciada á cultura do arco. Aqui deparamos construcções sobre palafitas entre os goajiros (961) na Venezuela (962), entre os

(958) Nordenskiöld VI 818.

(959) Verneau-Rivet 39.

(960) Cf. Graebner I 728.

(961) Ernst I 133, Qaudro X.

(962) Appun II¹ 428.

varaus (963), entre as tribus tupís do nordeste: os oyampis no Alto Oyapoc (964), os vapixanas nas vizinhanças das montanhas do Siriri (965); e eventualmente entre os arecunas, macuxís e outros caribas (966).

Já o caso dos oyampis serve para contradizer a affirmativa de Krause, segundo o qual "ellas (as construcções sobre palafitas) surgem sempre em terrenos pantanosos". Nosso ponto de vista decorre claramente de uma affirmativa feita por E. im Thurn nada menos de seis vezes e onde é o proprio autor quem a realça e que por isso mesmo é citada aqui nas proprias palavras do texto: "A most remarkable fact is that houses on piles are not unfrequently built, for no apparent reason, on the savannah; and this is done not by any special tribè, but occasionally by Arecunas, Macusis and other Carib tribes. *They do not stand in swamps, but on dry grounds, (sometimes on top of a hill* (967). Except that they are much larger, they are exactly like the Warau houses 968)." Sobre a construcção em palafitas dos vapixanas, já mencionada, diz Lehmann: "A origem dessa construcção em palafitas é profundamente mysteriosa. E' indiscutivel que ellas são de origem local e surgiram no norte da

(963) Im Thurn 225, Schomburgk¹ 195.

(964) Coudreau, Globus LXI, 1892, pg. 308.

(965) Appun I 428.

(966) Im Thurn 207.

(967) O grypho é meu. W. Schmidt.

(968) Im Thurn 207.

America meridional" (1969). Tudo isso é perfeitamente conforme a these historico-cultural e em nada lembra a theoria das idéas elementares.

Quanto á parte do dominio da cultura do arco que se estende para o sul do Amazonas, o facto de se achar já atenuada é tambem comprovado pela circumstancia de não existir aqui, em lugar algum a construção sobre palafitas, e só muito raramente (entre os parecís, os antigos chiriguanos e os moxos) a choça de cobertura conica, que falta de todo, aliás, na região do Xingú-Araguaya, onde tantos elementos da cultura totemica têm sido descobertos.

Surge aqui, em compensação, uma forma que Krickeberg (1970) tambem considerou como representando a fase de transição entre as construções quadrangulares e redondas: construções de forma *elliptica* e cobertura ogival. A circumstancia, porém, dessa cobertura descer sempre até ao solo, indica tambem uma influencia das choças em forma de colmeias de abelhas, proprias do mais antigo circulo cultural e que entre os bacairís, por exemplo, existem lado a lado com as *ellipticas*. Choças dessa especie encontram-se entre os carajá-xambioas (1971), os xavayes (1972), os camayuras (1973), auetos (1973), bacairís (1974), nauquas

(1969) J. Lehmann 43.

(1970) Krickeberg 99, 107.

(1971) Ehrenreich II, 12-13; Krause II 201, Qaudro 39, 41. 2.

(1972) Krause II 195-196.

(1973) Ehrenreich III 88.

(1974) v. d. Steinen I 102-103, 163, 170, 176; Ehrenreich III 88.

(973), mehinacús (973), apiacás (975), ipurinas (976), yamamadis (977), paumaris (978), "mundurucús do Pará" (979). Dellas se approximam as choças alongadas em formato de colmeias de abelhas dos cayapos (980) e de certos outros botocudos (981).

As choças rectangulares, que contribuíram para a formação desses typos, não são, em parte alguma ao sul do Amazonas, construcções sobre palafitas, mas habitações erigidas directamente sobre o solo, choças de cobertura de 2 aguas com base rectangular usadas e diffundidas principalmente por tribus tupí-guaraní como os chriguanos, juruanas, diversos grupos Cainguás; a estes se juntam algumas tribus das vizinhanças: os chacobo-juracarés, os guatós e varios grupos de purí-coroados (982). Uma variante dessa choça quadrangular com cobertura de 2 aguas são as formas primitivas em que uma cobertura de 2 aguas descansa ape-

(975) Koch-Grünberg III (352).

(976) Chandless 6; Ehrenreich II 60; Steere 375-376.

(977) Ehrenreich II 53; Steere (370, 382) encontra, por outro lado, nos grupos que visitou, uma choça de cobertura de 2 aguas pronunciadamente redonda.

(978) Ehrenreich II 51; Steere (366, 389) encontra "oven chaped huts".

(979) Debret 41, Quadro 26, 3.

(980) Krause II 372-373: choças de épocas de secca; é possível que se tratasse de choças de estação chuvosa as que avistou Coudreau: maison basses, longues, rectangulaires généralement (Coudreau 278).

(981) Rio Doce: Ehrenreich I 22.

(982) V. a respeito pg. 109 sqs.

nas sobre quatro estacas, sem paredes; isso tambem occorre sobretudo entre tribus tupí-guaraní; os guaiaquis (983), acipoyas (984), curuahés (984), campas (985). Outra variante e essa ainda mais primitiva apresenta a *cobertura de 2 aguas repousando directamente no solo*, como succede entre certas tribus cainguás (986) e entre os parecís (987). A ultima forma conduz-nos então directamente ás choças de conformação ogival, já tratadas, e que se acham na zona do Xingú-Araguaya, as quaes entre os Parecís tambem apparecem ao lado de outras (nas casas de sipes). Quaes as consequencias que se poderiam deduzir do papel relevante desempenhado pelas tribus tupí-guaraní nesse caso é o que será discutido mais adeante (Cap. XIa).

Deve permanecer indecisa, por emquanto, a classificação das choças octogonaes alongadas dos guarayos, que seriam semelhantes ás dos caribas do Haiti (988).

Os REMOS — V. Carta 3. — de uma forma bem caracteristica da cultura do arco — cabo com encosto de muleta, espalmamento da pá — apresentam-se particularmente diffundidos ao nordeste:

(983) Vogt II 850; de la Hitte-ten Kate em Ehrenreich IIa 74, 77.

(984) Snethlage 613.

(985) Grube 45.

(986) Rengger 116, quadro II 4, Ambrosetti I 36.

(987) M. Schmidt IV 160.

(988) Church 114.

Guyana (989), Surinam (990), caribas (991), varaus (992), porocotós (993), arecunas (994), macuxís (995), maopityans (994), taramas (994), pianagotos (994), Rio Negro (996), Rio Apoporís (997), Amazonas (998), jurunas (999). Essa area de difusão é quasi idêntica á das canôas de casca. Ao sul do Amazonas encontram-se taes remos somente entre os jurunas, ao passo que a região do Xingú só conhece o remo com pá de bordos parallellos, o qual por sua vez já representa uma forma de transição para o typo lanceolado das demais tribus ao sul do Amazonas: os camayuras, os mehinacús, os trumais e os bacairís e talvez os tapirapés (1000).

A existencia e difusão dos outros elementos da cultura do arco foram, ao que me parece, adequadamente expostas por Graebner e mais tarde também

(989) Aruaques: Im Thurn 297; Caribas: Mus. Leipzig 5065, Mus. Vienna (Modelo) 54, Mus. Colonia 8926, 8928; Guyana Inglesa: Mus. Berlim V A 11 115b; Mus. Dresde 105.

(990) Mus. Leide 136, 10.

(991) Mus. Vienna 2683, modelo de remo, Col. R. H. Schomburgk.

(992) Schmeltz 61.

(993) Mus. Vienna 1959, 1960.

(994) Im Thurn 297.

(995) Mus. Berlim V A 172.

(996) Mus. Colonia 13 193; Mus. Leipzig 134.

(997) Koch-Grünberg V² 267.

(998) Mus. Berlim V B 754.

(999) v. d. Steinen I Carta II 11; Mus. Berlim 1722.

(1.000) Cf. pg. 67 sqs.

sufficientemente defendidas (1.001) contra as objecções de Krause (1.002). Poderei, portanto, tratar dellas com maior brevidade e completal-as com o que de então para cá conseguí eu proprio verificar.

Para começar a CERAMICA segundo a technica do rolete em espiral é assignalada positivamente no Surinam [Caribas] (1.003), entre os "True Caribs (1.004), aruaques (1.005), conibos (1.006), cobeuas (1.007), carajás (1.008), chiriguanos (1.009), no Grão Chaco entre os mocobis (1.010), lenguas (1.011), chamacocos (1.012) e os guaranis no Alto Paraná (1.013). E' provavel que appareça, em geral, entre todas as tribus não andinas da America do Sul onde existe a ceramica; nesse caso se accrescentariam ainda, na região de noroeste (Krause 404) os churuyas, miranhas e cocamas; na zona do Xingú-Araguaya os tapirapés, apiacás, mehinacús e bacairis; na area do Chaco os matochos, tobas e guatóes; alem desses, ao sudoeste, os atsahucas, yamiacas, tauares e moxos, o que estabeleceria uma

-
- (1.001) Krause III 1-5.
(1.002) Graebner I 1013 ff.; II 43-66, especialmente 52 ff.
(1.003) de Goeje I 17.
(1.004) Im Thurn 272.
(1.005) Im Thurn 274.
(1.006) St. Cricq 278.
(1.007) Koch-Grünberg V² 224 ff.
(1.008) Ehrenreich II 19; Krause II 283.
(1.009) Nordenskiöld X 244.
(1.010) Bäucke 256.
(1.011) Hautrey 285.
(1.012) Boggiani I 63, 326.
(1.013) Mayntzhausen 465.

vinculação ao Chaco. Acrescentar-se-iam ainda os catinguas, guaiakis e puri-coroados ao sudeste. Succederia porem, nesse caso, que a ceramica se teria diffundido não apenas sobre a zona-nucleo da cultura do arco, mas tambem sobre o dominio restante da mesma, indo até ao Chaco e á região dos puri-coroados, numa area de diffusão que partilha com alguns outros elementos da cultura do arco. O facto de terem sido os aruaques os legitimos transmissores da ceramica na America do Sul já fôra notado por Ehrenreich (1.014) e tem sido salientado mais recentemente por E. Nordenskiöld (1.015). Este ultimo chama attenção para um facto que outros investigadores (1.016) já tinham determinado, o dos guaraní, para a sua forma typica de sepultamento, já recorrerem a uma ceramica (relativamente primitiva) com o fabrico das urnas funerarias. E vemos, com effeito, que em quasi todos os casos onde a ceramica ultrapassa as raias do dominio propriamente dito da cultura do arco, os tupi-guaraní parecem ter sido seus transmissores directos ou indirectos.

Outra caracteristica da cultura do arco que alcançou uma diffusão ainda mais ampla (apenas no Chaco apparece raramente) e cujos criadores e verdadeiros transmissores tambem foram os aruaques, é a RÊDE. Em

(1.014) Ehrenreich V 48.

(1.015) Nordenskiöld XI, 5 ff, V. tambem Mayntzhausen 465 ff.

(1.016) V. pg. 149.

geral é confeccionada entre os aruaques de fibras de palmeira e entre os caribas de algodão. Essa regra, aliás, comporta exceções sobretudo no segundo caso, conforme o atesta a relação seguinte:

REDES DE FIBRAS DE PALMEIRA

Siusis (1.017)	[Aruaques]
Yamamadis (1.018)	["]
Ipurinas (1.019)	["]
Atchaguas (1.020)	["]
Cabixís (1.021)	["]
Muras (1.022)	[isolados]
Ticunas (1.023)	["]
Pebas (1.024)	["]
Uitotos (1.025)	["]
Miranhas (1.026)	["]

(1.017) Mus. Berlim V B 6521 tecido de fibras de tucum, outro de trançado de linhas de mirity; Koch-Grünberg V² 215; "as rêdes de algodão não surgem nas areas do Içana e do Caiary-Uaupes, porque esse vegetal é menos cultivado alli", Koch-Grünberg V² 214.

(1.018) Mus. Berlim V B 3760; Ehrenreich II 52.

(1.019) Mus. Berlim V B 3759; Ehrenreich II 62; mas tambem rêdes de lâ.

(1.020) Ernst II 7.

(1.021) v. d. Steinen II 426, 433.

(1.022) Do Rio Madeira: Mus. Vienna 1425, fibras de tucum.

(1.023) Mus. Vienna 1500, 1501, de tucum.

(1.024) Mus. Dresde 163.

(1.025) Hardenburg 126.

(1.026) Mus. Vienna 1528, 1529, de tucum; Martius I¹ 504 ff; seundo Koch-Grünberg IV 871 não existe a rêde; dormem sobre camas de folhagem.

Parecís (1.027)	[Aruaques]
Guyana-Inglesa (1.028)	["]
Uaupés (1.029)	["]
Bares (1.030)	["]
Rio Negro (1.031)	["]
Custenaus (1.032)	["]
Mehinacús (1.033)	["]
Guanas (1.034)	["]
Maopityans (1.035)	[Caribas]
Guaraunos (1.036)	[isolados]
Cobeuas (1.037)	[Betoyas]
Caripunas (1.038)	[Panos]
Machacalis (1.039)	[Ges]
Puris (1.040)	["]

(1.027) v. d. Steinen II 433; M. Schmidt IV 161; ao lado de rêdes de algodão. V. pg. 128.

(1.028) Im Thurn 272.

(1.029) Mus. Vienna 1727-1729, palmeira merity; Mus. Dresde 2775, fibras de merity ennodadas.

(1.030) Mus. Vienna 2166, palmeiras de merity.

(1.031) Mus. Vienna 2334-2340, palmeiras de merity; Mus. de Dresde 2774, fibras de merity enlaçadas.

(1.032) Mus. Berlim V B 1581, de fibras de burity, coberta de algodão; outra V B 1582, toda de fibras de algodão ennodadas; v. d. Steinen I 180, 325.

(1.033) v. d. Steinen II 239, encadeamento de linhas de burity, coberta de algodão.

(1.034) Mus. Vienna 74350, 74397; Mus. Berlim V C 748-750

(1.035) Im Thurn 290.

(1.036) Chaffanjon 15.

(1.037) Koch-Grünberg V² 210.

(1.038) Mus. Vienna 1047, entrecasca de arvore.

(1.039) No Rio Jequitinhonha, Minas Geraes: Mus. Vienna 720: St. Hilaire² 212.

(1.040) Debret 41, Carta 26, 1; com a entrecasca da embira.

Sirionos (1.041)	[Chaco]
Chamacocos (1.042)	["]
Lenguas (1.043)	["]
Paiaguas (1.044)	["]
Hianacotos (1.045)	[Caribas]
Yauaperis (1.046)	["]
Uachmiris (1.047)	["]
Uainumas (1.048)	["]
Pimenteiras [e Cariris] (1.049)	
Camayuras (1.050)	[Tupís]
Omaguas (1.051)	["]

RÊDES DE ALGODÃO

Surinam (1.052)	[Caribas]
Cumanagotos (1.053)	["]
"True Caribs" (1.054)	["]

-
- (1.041) Nordenskiöld VII 16.
 (1.042) Mus. Vienna 74530, encadeamento de fios de entrecasca.
 (1.043) Mus. Berlim V C 1773, ennodado com fibras grossas.
 (1.044) Mus. Vienna 41425, encadeamento de cordas.
 (1.045) Mus. Berlim V B 6522, de fios de tucum ennodados;
 Koch-Grünberg V² 215, cf. 214.
 (1.046) Mus. Vienna 41476.
 (1.047) Mus. Vienna 71019-71021.
 (1.048) Martius I¹ 502.
 (1.049) Martius I¹ 350, assim como de algodão.
 (1.050) Mus. Berlim V B 2926, de fibras de burity com berta de algodão.
 (1.051) Mus. Vienna 1465, 1467, de tucum. V. nota 1.068.
 (1.052) Joest 84.
 (1.053) Blanco 55, tecido e-encadeamento.
 (1.054) Im Thurn 288,

Jurunas (1.055)	[Tupís]
Mundurucús (1.056)	["]
Auetos (1.057)	["]
Macuxis (1.058)	[Caribas]
Porocotós (1.059)	["]
Bacairís (1.060)	["]
Pimenteiras [e Carirís] (1.061)	
Asuriniquins [Alto Xingú] (1.062)	
Vapixanas (1.063)	[Aruaques]
Parecís (1.064)	["]
Itonoma-Moxos (1.065)	["]
Arebatos (1.066)	["]
Acipoyas (1.067)	[Tupís]
Curuahes (1.067)	["]
Omaguas (1.068)	["]
Guarayos (1.069)	["]

(1.055) v. d. Steinen 240, 252, 258.

(1.056) Martius I¹ 388; segundo Debret (41 e Carta 26, 3) eram as rêdes dos Mundurucús do Pará, preparadas de uma só peça de casca. V. adiante casos similares entre Ipurinas e Yamamadis.

(1.057) v. d. Steinen II 240.

(1.058) Im Thurn 271, 288; Schomburgk² 361.

(1.059) Mus. Vienna 1974.

(1.060) v. d. Steinen II 239 ff.; Ehrenreich III 86.

(1.061) V. nota 1.049.

(1.062) Mus. Vienna 71951-71953.

(1.063) Im Thurn 288; Martius I¹ 639.

(1.064) Mus. Vienna 996, V. pg. 126 nota 1.027.

(1.065) Mus. Vienna 2178; d'Orbigny in Church 107.

(1.066) Chaffanjon 95.

(1.067) Snethlage 615; uma variedade tecida, a outra enodada.

(1.068) Martius I¹ 440, Cf. nota 1.051 pg. 127.

(1.069) Church 115.

Tapirapés (1.070)	[Tupís]
Cainguás (1.071)	["]
Tupiniquins ((1.072)	["]
Camacau-Mongoyas (1.073)	["]
Yamiacas (1.074)	[Panos]
Apiacas (1.075)	[Tupís]
Tauares (1.076)	[Panos]

REDES DE OUTROS MATERIAES

Ipurinas [Aruaques]: de cascas. (1.077).

Yamamadis [Aruaques]: de cascas (antigamente) (1.078).

Aruaques [Guyana Hollandesa]: de fibras de bromelias (1.079).

Goajiros [isolados]: de Agave americana [Naguay] (1.080).

Arhuaco [isolados]: de Agave americana [Naguay] (1.081).

-
- (1.070) Krause II 296, 407, provavelmente de algodão.
 (1.071) Königswald III 380, habitualmente de algodão Renger 118, sem maiores minucias, dormem sobre pelles 123.
 (1.072) Jean de Léry 120, 220.
 (1.073) Debret, pg. 17, Carta III.
 (1.074) Nordenskiöld I 306.
 (1.075) Martius I¹ 338; Koch-Grünberg III (353).
 (1.076) Stegelmann 136.
 (1.077) Steere 369, 375, juntamente com as de fibras de palmeiras. V. pg. 125.
 (1.078) Steere 386, actualmente apenas as de fibras de palmeira. V. pg. 125.
 (1.079) Joest 84.
 (1.080) Polko 81; Sievers 252.
 (1.081) Sievers 84, 95-96; para dormir usam também um catre.

RÊDES SEM MENÇÃO DE MATERIAL •

Passés (1.082) [Aruaques]

Chiquitos (1.083).

Cumprer destacar a area de mistura no Xingú onde as rêdes de fibras de palmeira têm forro de fios de algodão: assim succede entre os custenaus, mehinacús, camayuras. Para leste e oeste estendem-se as regiões habitadas pelas tribus entre as quaes se acham em uso não somente as rêdes de fibras de palmeira como as de algodão: assim succede entre os omaguas, ipurinas, parecías, pimenteiras (e carirys).

Falta a rêde em todo o circulo cultural mais antigo assim como quasi totalmente no Chaco, totalmente na Patagonia, entre os fueguinos, e tambem nas culturas andinas e sua zona de influencia. Entre as tribus isoladas ella falta nos jivaros (1.084), yaruros (1.85), bororos (1.086), guatos (1.087), tambopatas [panos] (1.088), yuracarés (1.089) e tambem

(1.082) Martius I¹ 510, 511.

(1.083) d'Orbigny 251; segundo P. Fernandez 57 parece ser tecida de algodão.

(1.084) Rivet 40.

(1.085) Chaffanjon 173.

(1.086) v. d. Steinen II 488.

(1.087) M. Schmidt II 179.

(1.088) Nordenskiöld I 306.

(1.089) Nordenskiöld VIII 43, 58.

entre os guaiaquís [tupí-guaraní] (1.090), campas (1.091), [aruaques]; entre os carajás apparece (de algodão) mas utilizada á guiza de esteira (1.092); entre os varaus que a confeccionam em malhas não é de uso corrente (1.093); quanto aos Miranhas e Arhuacos V. pgs. 125 e 129.

Uma nova conclusão que merece ser assentada é a de que a *rêde de algodão acha-se disseminada entre as tribus tupís* em muito maior escala e em character mais exclusivo do que entre os caribas, e provavelmente á sua influencia é que deve ser attribuida a diffusão da mesma na zona do Xingú.

Relativamente aos varios elementos que Graebner introduz, não me foi possivel ainda realizar investigações especiaes; em certos casos estas importam particularmente, pois Graebner ainda não tinha chegado a traçar em toda a sua extensão e correctamente as raias da area da cultura do arco. Assim elle nada prova sobre a attribuição á cultura do arco, quando apresenta "toda a região ao noroeste do Amazonas" como area de diffusão de certa forma de *colher* (1.094). Alem disso a presença do *espiral* está a exigir tambem nova investigação, pois, para citar um unico exemplo, "toda a esphera de influencia da cultura peruana", em que na

(1.090) de la Hitte-ten Kate, Globus LXXIII (1898) 77.

(1.091) Ordinaire 271.

(1.092) Ehrenreich II 12-13; Krause II 296.

(1.093) Im Thurn 271, 290; Schomburgk¹ 165.

(1.094) Graebner I 1016.

sua opinião appareceria o laço de espiral (1.095) (o que é profundamente inverosímil) deve ser attribuida, conforme vimos, á cultura do arco. Seria preciso excluir o *tambor de pelle*, caso fosse assignalado realmente só no Perú (1.096). Mas esse instrumento apparece tambem entre os jivaros (1.097), uitotos (1.098), caripunhas (1.099), pauxanas (1.100), macuxís (1.101), arhuacos (1.102) e goajiros (1.103) dos quaes apenas os quatro ultimos recaem de qualquer modo na area nuclear da cultura do arco. Em todo esses casos cumpriria estudar, de resto, a possibilidade de uma origem europea ulterior.

Quanto á LAVOURA DO TABACO precolombiana e aos *cachimbos* indigenas não é muito mais clara a eituação. Aos achados archeologicos da Colombia, Guyana Hollandesa, Bahia, Rio Grande do Sul, entre os carajás, conibos, mocobis, referidos no trabalho de Nordenskiöld (1.104) citado por Graebner, podem accrescentar-se os da Venezuela, do Brasil, de Buenos Aires,

(1.095) Graebner I 1017.

(1.096) Graebner I 1018.

(1.097) Rivet 53; proviria neste caso do Rio Napo.

(1.098) Hardenburg 136.

(1.099) Mus. Vienna, 1051, uma pelle estirada sobre uma vasilha de barro.

(1.100) Mus. Vienna, toco de arvore com pelles estiradas de ambos os lados.

(1.101) Mus. Vienna, 2094, 2095, como no caso anterior.

(1.102) Sievers 94.

(1.103) Ernst I 396.

(1.104) Nordenskiöld III 295 ff.

Diaguita e Chile (1.105); menos facilmente os da Patagonia — ainda mencionados em Verneau-Rivet (1.106). Aqui tambem o quadro de diffusão de elementos de cultura do arco ainda não é particularmente favoravel. Cabe notar que ella se apresenta muito descontínua; é possível que excavações ultteriores tragam ainda outros dados susceptíveis de nos fornecerem um quadro sufficiente que permitta juizo mais seguro.

A situação volta a esclarecer-se quando ingressamos no dominio da cultura espiritual e antes de tudo no da SOCIOLOGIA — V. a esse respeito carta 5: Sociologia. — Nesse caso cumpre assignalar em primeiro lugar a existencia franca da *successão* em linha materna que prevalece entre os goajiros (1.107), varaus (1.108), os aruaques da Guyana Inglesa (1.109) os macuxís (1.110) e os vapixanas (1.111). Entre os varaus surge o heroe cultural como filho adoptivo do Wotwe, que tem forma de rã (mythologia lunar), a qual, mediante processos magicos fal-o crescer tão depressa, que sua mãe verdadeira chega ao ponto de não o reconhecer; mas elle encerra Wotwe dentro de uma arvore ôca e foge em uma canôa que elle proprio constroe, indo en-

(1.105) Para o ultimo caso veja-se ainda Guevara 414 ff.

(1.106) Verneau-Rivet 242.

(1.107) Polko 82; Sievers 255-256; Ernst I 395; Frazer 558 ff. Nesse caso, alem disso, o preço da compra da mulher é pago a seu irmão.

(1.108) Schomburgk¹ 168-169.

(1.109) Schomburgk² 459; Im Thurn 185.

(1.110) Schomburgk² 314.

(1.111) Appun I 683.

contrar-se com a verdadeira mãe enquanto Wotwe retoma a forma de rã (1.112); entre os arhuacos venera-se a genitora da raça, de quem nasceram os quatro ancestraes da tribo (1.113); entre os parecís, tambem uma mulher de pedra que não tem esposo é a origem de todas as coisas deste mundo (1.114); tudo isso constitue traços de uma mythologia lunar caracteristica da cultura matrilinear (os chiquitos honram directamente a lua com o titulo de mãe (1.115)), e da existencia dessa mythologia lunar é possível tambem deduzir certa influencia da mesma cultura (1.116). De accordo com a exposição de K. v. d. Steinen (1.117) seria preciso admitir que a successão em linha materna prevalece entre todas as tribus do alto Culishu, e portanto entre os mehinacús, nahuquas, auetos, yaulapitis, camayuras, custenaus, bacairis. E' certo, porém, que só entre os bacairis os filhos de mulheres casadas seguem a linha materna e o irmão da mãe tem uma situação de protector equivalente á do pae. Se o facto da mulher do chefe entre os carajás exercer o poder em sua ausencia e á falta de um filho a propria filha tornar-se chefe (1.118) deve ser interpretado como vestigio do matriarcado, é coisa que parece duvidosa; poder-se-ia consi-

(1.112) Brett 76; Ehrenreich VI 37-38.

(1.113) Sievers 92.

(1.114) v. d. Steinen II 437.

(1.115) P. Fernandez 59.

(1.116) V. a respeito cap. X.

(1.117) v. d. Steinen II 331.

(1.118) Ehrenreich II 28-29, Krause II 322.

deral-a como manifestação daquella posição de paridade entre marido e mulher que existe nas tribus ges, pertencentes ao mais antigo circulo cultural e das quaes se approximam em realidade, as carajás. No entanto eleva-se contra esse ponto de vista a presença de outros indícios do principio do direito materno existentes entre os carajás, a saber a passagem do marido para a familia da esposa (1.119), o facto de pertencerem a esta a casa, o mobiliario e a canôa, e o dos filhos de um viuvo e os orphãos serem mantidos e criados pelos parentes da mulher, em particular pelo irmão desta (1.120).

A mudança de familia por parte do homem, com o casamento, já apresentada por Everard im Thurn como "quite in accordance with this system of retaining the descent on the female line" (1.121), pode ser duradora ou apenas provisoria. No primeiro caso estariam, ao que parece, os carajás, os aruaques da Guyana Inglesa (1.122), os parecís (1.123), os caingang-coroados (1.124), os chorotis (1.125). A mudança provisoria de familia, habitualmente ligada ao trabalho para os paes

(1.119) Ehrenreich II 27.

(1.120) Krause II 325 ff.

(1.121) Im Thurn 185, Cf. alem disso E. B. Taylor, On a Method of Investigating the Development of Institutions, applied to Laws of Marriage and Descent. JAI XVIII (1889) 245 ff.

(1.122) Im Thurn 185-186.

(1.123) v. d. Steinen II 427.

(1.124) Barbo, Globus L (1886) 235; Ambrosetti II 245; nesse caso o homem trabalha já antes do casamento na casa dos paes da noiva.

(1.125) Nordenskiöld X 89.

da mulher, apparece entre os varaus (1.126), cumana-gotos (1.127), macuxís (1.128), patagões (1.129), yagans (1.130).

Em muitas dessas tribus a *primeira menstruação* da mulher é cercada de determinadas prescripções e solemnidades (jejum, flagellações, fumigações), mas nada se assignala sobre a existencia na grande maioria dessas tribus da iniciação dos adolescentes; não será exagero, por certo, ver ainda neste caso uma manifestação do matrilinearismo. Coisas dessa ordem occorrem entre os varaus (1.131), caribas da Guyana Inglesa (1.132), macuxís (1.133), arecunas (1.134), paravilhanas (1.135), siusis (1.136), banivas (1.137), conibos (1.138), mundurucús (1.139), maués (1.140), chanes

(1.126) Schomburgk¹ 164-165.

(1.127) Blanco 60.

(1.128) Schomburgk² 317-318.

(1.129) Milanesio 40.

(1.130) Hyades-Deniker 378.

(1.131) Schomburgk¹ 168.

(1.132) Schomburgk² 431; queima dos cabellos, ferimentos, jejum.

(1.133) Schomburgk² 315; jejum.

(1.134) Martius I¹ 621; "penitencia", circumcisão.

(1.135) Martius I¹ 631; isolamento, espancamentos, jejum.

(1.136) Koch-Grünberg V¹ 181; corte dos cabellos, jejuns, pinturas.

(1.137) Chaffanjon 213-215.

(1.138) St. Cricq 289-292; abertura da membrana hymen; Ordinaire 308; Reich 134; Martius I¹ 582-583.

(1.139) Martius I¹ 390; jejuns e fumigações.

(1.140) Martius I¹ 402; idem.

e chiriguanos (1.141), achuelais (1.142), tobas (1.143), tsonecas (1.144), charruas (1.145), certas tribus de patagões (1.146), onas (1.147), yagans (1.148). Entre os omaguas (1.149) a fumigação, e entre os passés (1.150) o jejum das raparigas, são acompanhados da flagellação dos adolescentes, ao passo em que entre os uaupes (1.151) flagellam-se rapazes e raparigas; neste caso prevalece um mixto de usos totemico-patrilinares (1.152) com matrilineares. Do mesmo modo, enquanto entre os arecunas (1.153), existe somente a circuncisão dos meninos (aos nove annos de idade), entre os otomaques (1.154) e salivas (1.154), nas tribus do Ucayali e afluentes do Apure (1.155), pratica-se a circuncisão dos meninos e abertura da membrana hymen nas meninas. Entre os ticunas (1.156), pratica-se a incisão

(1.141) Nordenskiöld X 210; Nino 222 ff. Isolamento, corte dos cabellos e jejum.

(1.142) Nordenskiöld X 74.

(1.143) Thouar 49; somente entre as filhas do chefe.

(1.144) Musters 85 ff, 190.

(1.145) d'Orbigny 227.

(1.146) Milanesio 40.

(1.147) Cojazzi 31 ff. O mytho narra que em lugar da iniciação dos rapazes, ora existente, houve antigamente uma iniciação das raparigas.

(1.148) Hyades-Deniker 377.

(1.149) Martius I¹ 441.

(1.150) Martius I¹ 510-511.

(1.151) Martius I¹ 599.

(1.152) Cf. pg. 76-77.

(1.153) Martius I¹ 621.

(1.154) Martius I¹ 582.

(1.155) V. pg. 136, nota 1.136.

(1.156) Martius I¹ 445.

nos meninos e a excisão nas meninas; coisa semelhante parece succeder entre os banivas (1.157), manaos (1.157), maipuris (1.157), uirines (1.157).

Outra peculiaridade social da cultura do arco é a existencia de *casas para varias familias*. Estas apparecem entre os varaus (1.158), os antigos caribas de Piritú (1.159), vapixanas (1.160), piaroes e maquiritares (1.161), uaupés (1.162), siusis (1.163), uamauas (1.164), baras (1.165), uananas (1.166), jivaros (1.167), uito-tos (1.168), paumarís (1.169), ipurinas (1.170), yamamadis (1.171), manteneris (1.172), parecía (1.173), apiacás (1.174), tapirapés (1.175), bacairís (1.176), conibos (1.177), piros (1.177), tambopatas e yamiacas

-
- (1.157) Martius I¹ 582.
 (1.158) Schomburgk¹ 168 a 169.
 (1.159) Blanco 51.
 (1.160) Schomburgk² 40, 41, 362.
 (1.161) Chaffanjon 258.
 (1.162) Martius I¹ 597.
 (1.163) Koch-Grünberg V¹ 73.
 (1.164) Martius I¹ 545.
 (1.165) Koch-Grünberg V¹ 331.
 (1.166) Koch-Grünberg V¹ 144-146.
 (1.167) Rivet 37-38.
 (1.168) Hardenburg 135.
 (1.169) Ehrenreich II 51.
 (1.170) Ehrenreich II 60.
 (1.171) Steere 370, 382 ff.
 (1.172) Chandless 59.
 (1.173) M. Schmidt II 160.
 (1.174) Koch-Grünberg III (352).
 (1.175) Krause II 407.
 (1.176) v. d. Steinen II 57, 89, Ehrenreich III 88.
 (1.177) Orton 321-322.

(1.178), maticos (1.179), cadiucus (1.180), linguas (1.181), chiriguanos (1.182), patagões (1.183), cainguás (1.184), caingang-coroados (1.185), caiapós (1.186). É digno de nota o facto dessa especie de organização familiar não se achar ligada a nenhuma forma de casa, parecendo susceptível de se associar a quasi todas.

Resumindo pode dizer-se das condições sociologicas que a successão matrilinear directa se encontra apenas no coração da area da cultura do arco, ao nordeste; que uma segunda area da mesma, mais diluida, parece existir ao sul do Amazonas junto ao alto Culisehu; ao passo que as demais manifestações do matrilinearismo, menos vigorosas e características — mudança de familia do homem, celebração da primeira menstruação, habitações para varias familias — disseminaram-se muito mais para o sul do Amazonas e mesmo até á região dos purís-coroados e ao Chaco, ou ainda até a Patagonia e a Terra do Fogo.

Bem característica é a diffusão da FORMA DE SEPULTURA chamada *indirecta* — V. a respeito Carta 6, peculiar á cultura do arco: o morto é a principio

(1.178) Nordenskiöld I 291-293.

(1.179) Herrmann 135.

(1.180) Koch-Grünberg II 5.

(1.181) Hawtrey 284.

(1.182) Nordenskiöld X 173, 175.

(1.183) Outes 255-256.

(1.184) Königswald II 380; Vogt III 202.

(1.185) Königswald III 29, 32; Ambrosetti II 245.

(1.186) Krause II 372-373.

enterrado, passado certo tempo é desenterrado e os ossos mettidos em uma urna ou, mais raramente, em uma cesta; muitas vezes o craneo é collocado independentemente, em geral por cima; nas zonas limitrophes surgiram mais tarde numerosas misturas com outras formas de sepultamento. Existe uma tendencia para apresentar essa especie de sepultura como caracteristica dos aruaques e com effeito apparece entre tribus aruaques das regiões mais diversas: aruaques das Antilhas [urnas] (1.187), ípurinas, [cesta] (1.188), moxos (1.189). Nas urnas prehistoricas do Rio Cunany, na Guyana Inglesa, que se tende a attribuir a uma população aruaque já extinta, faltam todas as partes do craneo, o que permite a conclusão de que se trataria no caso, de sepultamento indirecto (1.190). Persiste, no entanto, o facto de um grande numero de tribus, exactamente ao nordeste, conhecer apenas a sepultura simples na choça; assim succede entre os aruaques da Guyana Inglesa (1.191), os siusis (1.192), achaguas (1.193), banivas (1.194), bares (1.194), manaos (1.194), mai-pures (1.194), uirines (1.194), uaupes (1.194). Entre

-
- (1.187) Boman 274.
 (1.188) Ehrenreich II 66.
 (1.189) Nordenskiöld XI 252-253, nota.
 (1.190) Goeldi-Ehrenreich 138.
 (1.191) Martius I¹ 693.
 (1.192) Koch-Grünberg V¹ 164 ff.
 (1.193) Ernst II 6.
 (1.194) Martius I¹ 598.

os caribas somente nos da Guyana Inglesa foi claramente attestada a sepultura indirecta: aqui apparece ás vezes o enterro fóra da habitação, sendo os ossos exhumados após algum tempo, limpos das carnes, e divididos entre os parentes do morto; em outros casos envolve-se o cadaver em uma rêde até que se dê a decomposição, sendo depois descarnados pelas mulheres, pintados e mettidos em uma pequena cesta; nas viagens são esses ossos conduzidos pelos indios (1.195). Quanto ao resto poucos são os dados existentes acerca da tribus caribas: a sepultura typica ou seja a indirecta, em urnas, alem do exemplo já mencionado, é assignalada apenas a respeito dos atures, no Orenoco, onde A. von Humboldt encontrou nada menos de seiscentos esqueletos collocados em cestas de hastes de palmeiras (1.196). Em algumas tribus da area de Casanare [Colombia, entre 1° e 3° de longitude leste de Bogotá e 5° e 7° de latitude norte B] os cadaveres são durante três dias pendurados sobre as aguas de um rio, afim de que a sua carne possa ser devorada pelos peixes; em seguida o esqueleto é dividido e os ossos, postos em cestas, são suspensos no tecto (1.197). No Xingú segundo Waitz e Bastian, os indios entregam os cadaveres ás formigas

(1.195) Schomburgk² 432; cf. Preuss 123.

(1.196) A. v. Humboldt, *Ansichten der Natur*¹ 282 ff, cf. Preuss 127 e *Journ. des Américanistes* III (1901), pg. 149-150. Entre os atorais do alto Esequibo e das nascentes do Rupunumi eram os cadaveres incinerados e as cinzas, collocadas em grandes potes, enterradas. Rob. Schomburgk in Martius I¹ 636, cf. Preuss 205, 264.

(1.197) P. Fabo, *Anthropos* IX (1914).

para que os descarnem, collocando-os depois em urnas (1.198). Por outro lado os caribas das ilhas e da Guyana adoptam uma forma mixta, da qual ainda se tratará mais adeante; entre os macuxís e arecunas existe o simples enterro (1.199), que tambem será estudado aqui.

Os casos restantes de sepultura indirecta não somente abrangem uma variedade multipla de tribus como tambem envolvem extrema diversidade nos pormenores. Na zona das nascentes do Orenoco o cadaver do cacique é exhumado, limpos os ossos, que são depois pintados de vermelho e mettidos em uma urna funeraaria com o craneo por cima (1.200). Entre os imos e os guahibos, no mesmo local, apparece a sepultura em urnas (entre os imos após dez mezes e entre os guahibos após um anno) como costume generalizado; a urna é enterrada, entre os imos, em uma cova, entre os guahibos collocada em uma nova choça (1.201). Assim tambem no Rio Branco os ossos são retirados após a decomposição da carne, pintados de vermelho, cuidadosamente mettidos em uma urna, de modo a que o craneo fique por cima (1.202). Entre as tribus tupís dos oyampis e palicur, no extremo nordeste da area tupí, são os ossos exhumados depois do prazo de um anno e mettidos em uma urna (1.203), o mesmo occorrendo entre os goa-

(1.198) Preuss 123, 126.

(1.199) Martius I¹ 636.

(1.200) Martius I¹ 636.

(1.201) Chauffanjon 183-184, 184-188.

(1.202) Preuss 128.

(1.203) Boman¹ 272.

jiros (1.204). Entre os bororos o cadaver enterrado é exumado apenas passados quatorze dias do fallecimento, o esqueleto descarnado, mettido em uma cesta e só novamente enterrado quando apparece um segundo cadaver (1.205); o mesmo succede apparentemente entre os jurunas (1.206). Na tribu pano dos caripunas os cadaveres dos guerreiros eram mettidos nas choças em grandes vasos que continham, ao que parece apenas os ossos exumados e descarnados (1.207). Na tribu aruaque dos yamamadis os ossos exumados são suspensos no tecto da choça (1.208), entre os varaus em uma cesta (1.209), entre os ipurinas tambem em uma cesta, sobre o fogo, depois de terem sido coloridos de vermelho (1.210). Na tribu tupí dos apiacas os cadaveres sepultados dentro da habitação são exumados um anno depois e, envoltos em rêdes, pendurados ás estacas da choça (1.211); Steere assignala o mesmo com relação aos ipurinas (1.212). Entre os carajás o cadaver é embrulhado, pendurado a uma vara no interior do tumulo

(1.204) Nordenskiöld XI 252; segundo Polko 83 seria usado o simples enterro.

(1.205) v. d. Steinen II 504 ff.

(1.206) v. d. Steinen I 266.

(1.207) Church 134.

(1.208) Ehrenreich II 58.

(1.209) Gumilla¹ 314; Schomburgk² 446 fala acerca de enterro em que o defuncto em posição sentada é envolto em uma rêde.

(1.210) Chandless 6; Ehrenreich II 66.

(1.211) Martius I¹ 598.

(1.212) Steere 375.

exhumado depois e os ossos mettidos em urnas chatas de barro, junto á sepultura; as crianças, ao que consta, seriam sepultadas directamente em urnas (1.213). Entre os cherentes o cadaver é exhumado um anno depois do primeiro enterro, os ossos coloridos de vermelho e depois novamente sepultados (1.214). Entre os coroados do Rio Grande do Sul o cadaver do cacique é exhumado, os ossos descarnados e novamente enterrados (1.215). Entre os cadiueus, os ossos são desenterrados dez ou doze dias depois de sepultados, envoltos em uma esteira e novamente enterrados (1.216). No Rio Grande do Sul, perto de São Leopoldo, foi achada uma urna com ossos desfeitos, onde o craneo descansava em um prato especial (1.217). Entre os roamaynas os ossos, depois da decomposição da carne, eram retirados do tumulo, collocados em uma urna, conservados na habitação pelo prazo de um anno e novamente enterrados depois disso (1.218). A sepultura directa em urnas ocorre ainda nos casos citados por Nordenskiöld (1.219), dos seberos, cocamas, cocamillas e outras tribus de maynas. Como porém não pude ter a mão a fonte citada por Nordenskiöld (1.220),

(1.213) Ehrenreich II 31-32; Krause II 330-331.

(1.214) Martius I¹ 291.

(1.215) Hensel 127.

(1.216) Koch-Grünberg II 46.

(1.217) Boman¹ 265.

(1.218) Figueiroa in Nordenskiöld XI 252-253, nota 3.

(1.219) Nordenskiöld XI 253.

(1.220) Figueiroa, *Relación de las Misiones de la Compañía de Jesus en el pais de los Maynas*. Colección de libros y documentos referentes á la Historia de América. Tomo I, Madrid 1904.

não posso afirmar se não seria também usada, ao par dessa, a sepultura indirecta. Entre os (antigos) cocamas e cocamillas é também assinalado o modo de tratamento do cadaver de que passo agora a falar.

Apparece em uma forma mixta, que surgiu da associação da sepultura indirecta com um typo peculiar de tratamento do cadaver que em seu estado puro apparece em duas tribus panos e duas tupís. Entre os tauares o morto é queimado, as cinzas collocadas no ôco de uma arvore e ingeridas aos poucos durante as refeições (1.221). Entre os conibos as crianças são sepultadas (sem urna), porém os cabellos queimados e as cinzas ingeridas pelo pae e pela mãe; os adultos são mettidos directamente em urnas (1.222). Entre os cocamas (e cocamillas), ainda em 1681, segundo informe de um missionario, eram os mortos da propria familia assados e devorados, os ossos torrados, reduzidos a pó e ingeridos nos festins de mistura com bebidas fortes (1.223). A essa forma caracteristica de tratamento do cadaver associa-se a sepultura indirecta em que o defuncto é primeiramente enterrado, depois exhumado, queimando-se-lhes os ossos cujas cinzas são depois ingeridas. Assim succede com os tarianas, entre os quaes as cinzas são tomadas de mistura com o cachirí nos festejos (1.224); entre os caquetios do golfo de Maracaibo, en-

(1.221) Stegelmann 136.

(1.222) St. Cricq 294.

(1.223) Poeppig² 449.

(1.224) Martius I¹ 599.

tre muitos indios das Guyanas e de Maynas e entre os sumanas (1.225). Entre os cobeuas (1.226) e tucanos (1.227), todas as partes do cadaver salvo o craneo, são exhumadas e icineradas quinze annos depois da morte e as cinzas ingeridas pelos velhos e pessoas com mais de três filhos (1.228). Koch-Grünberg observa que coisa semelhante ocorre entre os jumauas no Japurá (1.229) e entre os caribas insulares (1.230), e Preuss diz o mesmo, baseado em Martius e Daniel, com relação aos maués (1.231). Entre os caribas das Guyanas o cadaver, tendo sido enterrado, envolto em uma rêde, é exhumado um anno depois e os ossos reduzidos a pó são preservados na habitação (1.232). Entre os aruaques esses ossos pulverizados seriam ingeridos em bebidas (1.233). Entre os guahibos, á entrada da estação seca, exhumam-se todos os cadaveres sepultados no anno anterior, os quaes são icinerados em uma fogueira; as cinzas são parte jogada nas aguas ou para o ar, parte preservada "en las cumbreras de la casa"; nessa cerimonia bebe-se certo licor chamado yaraque que é feito de "casabe carbonizado, guarapo forte y yopo"; depois

(1.225) As fontes a esse respeito em Preuss 211.

(1.226) Koch-Grünberg V² 152.

(1.227) Martius I¹ 599.

(1.228) Martius II³ 1207.

(1.229) Martius I¹ 404. O cadaver do chefe é defumado para a mumificação.

(1.230) Lafitau³ 444.

(1.231) Preuss 128.

(1.232) Gumilla¹ 316.

(1.233) Preuss 126.

da icineração celebram-se casamentos (1.234). Entre os cumanaOTOS de Piritú tambem eram exhumados, depois de certo tempo, os cadaveres de todo um districto e queimados sobre uma fogueira, lançando-se para o ar as cinzas que iriam formar as nuvens e as chuvas (1.235). Em parte alguma no sul do Amazonas a julgar pelo que foi possivel verificar, encontra-se essa forma mixta, a não ser entre os maués comquanto em certas tribus panos e tupís, na parte limitada ao norte pelo Amazonas, existam modalidades peculiares.

Um relance sobre toda a area de diffusão da sepultura ou tratamento do cadaver que podem qualificar-se de indirectos denota que em uma ou outra das suas formas elles abrangem toda a região da cultura do arco no sentido mais amplo, de sorte que não faltam sequer as projecções já assignaladas no Chaco e na zona dos coroados, a proposito de outros elementos; não apparecem em todo o caso na parte occidental da zona nordeste.

Aqui predomina em seu lugar o *enterro*, de preferencia no interior das choças. Existe entre as seguintes tribus: goajiros (1.236), arhuacos (1.237), uitosos (1.238), churuyas (1.239), macuxís (1.240) e arecunas

-
- (1.234) P. Fabo, *Anthropos* IX (1914).
(1.235) Blanco 60.
(1.236) Polko 83; cf. pgs. 142 — 143.
(1.237) Sievers 97.
(1.238) Hardenburg 135.
(1.239) Saenz 334.
(1.240) Martius I^o 648.

(1.241) [em ambos estes casos na choça, estendido o defunto sobre uma taboa, em decubito dorsal], piaroas [envolto em uma rêde e mettido em uma cesta que por sua vez é enterrada em uma cova] (1.242), siusis (1.243) [em um bote-sarcophago], achaguas [na choça] (1.244), aruaques da Guyana Inglêsa [em um tronco cavado ou em uma pequena canôa na choça] (1.245), passês [em uma cova redonda] (1.246), entre os banivas (1.247), bares (1.247), manaos (1.247), maipures (1.247), uirines (1.247), uaupes [envolto na rêde ou em "lençol" de entrecasca na choça] (1.248), paumaris [choças de esteiras sobre montes de terra] (1.249), mundurucús [envolto em uma rêde, na choça] (1.250), chiriguanos [na choça] (1.251). Se por outro lado, conforme attesta K. v. d. Steinen (1.252) usa-se o enterro — no pateo da aldeia, sendo o defunto envolto em uma rêde — (o autor menciona expressamente os mehinacús, auetos, yaulapitis) isso poderia attribuir-se a uma influencia ou melhor ao contagio das tribus ges vizinhas (1.253).

-
- (1.241) Martius I^o 621.
 (1.242) Chauffanjon 188 ff.
 (1.243) Koch-Grünberg V^o 164 ff.
 (1.244) Ernst II 6.
 (1.245) Martius I^o 693.
 (1.246) Martius I^o 511; V. porém ainda pg. 152.
 (1.247) Martius I^o 590; Keller-Leuzinger (28) apresenta uma estampa com uma "urna funeraria dos indios Manaos".
 (1.248) Martius I^o 598.
 (1.249) Ehrenreich II 51; Steere 390.
 (1.250) Martius I^o 393.
 (1.251) Nino 292.
 (1.252) v. d. Steinen II 339.
 (1.253) V. pg. 56.

Bem differente dessa sepultura indirecta em urnas — praticada com frequencia ainda que nem sempre — é a *sepultura directa do cadaver em urnas*, que são logo depois enterradas. Já Ehrenreich, seguindo as pegadas de Martius (1.254) e de Brinton (1.255), tinha assignalado essa forma como característica dos tupí-guaraní (1.256). De então para cá E. Boman (1.257) realizou uma investigação monographica exacta e minuciosa dessa forma de sepultamento chegando aos mesmos resultados para os quaes Nordenskiöld trouxe outros pormenores (1.258). Deduz-se disso que a sepultura directa em grandes urnas surge entre os tupís orientaes, os tupi-nambás de Cabo Frio (1.259), os de São Paulo (1.260), e do Rio Grande do Sul (1.261), os guaraní-cainguás do Paranapanema (1.262), os carijós do sul do Brasil (1.263), os guaraní do Paraguay e do sul do Paraguay junto ao rio Paraná (1.264), os guaraní do Calchaqui-El Carmen (1.265), os chiriguanos (1.266), os omaguas

(1.254) Martius I¹ 177.

(1.255) Brinton 234.

(1.256) Ehrenreich V 47.

(1.257) Boman¹ 261-279, cf. tambem Preuss 60 ff., 130 ff.

(1.258) Nordenskiöld XI 255.

(1.259) Boman¹ 263.

(1.260) Boman¹ 264 até 267.

(1.261) Boman; Königswald II 381.

(1.262) Boman¹ 266.

(1.263) Ihering 252.

(1.264) Boman¹ 267-269, V. tambem Mayntzhausen 468.

(1.265) Boman¹ 253-262.

(1.266) Boman¹ 269-271.

(1.267), na ilha Aruba, Pequenas Antilhas (1.268). Dentre as tribus que não pertencem á familia tupí citam-se os coroados do Rio Xipoto [fontes do Rio Doce, Minas Gerats] (1.269), os coroados do Parahiba (1.270), os goyanases de Piratininga (1.271) e os goytacazes (1.272), que sepultam por essa forma o cadaver de seus caciques (1.273). Como excepções (tupís que não usam essa forma de sepultura) mencionam-se os oyampís e palicurs, que empregam a sepultura indirecta (1.274); a esses devem accrescentar-se pelo menos em parte os tupiniquís, que usavam o enterro simples (1.275), os mundurucús, que envolviam o defunto em uma rêde, enterrando-o no interior da choça (1.276), os maués, que defumam o cadaver do chefe para a mumificação embora tratem os demais cadaveres pela forma mixta acima explicada (1.277), e os apiacás que usam a sepultura indirecta (1.278). A's tribus que empregam a se-

(1.267) Boman² 271-272, Boman cita aqui Bastian e Hartt. Martius I¹ 440 refere esse costume somente a proposito do cacique.

(1.268) Boman¹ 274.

(1.269) Boman² 273; Hensel 127.

(1.270) Debret 20.

(1.271) Debret 29.

(1.272) Boman² 273.

(1.273) Boman² 273; Hensel 127.

(1.274) V. pg. 142.

(1.275) Jean de Léry 336, 337; todavia a forma do tumulo "non pas longue à notre mode, mais ronde et profonde, comme um grand tonneau à tenir le vin" pode ser uma reminiscencia do uso primitivo da sepultura em urnas.

(1.276) V. pg. 148.

(1.277) V. pg. 147.

(1.278) V. pg. 143.

sepultura directa ainda cumpre ajuntar, porém, as seguintes, que não pertencem á familia tupí: cauxanas [aruques] (1.279), conibos [panos] (1.280), paravilhanas (isolados) (1.281). Sobre a presença desse typo de sepultura dentro da area das culturas superiores andinas tratar-se-á mais adiante.

De um modo geral é reduzido o numero das tribus não tupís que empregam esse modo de sepultura e apparece sempre nas zonas de influencia directa das tribus tupís; ainda mais reduzido é o numero de tribus tupís que não o empregam. Disso resulta que ella é encontrada em todas as regiões importantes do multiforme dominio tupí. Apenas em uma secção desse dominio não é assignalada, na area dos tupís centraes onde, por outro lado, os maués e mundurucús parecem empregar outras formas de sepultura (1.282). De um modo geral, porém, pode affirmar-se que a sepultura indirecta é característica dos tupí-guaranis (1.283) e por conseguinte pode ser considerada como traço bem peculiar a elles. É certo que essa forma de sepultura é empregada, fóra dos dominios da cultura do arco ou matrilinear-livre, e manifesta-se aqui de modo particularmente nitido a diffi-

(1.279) Martius I¹ 482.

(1.280) St. Cricq 294.

(1.281) Martius I¹ 632.

(1.282) V. a respeito pgs. 146 a 148.

(1.283) Nordenskiöld fornece ainda como traços peculiares ás urnas funerarias dos Tupí-Guaranis os adornos de impressões digitaes junto ao gargalo das urnas. Nordenskiöld XI 254.

culdade que oferecem os tupí-guaraní para uma caracterização ethnologica que adeante ainda será discutida (1.284).

Uma posição inteiramente peculiar é a que occupam os passées. Enterram os cadaveres directamente em urnas funerarias e transferem os ossos mais tarde para urnas menores (1.285), *associando desse modo a sepultura directa á indirecta, em urnas.*

Caracteristicas da cultura do arco são ainda as CABEÇAS-TROPHEÚS. Sua diffusão foi assignalada graças ás minuciosas pesquisas de Friederici nas Antilhas e Guyanas (1.286), Venezuela, entre os panches, no valle do Cauca, entre os quechuas, na terra de Maynas, entre os romaynos, zapas, coroados iquibas, jeberos, aguanos, maxorunas, cocamas, jivaros, aguavos, entre os araucanos (1.287), os tupí-guaraní no sul, a leste e no centro (1.288). Falta praticamente nos Pampas e na Patagonia e de todo entre os fueguinos (1.289). Quanto á affirmação de Friederici, de que "os povos tapuyas eram em sua generalidade caçadores de cabeças (1.290), cum-

-
- (1.284) V. cap. XI^a.
(1.285) Preuss 129.
(1.286) Friederici I 33.
(1.287) idem 83-87.
(1.288) idem 88-89.
(1.289) idem 87-88.
(1.290) idem 90.

pre aceitar a observação feita por Graebner de que "não é bastante o material recolhido por Friederici" (1.291). No Chaco entre os guaicurús-mbayas, abipones, tobas, payaguas, matacos e na Guyana, praticava-se o escalpamento, que resultou das cabeças-trophéu (1.292).

Consideremos agora, TODA A AREA DE DIFFUSÃO dos elementos isolados desse circulo cultural e resultará que teremos a distinguir dois grupos nitinamente caracterizados. Parte desses elementos só apparece no coração dos dominios do referido circulo, a saber no *nordeste da America do Sul*, norte do Amazonas e leste do Rio Negro. Outra parte apparece, alem disso, na *bacia meridional do Amazonas*, estendendo-se pelos dominios dos purís-coroados, pelo Grão Chaco e em muitos casos partindo daqui, até a Patagonia e a Terra do Fogo. Ao primeiro grupo pertence uma forma característica de secção transversal do arco (convexa), de flecha (sem emplumação), as construcções em palafitas, certo typo de remo (encosto de muleta e pá alargando-se para baixo), bem como a successão em linha materna. Ao ultimo grupo são peculiares a ceramica, a rêde, a cultura do tabaco, a mudança de familia do homem com o casamento, a celebração com solemnidade da primeira menstruação, a habitação para varias familias, a sepultura indirecta, as cabeças-trophéus. Ponhamos de parte, antes de tudo, os elementos propria-

(1.291) Graebner I 1017.

(1.292) Friederici I 30.

mente sociologicos do segundo grupo e veremos como os demais, em face de elementos culturaes mais antigos, são perfeitamente novos, constituindo objectos e costumes não existentes entre ellas, os quaes de um lado pela propria novidade, de outro porque não tinham nenhum elemento afim para desalojal-os, lograram prevalecer tanto mais facilmente. Por outro lado apresentam-se, no primeiro grupo, arco e flecha, construcção em palafita, remo, apenas como aspectos novos de elementos que, em outras formas já existiam nos circulos culturaes mais antigos e em face de taes formas as novas só puderam impor-se em certas regiões. Fora dellas, ao sul do Amazonas e a oeste do Rio Negro ou não conseguiram de todo implantar-se ou tiveram de se accomodar á mistura com formas preexistentes. Relativamente aos elementos sociologicos já se verificou acima (pg. 139) como somente os mais frageis, menos caracteristicos, lograram implantar-se ao sul do Amazonas.

IX

O circulo cultural patrilinear livre (cultura polynesia e indonesia) na America do Sul

Resta ainda verificar se o mais jovem extracto cultural da Oceania, o austronesico (malayo-polynesio), está representado na America do Sul e, em caso affirmativo, até que ponto. Sua presença foi assignalada por W. Foy, apresentando-se como seus elementos caracteristicos o machado de cabo curvo, o leque, o batoque de orelha, o ponche, a tatuagem de punção (1.293). A uma capa cultural mais recente, a indonesica, attribue-se a sarabatana (1.294).

O MACHADO DE CABO CURVO OU EM COTOVELLO foi registado por Krause (1.295) no antigo Perú e no Calchaqui (1.296); ha noticia de sua presen-

(1.293) W. Foy I 151.

(1.294) V. sobre esse ponto explicações mais detidas em *Ethnologica* II pg. 60 nota 7.

(1.295) Krause III 5; V. tambem Nordenskiöld II 44, Fig. 35.

(1.296) V. tambem Mus. Berlim V A 11282, Tarante perto de Casabinda, Provincia de Jujuy, noroeste da Argentina.

ça também entre os colorados do littoral equatoriano (1.297) e os tsonecas no Chile (1298). Entre os tucanos, desanas, baras e outras tribus do rio Caiary-Uaupes carrega-se durante a dança uma especie de picareta na qual a lamina "era fortemente atada... a um cabo angular" (1.299) e no Uaupe encontra-se também um legitimo machado de cabo em cotovello (1.300).

Quanto aos LEQUES cumpre ter em vista as finalidades a que se destinam e merece ser considerado, em particular o *abano para fogo*. Este é assignalado em Bogotá, Colombia [quadrilateral] (1.301), entre os ojanas [quadrilateral] (1.302), trios [pentagonal] (1.303), caua-siusis [redondos] (1.304), no Içana e no Caiary-Uaupés [em forma de coração] (1.305), entre os parecís [oval] (1.306), carajás [quadrangular] (1.307) os trumais (1.308), os botocudos chetas (1.308), os caiapós [quadrangular] (1.309), os bacairís [triangular e quadrangular] (1.310), ipurinas [pentagonal] (1.311),

-
- (1.297) Buchwald 155.
 (1.298) Musters 180, fig. 6.
 (1.299) Koch-Grünberg V¹ 351, V. fig. pg. 330.
 (1.300) Mus. Vienna 1724, col. Natterer.
 (1.301) Mus. Munich II.
 (1.302) de Goeje 19.
 (1.303) de Goeje 20.
 (1.304) Mus. Berlim V B 6529-6535.
 (1.305) Koch-Grünberg V² 208.
 (1.306) Mus. Berlim V B 6992 até 7006.
 (1.307) Krause II 252.
 (1.308) Mus. Munich II.
 (1.309) Krause II 387.
 (1.310) v. d. Steinen I 164, 171; M. Schmidt I 506-507.
 (1.311) M. Schmidt I 507; Ehrenreich II 61.

yamamadis [quadrangular] (1.312), sirionos [quadrangular] (1.313) guatos [quadrangular] (1.314). Relativamente á forma e ao material não se differenciam os abanos dos outros leques. Em geral — excepção feita dos jivaros (1.315), dos campas (1.316), dos chanchamayos (1.317), dos cocamas (1.318), dos omaguas (1.319), dos yahuas (1.320), entre os quaes apparece o abano de pennas — todos os leques são, como na Polynésia, trançados com lascas do peciolo de certas palmeiras, servindo uma parte do peciolo de cabo do leque (1.321). Um pouco differentes são as formas dos carajás dos trumais e dos chetas (e dos bacairís) tanto no que diz respeito aos abanos de fogo como aos leques propriamente ditos: nesse caso um trançado muito mais fino é fixado de um lado a um cabo independente. O abano de fogo dos cayapós, dos yamamadis, dos sirionos e dos guatos constitue um typo de transição entre esse e a forma habitual do leque, visto como aqui o peciolo de palmeira apresenta lascas trançadas somente para um lado. Alem dos exemplos mencionados

(1.312) Ehrenreich II 55.

(1.313) Nordenskiöld VIII 194.

(1.314) M. Schmidt I 497.

(1.315) Rivet 43.

(1.316) Marcoy II.

(1.317) Mus. Berlin V A 3343.

(1.318) Mus. V B 521.

(1.319) Mus. V A 360.

(1.320) Mus. Berlin V B 413.

(1.321) Para novas investigações a respeito veja-se M. Schmidt I,

de abano de fogo encontro ainda os seguintes: *cadineus* [oval, circular] (1.322), *guanás* [redondo] (1.323), *sanapanas* [oval] (1.324), *sapuquís* [redondo] (1.325), *lenguas* [redondo] (1.326), *hororos* [triangular] (1.327) *moxos* (1.328), *cayapas* — Equador [quadrangular] (1.329), Colombia [leque para mulheres, quadrangular] (1.330), *vapixanas* [oval] (1.331), *bares* [pentagonal] (1.332), *campas* [oval] (1.333), *Essequibo* [hexagonal] (1.334), *Guyana* [pentagonal e quadrangular] (1.335).

O PONCHE é encontrado entre os Estados de cultura superior da região andina, na Argentina e no Chaco.

Relativamente á diffusão da TATUAGEM DE PUNCCÃO devem distinguir-se dois grupos: em um tanto os homens como as mulheres são tatuados e em outro apenas as mulheres. Só entre os *parecís* (1.336) a tatuagem é praticada apenas nos homens.

-
- (1.322) Mus. Berlim V B 5420-5421.
 (1.323) Mus. Vienna 74 390-74 392.
 (1.324) Mus. Berlim V C 34-15-3417 a. b.
 (1.325) Mus. Berlim V C 3250.
 (1.326) Mus. Berlim V C 562; Mus. Munich II.
 (1.327) Mus. Vienna, col. Natterer 555.
 (1.328) Mus. Vienna 2188, 2189.
 (1.329) Mus. V A 33 446.
 (1.330) Mus. Munich II.
 (1.331) Mus. Vienna 2014 2015, Col. Natterer.
 (1.332) Mus. Vienna 2167, 2168, Col. Natterer.
 (1.333) Marcoy II.
 (1.334) Mus. Berlim V A II 106.
 (1.335) Mus. V A 49.
 (1.336) v. d. Steinen II 431; antebraço, coxa.

Ao primeiro grupo (homens e mulheres) pertencem: Perú (1.337), Caraques-Ecuador (1.338), cuevas (1.339), varaus (1.340), "True Caribs" (1.341), desamas (1.342), passés (1.343), apiacás (1.344), parecís (1.345), mundurucús (1.346), carajás (1.347), jurís

(1.337) Danielli passim: mãos, antebraço, braço, ombros, costas, sobretudo antebraço; "algumas são tatuadas, outras não".

(1.338) Beuchat 564: de larges bandes passant sur les joues et le menton et joignant les deux oreilles"; cf. também Joyce II 61-62, 132.

(1.339) Krickeberg 147.

(1.340) Schomburgk¹ 167.

(1.341) Im Thurn 195 ff; somente no canto da bôca e nos braços, como distintivo tribal.

(1.342) Koch-Grünberg V 2259; duas linhas azues partindo do labio inferior para o queixo; unica tribu no rio Cayary que usa tatuagem.

(1.343) Martius I¹ 507, na face.

(1.344) Martius I¹ 207; Koch-Grünberg III (351-352); Homens, distintivo tribal: duas linhas traçadas das orelhas para a bôca, a exterior inclinando-se em angulo recto para a bôca; mulheres: pequeno traço ornamentado por baixo da bôca prolongando-se do queixo ás orelhas. Cf. também Krickeberg 109-110; segundo v. d. Steinen e Florence, também no braço, v. d. Steinen II Quadro XVII e Florence — v. d. Steinen 32-33.

(1.345) Martius I¹ 387 rosto e todo o corpo com riscos parallelos; segundo Florence — v. d. Steinen 35, apenas rosto: duas linhas do nariz e da bôca até ás orelhas, adorno de losangos junto ao queixo, entre os homens em torno da bôca.

(1.346) v. d. Steinen II 431 antebraço e parte superior da coxa.

(1.347) Ehreureich II 11; Krause II 218-219; distintivo geral da tribu, imposto quando o individuo chega á maturidade: anel azul no rosto sob os olhos; distintivo dos caciques (homens e mulheres): traços verticaes sobre o queixo.

(1.348), *custenaus* (1.349), *bacairis* (1.350), *chorotis* (1.351), *mocobis* (1.352).

Ao segundo grupo (somente mulheres) pertencem: *aruagues* da Guyana Hollandesa (1.353), *arecunas* (1.354), *tapirapes* (1.355), *guarayos* (1.356), *chiriguanos* (1.357), *matocos* (1.358), *tapietis* (1.359), *achluslais* (1.360), *tobas* (1.361), *cadiucos* (1.362), *mbayas* (1.363), *charruas* (1.364).

(1.348) Martius I¹ 503; no rosto como distintivo tribal.

(1.349) v. d. Steinen I 182; nos jovens: costas; nas velhas: antebraço.

(1.350) v. d. Steinen I 189; tomados, talvez, ás tribus *Aruagues*.

(1.351) Nordenskiöld X 74-78; Rosen 651; mulheres sempre tatuadas, homens geralmente; rosto, testa, faces, nariz, queixo.

(1.352) Baucke 243; homens; faces e queixo; mulheres: testa, faces, queixo, braços etc.

(1.353) W. Joest 83; a pratica já se torna rara.

(1.354) Schomburgk² 209, 234; rosto.

(1.355) Krause II 404; mulheres casadas: linhas verticaes no queixo, numa linha partindo de cada canto da bôca e inclinándose para baixo.

(1.356) Martius I¹ 217; signaes da idade adulta: braço e peito.

(1.357) Nordenskiöld X 203; só muito raramente, no braço.

(1.358) Herrmann 131, nariz e queixo; Nordenskiöld V 185; X 76; segundo Crevaux (em Nordenskiöld X 76) existiam tambem tatuagens nos homens.

(1.359) Nordenskiöld V 183, 185; testa, faces, nariz, queixo.

(1.360) Nordenskiöld X 74-78 testa, faces, nariz, queixo.

(1.361) Thouar 49; rosto, peito, braço.

(1.362) Boggiani II (Colini) 78; Martius I¹ 230-231; ao iniciar-se a idade madura; testa, faces, queixo; actualmente em desuso.

(1.363) Colini II 308; Florence — v. d. Steinen 6; rosto: testa, faces, queixo.

(1.364) d'Orbiguy 227; no rosto, em seguida á primeira menstruação.

Patenteia-se que a tatuagem, pelo menos, a tatuagem em riscos, era usada em toda a região das culturas andinas; na direcção de leste só pelo extremo-norte logrou attingir a costa. Parece todavia que no sul onde a tatuagem se limita em geral ás mulheres, collaboram para a sua diffusão sobretudo as tribus tupís, gente andeja, o que serve para fortalecer ainda mais a supposição de que essas tribus procedem principalmente de oeste.

Alem dos que mencionou Foy, diversos outros elementos servem como attestados para a these da influencia austronesica, a saber o pente de varetas, o banco, a preparação do *tapa* e o cacete em forma de gladio.

Da presença do PENTE DE VARETAS existe bom numero de testemunhos o que permite uma classificacão das formas existentes. Todos os pentes dessa especie reduzem-se, em principio, ao systema de comprimir dentes (varetas) mais ou menos finos, e todos independentes uné dos outros, cntre duas barras transversaes de madeira, que formam juntas uma haste prendendo cses dentes. Uma variedade, a que chamaremos a *de uma haste*, contenta-se com essas barras transversaes que se correspondem entre si. Esta subdivide-se, por sua vez, em dois sub-grupos: o *pente singelo de uma haste*, em que os os dentes ficam só de um lado (1.365)  , e o *pente duplo de uma haste*, onde os dentes sobresaem de

(1.365) Todos os desenhos que apresentamos aqui consttuem simples reproducções schematicas,

ambos os lados  .A outra variedade a que chamaremos a de *duas hastes*, (duas vezes cada systema de duas barras transversaes) comporta hastes separadas entre si por certo intervallo que habitualmente é coberto por um desenho de trançado. Ainda aqui distinguem-se duas sub-variedades ás quaes chamaremos: *pentes singelos de duas hastes*  e *pentes duplos de duas*

hastes  .

A primeira variedade principal teria sido ligada á segunda atravez de uma forma em que, ou duas barras se acham immediatamente unidas,  apparece em depositos pprehistoricos em Ancon [Perú] (1.366) ou diversas barras se acham ajustadas entre si — apparece tambem em depositos prehistoricos, e nesse caso tanto singelas  como duplas  , em Chincha Bolivar [Perú] (1.367), e somente singela em Ica (1.368) —; as barras transversaes, em toda parte, são presas entre si, em regra por um trançado (1.369).

(1.366) Mus. Berlim V A 2161-2165; Mus. Munich I: G 2813-2815.

(1.367) Mus. Berlim V A 13699 u. ?.

(1.368) Mus. Berlim V A 15909; Mus. Munich I: G 2817.

(1.369) Parece que os pentes dos Yumbos que G. A. Colini descreveu no Bolletino della Societá Geografica Italiana (vol. XX [1883] pg. 354-355) estão nesse caso; apenas não é claro se se trata de pentes singelos ou duplos. Encontram-se no Museo Preistorico-Etnografico de Roma, n.º 25, 562-566.

Podem-se considerar taes formas como se foram os verdadeiros prototypos das duas variedades principaes acima assignaladas. Uma forma que dellas se aproxima é aquella onde as duas barras transversaes separadas embora por um intervallo, este não é disfarçado por nenhum desenho de trançado, mas fica livre, como succede

entre os yamamadis  (1.370); coisa semelhante

occorre nos porocotós, entre os quaes, porém, os dentes só formam de um lado (1.371). Ainda mais do que essa, a forma de pente existente entre os campos aproxima-se dos typos polynesios pelo facto dos dois dentes que se destacam de um dos lados formarem uma especie

de cabo  (1.372).

Existe, porém, toda uma serie de exemplos em que o parentesco com as formas polynesiias é mais accentuado, casos onde por um lado as varetas não se acham travadas mediante uma barra transversal, mas presas somente por uma especie de trançado e afastando-se entre si á maneira de um leque, no que se distinguem das outras formas sul-americanas, pois nestas, em geral, as vare-

(1.370) Mus. Berlim V B 3836-3837.

(1.371) Mus. Vienna 1962, Col. Natterer.

(1.372) Mus. Berlim V A 16 886.

(1.373) Munich I: G 2819.

(1.374) Mus. Munich II. O exemplar é pequeno e gracioso na apparencia, tudo parecendo indicar que se destinava somente a ser posto no tumulo.

tas ou são paralelas ou se approximam no extremo inferior. Em dois modelos prehistoricos de Chuguitanta, perto de Lima, um apresenta as varetas entrelaçando-se simplesmente no alto (1.373), emquanto o outro tem a superficie do trançado envolta em fibras que a orlam na extremidade de cima e na de baixo (1.374). Pertencem antes á primeira dessas especies os casos dos araunas

(1.375)



dos caripunas (1.376) e dos moapi-

tyans (1.377); entre os juracarés o trançado é um pouco mais solido na parte de cima e reforçado em baixo por uma orla especial de tecido (1.378); um



(1.375) Mus. Berlim V B 7745 a. b.

(1.376) Mus. Vienna 1029; as varetas são sustentadas por fios de lã.

(1.377) Mus. Dresde 70; os pentes dos Trios e dos Pianogotos seriam da mesma especie. Veja-se a respeito o atlas de Spix-Martius, est. 33, fig. 18.

(1.378) Nordenskiöld VIII 47-48.

(1.379) Mus. Dresde 213, 214.

(1.380) Mus. Munich I: G 2812. Aqui as varetas são de um lado da haste tão grandes exactamente quanto do outro; mas os vestigios de entrelaçamento que se notam de um lado mostram que essas varetas, aqui, só poderiam servir de cabo.

(1.381) Boman² 735.

(1.382) Boman² 736.

(1.383) Canales 280; achado prehistorico de um tumulo, coisa rara na região. De um lado as varetas são muito mais breves, de sorte que resulta quasi apenas um pente de uma só haste.

(1.384) Boman² 725.

exemplo dos panos caracteriza-se pelo facto das varetas, sobresahindo do trançado, formarem como um cabo, alem do qual se enlaçam novamente (1.379).

Excluidas os prototypos já enumerados, e que se encontram todos mais no extremo oeste, assignalarei ainda os seguintes:

I a — SINGELO DE UMA HASTE

Perú (1.380).

I b — DUPLO DE UMA HASTE

Aymaras (1.381), Valle do Ollachea [ao norte do lago de Titicaca] (1.382), Tacna (1.383), Atacama

-
- (1.385) Mus. Berlim V C 237.
(1.386) Mus. Berlim V A 11363 a, b.
(1.387) Mus. Leipzig 1057, 2350 (zona brasileira).
(1.388) Mus. Dresde 71.
(1.389) Mus. Vienna, Col. Natterer 1663-1671.
(1.390) Mus. Berlim V B 5426, 5427, 5429; assim também outras tribus do Caiary-Uaupes: Koch-Grünberg V¹ 294.
(1.391) Mus. Berlim V A 5428.
(1.392) Mus. Berlim V A 16885, ao lado da forma madre acima assignalada pg.
(1.393) Nordenskiöld I 298; com dentes muito longos.
(1.394) Nordenskiöld VIII 47-48; também ao lado da forma madre acima assignalada pg.
(1.395) Mus. Berlim V B 3182-3183; Mus. Vienna Col. Natterer 787, 788.
(1.396) Mus. Berlim V A 11943.
(1.397) Nordenskiöld X 204, fig. 109 A.
(1.398) Mus. Berlim V A 15836 até 15838.
(1.399) Mus. Berlim V C 3731.
(1.400) Mus. Berlim V C 3547.
(1.401) Mus. Berlim V A 30152 ff.

[Calama] (1.384), Quillagua [Chile septentrional] (1.385), Pueblo Viejo [Jujuy, noroeste da Argentina] (1.386), Rio Negro (1.387), Guyana (1.388), uaupes (1.389), cauas (1.389), uananas (1.390), tucanos (1.390), yahunas (1.391), campas (1.392), atсахuacas (1.393), yuracarés (1.394), bororos (1.395), chiriguanos (1.396), chanes (1.397), chorotis (1.398), matacos (1.399), tobas (1.400), patagões (1.401).

(1.402) Mus. Berlim V A 2161-2164; ao lado da forma madre acima lembrada, pg.

(1.403) Mus. Munich I 504, 505; Nordenskiöld X 204, Fig. 109 a. Esse pente tem de extraordinario o facto das varetas que sobresaem alem do trançado, se entrelaçarem por sua vez, tornando-o uma forma de transição para o tipo II.

(1.404) Mus. Berlim V A 1783.

(1.405) Mus. Leipzig 5091.

(1.406) Mus. Leipzig 980, 981.

(1.407) Mus. Vienna, Col. Natterer 1962.

(1.408) Mus. Dresde 70, Col. Schomburgk.

(1.409) Nordenskiöld VIII 48.

(1.410) Mus. Berlim V B 1743.

(1.411) Mus. Leipzig 3617; Krause II 409.

(1.412) Mus. Munich II.

(1.413) v. d. Steinen, II Fig. 79; Mus. Berlim V B 2723, 2724; Mus. Leipzig 6131.

(1.414) Mus. Berlim V B 1703 — 1704.

(1.415) Mus. Leipzig 5808, 5932, 6244, 6245.

(1.416) Mus. Berlim V B 7410; Mus. Leipzig; Mus. Munich I: 08106, 08107; Ehrenreich II 24; Krause II 298-299. Quadro 21 a, b, c.

(1.417) Krause II 355.

(1.418) Krause II 385, Quadro 68. I; é ainda discutivel se o exemplar unico aqui encontrado por Krause procederia dessa tribu.

(1.419) Globus XL 85.

(1.420) de Goeje 9.

IIa — SINGELO DE UMA HASTE

Ancon (1.402), juris [taboca] (1.403), jivaros (1.404), Rio Negro [região das nascentes ao que consta] (1.405), Amazonas (1.406), porocotos (1.407), maopityanas (1.408), guarayos (1.409), jurunas (1.410), tapirapés (1.411), camayuras (1.412), auetos (1.413), bacairís (1.414), naúguas (1.415), carajás (1.416), chavaya (1.417), cayapós (1.418), rucuyennes (1.419), trios [Surinam] (1.420).

II b. DUPLO DE DUAS HASTES :

Conibos (1.421), auetos (1.422), mechinacús (1.423), carajás (1.424).

Finalmente cumpre ainda lembrar um caso de pente de quatro hastes (singelo), por onde se vê que o proprio typo de pente de quatro hastes, assignalado acima, encerrava possibilidades de evolução (1.425).

Já que a variedade *I a* é representada apenas por um exemplo, ha motivos para duvidar da existencia

(1.421) Mus. Berlim V B 1784.

(1.422) Mus. Berlim V B 2723; ao lado da forma acima assignalada.

(1.423) Mus. Berlim V B 2516, 2667-2670; v. d. Steinen II Fig. 80.

(1.424) Mus. Leipzig. 2710, ao lado da forma singela e da de duas hastes acima assignalada; Krause II Quadro 21 e.

(1.425) Mus. Munich II. Consta de duas hastes finas, reunidas na parte superior e na inferior, de modo que se adquire assim a illusão da existencia de duas hastes; o espaço intermedio entre as duas hastes duplas é apenas ligeiramente entretecido. Infelizmente, como procedencia dessa peça singular, fornece-se de um modo muito geral "região do Amazonas".

dessa sub-especie. A propria sub-divisão do typo II em duas sub-especies torna-se discutivel, devido á circumstancia de auctos e carajás usarem de uma e de outra e tambem devido ao facto das areas correspondentes a ambas as sub-especies não terem entre si limites praticos. E' claro, por outro lado, que não somente os prototypos acima referidos como tambem representantes das duas classes principaes apparecem na area das culturas superiores andinas (1.426). Seja como fôr, o certo é que a primeira está numericamente melhor representada e alem disso succede que os demais representantes dessa classe têm seu dominio nas vizinhanças dos Andes e, por assim dizer, em toda a extensão da faixa que confina com a cordilheira, a leste, até á Patagonia, ao passo que a segunda classe principal tambem se acha radicada, é certo, na area cultural andina, mas dilatando-se para leste até ao Xingú, distancia-se muito de sua base de expansão, o que constitue nova prova de que, pelo seu proprio character, é a mais evoluta e a mais distanciada da forma polynesia, que coincide antes com a variedade de uma só haste. Não se deve desconhecer o facto de, com a diffusão dessa segunda variedade para leste, as tribus tupís terem desempenhado um papel importante. E' singular a presença relativamente isolada da especie *II a* entre os caribas trio no Surinam: ella faz presumir que não nos

(1.426) Dos colorados na costa equatoriana foram encontrados dentes de pente feitos de cobre, mas que pertenciam seguramente a um pente de varetas (Buchwald 155); é difficil, porém, dizer, com certeza, a qual das classes pertenceria.

é conhecido aqui um certo numero de etapas intermediarias.

Sobre a disseminação do BANCO OU TAMBORETE — V. a respeito carta 7: formas de banco — nas culturas superiores andinas e em parte na região septentrional da America do Sul, estamos bem informados graças ás excellentes pesquisas de Marshall H. Saville (1.417). Um merito particular de taes pesquisas é o informe sobre a vinculação ás formas da America Central e das Antilhas. Por outro lado é apenas abordada a questão da vinculação ás formas peculiares ás regiões meridionaes da America do Sul. Aqui sobretudo é possível, com a introdução de material novo, obter uma visão mais ampla abrindo caminho, portanto, para a solução definitiva dos problemas que nesse caso entram em jogo.

O material de que pude dispor offereço-o a seguir em uma exposição succinta e systematica, que já deixa, não obstante, entrever as correlações historico-culturaes:

I — AUSENCIA DE REPRESENTAÇÕES DE ANIMAES

- | | | |
|--|---|--|
| A. Sobre duas taboas de suporte. | B. Sobre quatro pés, mas ligados de dois em dois por uma barra no sentido de comprimento. | C. Sobre quatro (ou três) pés independentes. |
| 1. Taboas de suporte paralelas, no sentido de comprimento. | 1. Supportes parallelos no sentido do comprimento. | 1. Sobre quatro pés. |

(1.427) Saville² 103 ff.

(a) (Assento e) taboas de suporte salientes: (Fig. 1) (1.428).

Panamá (1.429), Guyanas (1.430), Esmeraldas-Cayapas (1.431), Manabís (1.432), Perú (1.433), Ica (Perú) (1.434), Taulipans (1.435), Tucanos (1.436), Trumais (1.437), Assuriniquins (1.438), Bacairís (1.439), Bororos (1.440).

(a) (Assento e) taboas de suporte salientes: (Fig. 6).

Salumas (Surinam) (1.441), Tucanos (1.442), Juris (1.443), Caiary-Uaupes (1.444), Uaupes (1.445), Siusis (Uaupes) (1.446).

(a) Assento saliente, (Fig. 9).

Florida (1.447), Nicaragua (1.448), Chibchas (1.449), Venezuela (1.450), Esmeraldas (1.451).

(b) (Assento e) taboas de suporte não salientes (fig. 2).

(b) Suporte não saliente (Fig. 7).

(b) Assento não saliente (fig. 10).

(1.428) Os desenhos que a seguir apresentamos pretendem offerecer apenas representações schematicas.

(1.429) Saville² 105, Quadro II, 13, 15.

(1.430) Mus. Vienna 8523.

(1.431) Savil² 105, Quadro II 14.

(1.432) Saville² 105, Quadro II, 16, 20 (no ultimo caso toda a peça descansa sobre um pedestal).

(1.433) Savil² 105 Quadro II 17, 21 (no ultimo caso as duas taboas de suporte são substituidas por dois animaes).

(1.434) Mus. Berlim V A 15905.

(1.435) Mus. Munich II.

(1.436) Koch-Grünberg V¹ 308, fig. 192 á direita.

(1.437) Mus. Leipzig 5360.

(1.428) Mus. Vienna 71955.

(1.439) Mus. Berlim V B 1711, 2390.

(1.440) Mus. Leipzig 454.

(1.441) de Goeje II 4, Quadro I 4.

(1.442) Mus. Berlim V B 6223, 6224; Koch-Grünberg V¹ 308, fig. 192 á esquerda. Nos bancos grandes tambem seis pés, fig. 193.

(1.443) Mus. Munich I: 415.

(1.444) Koch-Grünberg V¹ 139, Quadro 88.

(1.445) Mus. Vienna 1730-1743, Col. Natterer.

(1.446) Mus. Leipzig 2780.

(1.447) Saville² 105, fig. II 7.

(1.448) Saville², fig. II 8.

(1.449) Mus. Berlim V A 1936.

(1.450) Saville² 105, fig. II 6.

(1.451) Saville² 105, fig. II 5.

Ojanas (1.452), Jurunas Caucaz (1.458), Banivas Coejiros (1.460), Sisus (1.458), Chiriguano (1.454), (1.459), (1.461), Guató (1.462).
 Guatas (1.455), Payaguás (1.456), Chiriguano (1.457).

2. *As taboas de suporte no sentido da largura.* 3. *As taboas de suporte no sentido da largura.* 2. *Sobre três pés.*

(a) Assento saliente: (a) Suporte saliente; falta (a) Assento saliente (fig. 11)
 (fig. 3).

Esmeralda-Cayapa (1.463).
 Manabís (1.464).

(Jamaica) (1.468), (Costa Rica) (1.469).

(b) Assento não saliente (b) Assento não saliente
 (Fig. 4). (Fig. 8).

Cauca (1.465), Cayapas de Costa Rica (1.467).
 Esmeralda (1.466).

-
- (1.452) de Goeje I 12, Quadro VII 2.
 (1.453) Mus. Berlim V B 1749.
 (1.454) Nordenskiöld X 177.
 (1.455) M. Schmidt II 181.
 (1.456) Mus. Berlim V C 922.
 (1.457) Mus. Berlim V A 30376.
 (1.458) Saville² 105, Quadro II 2.
 (1.459) Saville² 105, Quadro II 3.
 (1.460) Saville² 105, Quadro II 4.
 (1.461) Koch-Grünberg V¹ 139, fig. 86, 87.
 (1.462) Mus. Berlim V B 4898; M. Schmidt II 180-181.
 (1.463) Saville² 105, Quadro II 10.
 (1.464) Saville² 105, Quadro II 11, Quadro LXXXVII 1, 2.
 (1.465) Saville² 105, Quadro II 12.
 (1.466) Saville² 105, Quadro II 9.
 (1.467) Saville² 105, Quadro II 1. Tenho certas dúvidas sobre se esse exemplar está no caso presente, pois no quadro (em Saville) não é possível distinguir exactamente qual seja o sentido do comprimento.
 (1.468) Saville² 104, Quadro I 1.
 (1.469) Saville² 104, Quadro I 3.

3. Não ha intervallo entre as duas paredes do suporte. Em consequencia disso desaparecem as classes 1 e 2: (fig. 5).

As diversas especies de assento particularmente caracteristicas dos Manabis (1.470), entre as quaes — não a taboa de assento propriamente, mas — o bloco massiço que sustenta essa taboa toma conformação de homens e animaes (puma, macaco, ave, lagarto, morcego, cobra etc.) (1.471).

II — REPRESENTAÇÕES DE ANIMAES

- A: *Sobre duas taboas de suporte.* B: *Sobre quatro pés mas ligados de dois em dois por uma barra no sentido do comprimento.* C: *Sobre quatro (ou três) pés independentes.*
(Fig. 13).

Taboas de suporte sempre salientes. (Fig. 12).

1. Sobre quatro pés.

a) Com taboa de assento horizontal. (Fig. 14).

(1.470) Saville² 105, Quadro II 18, Quadro LXXXVI 1, 2, 3.

(1.471) Saville² 23 ff., Quadro IV-XXVII,² 88 ff., Quadro XXXII-XLVII.

Caribas (Surinam) (1.472). (Colombia) (1.481).
 Trios (?) (1.473), Corajás
 (1.474), Xambioás (1.475).
 Camayuras (1.476), Mehinacús
 (1.477). Nauquas (1.478).
 Trumaís (1.479), Bacairís
 (1.480).

Mehinacús (1.482), "tribus
 do Xingú" (1.483), Payaguás
 (1.484), (Chiriquís (Pa-
 nama)) (1.485). Arteenas
 (São Salvador) (1.486).
 (Costa Rica) (1.487), Guyana
 Inglesa (1.473) (?), Trios
 (1.473) (1.488).

(1.472) Mus. Berlin V A 28778. Também na Guyana In-
 glesa assignala Im Thurn (298) bancos "often formed into gro-
 tesque figures of tortoises, frogs, armadilloes, alligators, and other
 animals"; não se distingue, porém se devem ser inseridos na
 classe *a*, *b*, ou *c*.

(1.473) Aqui prevalece duvida identica á que occorre com
 relação á Guyana Inglesa. *de Goeje* II 4 escreve: "Entre os
 Trios encontram-se também bancos redondos (isto é recurvados
 para baixo) [como entre os Ojanas]; esses têm frequentemente
 uma parte saliente, chamada *iputupöli* (sua cabeça) que a faz
 semelhante a uma imitação rustica de algum animal.

(1.474) Mus. Berlin V B 3933; Krause II Quadro 19, 1 so-
 mente para os caciques.

(1.475) Ehrenreich II 25, 26.

(1.476) v. d. Steinen II fig. 82.

(1.477) Mus. Berlin V B 4305; v. d. Steinen II fig. 83.

(1.478) Mus. Berlin V B 4399; Mus. Leipzig 6404.

(1.479) v. d. Steinen II fig. 84.

(1.480) Mus. Berlin V B 1706, 2835; v. d. Steinen I fig. á
 pg. 173.

(1.481) Saville² 104, Quadro I 20; Mus. Berlin V A 3122;
 San Augustin, Estado de Tolima.

(1.482) v. d. Steinen II fig. 86.

(1.483) Mus. Berlin V B 4342; v. d. Steinen II fig. 85, 86.

(1.484) H. Meyer em Saville² 104, Quadro I 13, 14. Segundo
 v. d. Steinen I 206 poderiam também os Suyás figurar neste caso.

(1.485) Mus. Berlin V C 922.

(1.486) Saville² 104, Quadro I 15, 16, 17.

(1.487) Saville² 104, Quadro I 21.

(1.488) Saville² 104, Quadro I 19.

b) Com a taboa de assento curvando-se pronunciadamente para cima (1.489) (Fig. 15).

Bahamas (1.490), Antilhas (1.491), Porto Rico (1.492), Antioquia (1.493).

3. Sobre três pés. (Fig. 16).

a) Com taboa de assento horizontal.

(Jamaica) (1.494), (Costa Rica) (1.495).

b) Com taboa de assento curvando-se para cima: (Fig. 17).

Bahamas (1.496), Antilhas (1.497), Chibchas (1.498).

(1.489) Em regra geral é a parte correspondente á cauda que se volve para cima.

(1.490) Saville² 107, Quadro III 5.

(1.491) Saville² 104, Quadro I 8-10.

(1.492) Saville² 108, Quadro III 4; Quadro III 1.

(1.493) Saville 110, Quadro III 6 (nesse exemplo já não se distingue a representação animal ou humana).

(1.494) Saville² 104, Quadro I 2.

(1.495) Saville² 104, Quadro I 4, 6.

(1.496) Saville² 104, Quadro I 9.

(1.497) Saville² 104, Quadro I 11; 109 Quadro III 2 (aqui representa o conjuncto uma figura humana, de cabeça erguida).

(1.498) Saville² 109 até 110, Quadro III (nesse exemplo se distingue a representação animal ou humana).

Quanto ás formas que poderiam ser incluídas antes entre as metates ou pedras de moer e, por conseguinte que devem ser excluídas da presente secção é o que se discutirá mais tarde; entretentes, na lista acima, ficam collocados entre parenthesis semelhantes casos; os exemplos de elementos de pedra são entrelinhados e os assentos de barro registados em italico.

Um facto que immediatamente chama a attenção é o dos assentos em forma de animaes não apparecerem a oeste e sobretudo na area das culturas superiores andinas (1.499). Surgem unicamente a leste, começam

(1.499) Por outro lado poderia assignalar-se a presença no Equador (Cañari, Caraques, Esmeraldas) e no Calchaqui de formas que são consideradas como pedras de moer (*metate*) nos estudos de Rivet (Verneau-Rivet 185-186), mas que Saville, em consequencia da posição que assumiu com relação ás formas centro-americanas e antilhanas (Saville² 104, 112), tambem se viu levado a considerar, neste caso, como assentos. Todavia, sem perder-me na discussão acerca das formas centro-americanas e antilhanas, (Rivet manifesta-se aqui tambem pela these de que se trata de pedras de moer, hem como Lehmann, 81; cf. Beuchat 538, 544) acho que é possível mostrar com segurança que as formas do Equador (e do Calchaqui) só podem ser tidas como pedras de moer. Isso se applica antes de tudo ao especimen assignalado por Saville² quadro XCIX, em virtude do pronunciado escavamento da prancha superior; na peça apresentada por Verneau-Rivet, quadro IX 8, já surge esse escavamento de maneira apreciavel. E' tambem decisivo o facto da peça de Sigsigbamba (Verneau-Rivet 185) descansar não em quatro pés, mas "*sur un rebord continu qui a la forme rectangulaire de l'instrument*". Esse proprio rebord continuo basta para afastar essa forma de qualquer relação com o assento. Outra peça encontrada por Uhle (186) repousa, porém num "rebord circulaire". Temos assim exemplos da relação entre essas formas e a vasilha circular cuja relação com o almofariz está acima de qualquer duvida e é especialmente typica do Perú (Verneau-Rivet 185, quadro IX 1, 2, 4.).

a manifestar-se já muito ao sul, entre os payaguás, transpõem a zona do Xingú, rumo ás Guyanas e d'aqui passam para as Antilhas e a America Central.

Não é menos digno de nota o facto dos bancos que descansam sobre duas taboas e que não são *representações de animaes* terem seu verdadeiro nucleo no Equador e no Perú, e serem de diffusão exclusivamente sul-americana. Segue-se que a Oeste, excluida a forma *I b*, acham-se representadas todas as formas secundarias, ao passo que as demais areas onde se manifestam, ostentam apenas algumas dessas formas secundarias, mais ou menos especializadas. A forma *I b* encontra-se apenas ao sul do Amazonas (a unica peça ojana conhecida tambem não se liga a ella em sua forma perfeitamente singular); dir-se-ia que constitue somente uma forma regressiva de *I a*.

Os dois *typos principaes independentes*, são os seguintes: (a) bancos com figuras de animaes e quatro pés; (b) bancos sem figura de animal e com duas taboas servindo de suporte para o assento, dispostas horizontalmente. Todas as outras formas constituem typos de transição ou mixtos, quando não se acham geneticamente vinculados a esses dois typos principaes.

Nesse ultimo caso está, em primeiro lugar, a forma com *quatro (ou três) pés separados*. Tem aproximadamente a mesma area de diffusão da forma *II C*, mas em sua extensão para o sul não chega a ultrapassar

o Amazonas (1.500). Acha-se tambem em relações genéticas com essa forma. Considerando-a do prisma evolucionista poder-se-ia ver nella uma forma anterior e mais singela de *II C*, na qual, em virtude dos quatro pés, a fantasia teria “divisado”, mais tarde, a forma animal. Nesse caso, porém, não se compreenderia porque essa “forma primordial”, que sempre existiu e ainda hoje existe, não se teria expandido para o sul, em algumas migrações, juntamente com aquella. E’ possível admittir-se, pois, que se trataria de uma simplificação. Isso é apparente nas formas de três pés. Nas de quatro pés, todavia, essa supposição converte-se numa certeza, devido ao facto de se encontrarem ambas as formas no extremo norte, nas Antilhas e na America Central. Se o ponto de partida tivesse sido a zona do nordeste da America do Sul, que fica no meio e que apresenta hoje somente a forma *I C* — excluidas no maximo as Guyanas Inglesa e Hollandesa —, não seria possível esclarecer como a forma *II C* poderia ter ido para o sul. Assim *I C* seria uma forma reduzida de *II C*. Poder-se-ia crer que essa redução tenha occorrido sob a influencia do encontro com *I a*; sua presença na Florida e na Jamaica, todavia, parece militar contra semelhante *hypothese*.

(1.500) Sua presença manifestando-se de forma perfeitamente isolada entre os guatós poderia ser esclarecida como uma formação recente, de accordo com o principio das idéas elementares, pois, segundo a exposição de M. Schmidt II 181, as pre-condições de seu apparecimento existiriam. A forma de Esmeraldas, que existe separadamente, indica, pelo material de que é fabricada, não ser um *typo* primario.

Não é menos claro que a forma de *quatro pés, mas ligados de dois em dois por uma barra no sentido do comprimento* não é independente, mas transitiva e intermediaria entre I A e I C; existe sempre e apenas onde geographicamente ambas se encontram: no centro da parte septentrional da America do Sul, permanecendo sempre ao norte do Amazonas.

Onde, porém, a forma A I — exclusivamente na especialização I a (e b) — se acrescenta a II C sobretudo ao sul do Amazonas, na região do Xingú e também na Guyana, surgem também formas de transição e ajustamento, que tomam de I A ambas as taboas ou paredes de suporte, mas de II C a prancha de assento com a conformação de animal: é o grupo II A (1.501).

O grupo II B, representado por um unico exemplar, poderá até certo grau constituir uma forma renovada de I a e II A. E mais poderá mesmo ser qualificado propriamente de *metate*; é filiado ás formas acima referidas (V. pg. 175 nota) dessa especie de almofariz, procedentes do Equador.

Assim poderemos, finalmente, assignalar uma dupla conclusão para tudo isso, a saber:

Estamos em presença de duas formas perfeitamente independentes de banco, tanto no que respeita á sua origem como á sua diffusão.

(1.501) Cf. também, a esse respeito, as considerações de K. v. d. Steinen II 286.

1. *A que descansa sobre quatro pés separados* tomando a forma de um animal occupa a parte oriental da America do Sul, expandindo-se daqui para a America Central, as Antilhas e a Florida. E' possivel que se tenha dado nesse caso uma transformação (realizada somente em virtude da influencia da segunda forma capital) da taboa de apoiar a nuca, propria do circulo cultural totemico patrilinear e que assume tão frequentemente formas animaes. Com effeito um antigo escriptor assignala justamente na parte septentrional dessa area, na Nicaragua, o costume dos caciques de Tecoa-teca de utilizarem esse "assento" como taboa de apoiar a nuca (1.502).

2. A forma que descansa *sobre duas taboas ou sobre um bloco massiço* occupa o oeste e estende uma ramificação para o noroeste na parte media da zona septentrional, outra para sudeste, na zona do Xingú, e uma terceira para o sul; a segunda e a terceira reu-nem-se depois entre certas tribus do Chaco. O ponto de partida dessas três correntes poderemos assignalal-o com certa precisão: é a zona de Esmeraldas-Manabi-Cayapa, no littoral do Equador, onde existem representantes dos diversos typos especiaes.

O quadro de diffusão do PREPARO DO TAPA indicaria tambem a procedencia polynesia, já que essa vestimenta foi usada sobretudo a Oeste, na Bolivia, no Perú oriental e no Uaupes (1.503).

(1.502) Oviedo in Saville² 118.

(1.503) Krickeberg 112.

Assim tambem devo mencionar aqui a conhecida *macana* semelhante a um sabre e que é agarrada em geral com as duas mãos — cf. a respeito carta I: Diffusão das armas — sendo assignalada para toda a região cultural andina: chibchas (1.504), Colombia [Rio Ica] (1.505), Equador (1.506), Perú (1.507), assim como para as suas zonas de influencia occidentaes: araucanos (1.508), tribus panos dos maxorunas (1.509), conibos (1.510), cachibos (1.511), xipibos (1.512), os jivaros (1.513), juris (1.514), uitotos (1.515), chiquitos (1.516), araunas (1.517), as tribus tupís dos Miranhas (1.518), dos campos (1.519), talvez mesmo os tupís centraes [particularmente os apiacas] (1.520), dos guarayos (1.521), e mundurucús

-
- (1.504) Restrepo 146.
 (1.505) Mus. Vienna 71 981.
 (1.506) Saville² 10; Verneau-Rivet 24, 30, 40, 47, 54, 58.
 (1.507) Beuchat 670-671; Verneau-Rivet 24.
 (1.508) Medina 132 ff.
 (1.509) Mus. Vienna 1463, Col. Natterer.
 (1.510) Orton 321-322; Mus. Berlim V B 776, 812, 813; Mus. Dresde 16 686.
 (1.511) Mus. Berlim V B 432.
 (1.512) Mus. Berlim V B 434.
 (1.513) Mus. Berlim V A 3392.
 (1.514) Mus. Dresde 265.
 (1.515) Hardenburg 137.
 (1.516) Fernandes 50; d'Orbiguy 251; Church 95.
 (1.517) Mus. Berlim V A 7760.
 (1.518) Mus. Vienna 1526, Col Natterer; Mus. Munich I: 620, 621, 716.
 (1.519) Mus. Berlim V A 433.
 (1.520) Martius I¹ 203.
 (1.521) Martius I¹ 217.

(1.522), as tribus aruaques dos jucunas (1.523), uaupes (1.523), piros (1.524) e purupurus (1.525), o rio Napo (1.526) e a Serra Nevada [Santa Martha, Santa Magdalena] (1.527). Suspeito que mesmo o bastão-remo da região de nordeste (especialmente da Guyana) também deverá ser incluído aqui, e que o bastão curto dos caribas, com corte transversal quadrangular, — em muitos casos um machado de pedra com remate mais espesso — representa uma forma especializada extrema do mesmo. Seria necessário, porém, pesquisas mais minuciosas para se decidir sobre essa questão.

Caso a VELA TRIANGULAR, que Friederici assignala entre os peruanos, já existisse nas eras precolumbianas, deveria ser também incluída no círculo cultural austronésico. Data certamente dessas eras, todavia, a VELA QUADRANGULAR, assignalada no littoral do Equador, no Perú, no lago Titicaca e ao sul entre os chonos. Essa vela quadrangular é o primeiro indicio da presença de uma corrente cultural ainda mais joven, isto é a *indonesica*, á qual ella é peculiar (1.528).

Só poderia ser essa corrente mais jovem a que surge em certo momento no littoral peruano como qual-

(1.522) Martius I^o 388.

(1.523) Mus. Vienna 1634, Col. Natterer.

(1.524) Mus. Berlim 435 (o catalogo designa por "Piras" a tribu da qual procede o exemplar).

(1.525) Mus. Munich I: 628.

(1.526) Mus. Leipzig 3721.

(1.527) Mus. Berlim V A 2236.

(1.528) Graebner, I 750.

quer coisa de absolutamente exótico apresentando-se a um tempo “com o TEAR, com uma technica distincta de tecido e motivos de representação inteiramente particulares em que sobretudo os *vegetaes* exercem um papel importante”, da qual seu primeiro descobridor, o Dr. Max Schmidt chega a confessar que “dirige os nossos olhos para o extremo oeste” (1.529). Em face das objecções de W. Lehmann (1.530), Graebner vem fortalecer as observações de Max Schmidt com a allegação de que “a forma de rolo do separador de fibras, que apparece no Perú e que tambem se encontra entre os pueblos, só é conhecida alem disso em Formosa, na Indonesia septentrional e nas Carolinas” (1.531).

Uma diffusão importante e mais extensa na America do Sul foi obtida por outro elemento que nos mares austraes deve attribuir-se á cultura indonesica (1.532); é a *sarabatana* — V. a respeito Carta I: Diffusão das armas —. E’ assignalada na costa occidental entre os colorados (1.533) e principalmente no Imperio dos Incas (1.534), e alem disso em toda a zona de influencia occidental e tambem um pouco para o nordeste, mas nesta ultima parte sempre apresentada como aquisição recente. Aqui fabricam-n’a sobretudo

(1.529) M. Schmidt III 61.

(1.530) MAGW., XLI (1911) 182 ff.

(1.531) Graebner II 66.

(1.532) Graebner I 750; Foy, Ethnologia II 60 nota 7.

(1.533) Rivet; Globus LXXXIX, (1906) 68; Buchwald 156.

(1.534) Joyce II, 211-212; Markham 88, 133; A A 119-120 (Equador).

os arecunas (1.535) que a fornecem aos macuxís (1.536), paravilhanas (1.537), porocotos (1.538) e outras tribus das savannas, de modo que sua difusão se torna, ao cabo, relativamente ampla. Schomburgk designa-a como arma predilecta dos caribas na Guyana Inglesa (1.539), encontra-se alem disso entre os mainataris (1.540) e as tribus aruaques dos banivas (1.541), uaupes (1.542), ao passo que os "True Caribs" e acavois não a conhecem (1.543). A' zona de difusão propriamente sub-andina pertencem, por outro lado, os xolones, no hualaga (1.544), os yameos (1.545), as tribus panos dos caripunas (1.546), maxorunas (1.547), culinos (1.548), catauixis (1.549) e conibos (1.550), as tribus betoyas

(1.535) Im Thurn 245; Mus. Vienna 1906, Col. Natterer.

(1.536) Schomburgk¹ 360, 425; Mus. Vienna 2049-2051, Col. Natterer, 2644, Col. Schomburgk; Mus. Dresde 35, 199, 611, Col. Schomburgk.

(1.537) Mus. Berlim V A 189 a, b; Mus. Berlim V B 4046 (Alto Rio Negro).

(1.538) Mus. Vienna 1956, 1957, Col. Natterer.

(1.539) Schomburgk² 232, 239; Mus. Berlim V A 185.

(1.540) Mus. Vienna 1914-1916, Col. Natterer; Mus. Berlim V A 305 (Venezuela, Orenoco).

(1.541) Mus. Vienna 1791-1798, Col. Natterer.

(1.542) Mus. Vienna 1564, 1565, Col. Natterer.

(1.543) Im Thurn 245.

(1.544) Mus. Dresde 193, Col. Poeppig; Poeppig² 334, 456.

(1.545) Mus. Dresde 188, Col. Poeppig.

(1.546) Mus. Vienna 2117, Col. Natterer.

(1.547) Mus. Vienna 1456-1458, Col. Natterer.

(1.548) Mus. Vienna 1455, Col. Natterer.

(1.549) Martius I¹ 414.

(1.550) St. Cricq 281; Ordinaire 307.

dos coerunas (1.551), cobeuas (1.552), baras (1.553), bahaganas (1.554), macana-yahunas (1.555) e yabakanis (1.556), as tribus primitivas e isoladas dos corocoros (1.557), jivaros (1.558), capanaguas [Rio Yucayalli] (1.559), uitotos (1.560), macús (1.561), as tribus aruaques dos juris (1.562), ticunas (1.563), yucunas (1.564), yamamadis (1.565), amuechas (1.566), siusi-capolitanas (1.567), cauyaris (1.568), cauixanas (1.569),

-
- (1.551) Mus. Munich I: 301, 499.
 (1.552) Koch-Grünberg V² 130; Mus. Berlim V B 6544; Mus. Vienna 1782, Col. Natterer.
 (1.553) Koch-Grünberg V¹ 328 ff, 332; recebidas dos Buhanas.
 (1.554) Koch-Grünberg V¹ 275, 321; Mus. Berlim B V 6547.
 (1.555) Koch-Grünberg V² 286; recebido dos Yucunas; Mus. Berlim V B 6546.
 (1.556) Mus. Vienna 1909, Col. Natterer.
 (1.557) Maldonado em Church 93.
 (1.558) Rivet 48 ff.; Mus. Berlim V B 1253, 1254 (Alto Amazonas).
 (1.559) Mus. Vienna 71 983.
 (1.560) Hardenburg 136-137.
 (1.561) Koch-Grünberg V¹ 879,² 15.
 (1.562) Martius I¹ 504; Mus. Vienna 1540-1542, Col. Natterer; Mus. Munich I: 435.
 (1.563) Mus. Berlim V B 743, 1954; Mus. Vienna 1468-1472, Col. Natterer; Mus. Dresde 201, Col. Poeppig.
 (1.564) Koch-Grünberg V² 286.
 (1.565) Ehrenreich II 56; Steere 385; Mus. Berlim V B 3789-3792.
 (1.566) Grube 45; Mus. Berlim V A 3393 a, b (Chanachamayo).
 (1.567) Koch-Grünberg V¹ 71, 72, 94: arma principal; Mus. Berlim V B 6549 6590.
 (1.568) Koch-Grünberg V² 115.
 (1.569) Bates 393.

passes (1.570), urines (1.571), moxos (1.572), as tribus caribas dos hianacoto-umauas (1.573), pebas (1.574) e taulipanas (1.575), as tribus tupís dos miranhas (1.576), dos cocamas (1.577), os tupís do littoral, dos rios Tietê e Guassú (1.578), e talvez os mundurucus (1.579). A presença entre os acues-xerentes (Rio Tocantins) que surge attestada com um exemplar (1.580) é perfeitamente singular; pois excluído esse caso, nenhuma só vez é ella attestada aquem da zona do Xingú. Mesmo a allegação de Lafone Quevedo (1.581) de que tubos de madeira encontrados em depositos prehistoricos no Calchaqui fossem pedaços de sarabatanas não parece muito verosimil, em face do quadro de diffusão da sarabatana na America do Sul que aqui se esboça; pois nenhum outro exemplo attesta sua disseminação tão accentuadamente para o sul (1.582).

(1.570) Mus. Vienna 1538, 1539, Col. Natterer; Mus. Munich I: 432; Martius I¹ 515.

(1.571) Mus. Vienna 1913, Col. Natterer.

(1.572) Eder 291 ff.

(1.573) Mus. Berlim V B 6545, Koch-Grünberg V² 115; recebido dos Canyaris, V. nota 23.

(1.574) Poeppig² 334.

(1.575) Mus. Munich II (Col. Koch-Grünberg 40).

(1.576) Mus. Vienna 1527, Col. Natterer.

(1.577) Mus. Berlim V B 469.

(1.578) Friederici III 73.

(1.579) Martius I¹ 394.

(1.580) Mus. Munich II;

(1.581) Lafone Quevedo 492 ff.

(1.582) Friederici III 72-73.

Resulta de um PANORAMA DE CONJUNTO dos elementos isolados, que a cultura polynesia e ainda mais a indonesia não lograram manifestar-se em bloco ou com um numero consideravel de elementos essenciaes, mas apenas com certos traços isolados e em verdade apenas aquelles que, ou constituem, em face das culturas mais antigas, objectos ou costumes inteiramente novos e ainda não existentes aqui, ou manifestos aperfeiçoamentos de elementos mais antigos. Isso coincide em tudo com o facto de taes culturas serem as mais tardias e evoluidas e tambem com o de todos esses elementos se encontrarem ainda na costa occidental e della partirem, aparentemente, emquanto só uma pequena parte, e em formas já desenvolvidas, attinge o oriente e a costa oriental (1.583), o que apenas no norte ocorre, e em resultado da influencia das migrações caribas. Tudo isso vem tambem militar em favor da these de que as duas culturas em questão penetraram já não por via terrestre mas sim por mar. Vê-se facilmente que essa migração maritima não poderia realizar-se mediante uma affluencia mais ou menos continua de tribus e povos inteiros, mas apenas por incursões occasionaes de vehiculos ou de pequenas frotas transportando alguns homens e raramente de frotas maiores em viagens intencionaes.

(1.583) Entre as formas do circulo cultural idonesico apparece esse facto ainda mais limitado e na maioria dos casos só ao norte do Amazonas.

Igualmente significativo é o facto do instrumento indispensavel para semelhantes viagens maritimas, a VELA, poder ser assignalado na costa occidental como indiscutivelmente pre-colombiano. No caso, porém, de se allegar que em parte alguma da costa occidental se encontram os instrumentos de navegação altamente desenvolvidos dos polynesios e indonesios e em particular os BOTES DE BALANCIM desses mesmos povos, cumpre salientar-se, antes de tudo, que já Friederici notara o facto dos botes de balancim dos polynesios serem, em principio, nada mais do que balsas aperfeiçoadas. O proprio Friederici, ao registar a tradição dos perueños de que teriam apprendido a arte da navegação a vela de Viracoxa, o qual lhes viera do lado do mar em uma balsa veleira, reconhece que, em face de todas as circunstancias, “essa tradição deve dirigir nossa attenção immediatamente para os polynesios... cujos ultimos estabelecimentos do lado oriental, na ilha da Paschoa não ficavam, ao cabo, muito mais distantes das costas peruanas do que de seus vizinhos occidentaes das ilhas de Paumotu e Marquesas (1.584). Accrescente-se a isso, porém, que conforme ainda salienta Friederici, justamente no grupo oriental das ilhas Paumotu, Mangareva (ilhas Gambias) usa-se hoje não o bote de balancim, mas a balsa, e balsa a vela e que apesar disso a pa-

(1.584) Friederici II 74. Observa adeante, porém: “Mas a narrativa (a tradição) é muito lendaria e vazia para permittir maiores dedncções”. E assim succede effectivamente quando tomada por si só, mas adquire outro significado se associada aos factos aqui relacionados.

lavra que designa a balsa, *kiasu*, é identica á palavra usada commumente entre os polynesios para o "balancim"; de tudo isso deduz Friederici que os habitantes de Mangareva tambem conheceram a principio o bote de balancim (1.585). W. H. R. Rivers, que assignala um caso semelhante para as ilhas de Torres (1.586), applica taes factos e com razão contra Th. A. Joyce, que do simples emprego das balsas na costa occidental da America tirou um argumento contra a possibilidade das migrações oceanicas (1.587).

Por outro lado essa forma de penetração das culturas austronesicas do Pacifico não exclue a possibilidade de ter sido tambem introduzido um elemento extremamente importante do ponto de vista social, a differença das classes, desde o REGIME DOS REGULOS COM SOBERANIA ABSOLUTA até o de ESCRAVOS mais ou menos sem direitos — V. a esse respeito Carta 5: Sociologia —. Ao contrario, se essa cultura procedeu realmente dos mares austraes e atravez da navegação é preciso salientar que justamente nas viagens maritimas a soberania dos regulos austronesicos é mais accentuada.

Verificamos com effeito que as duas instituições sociaes mencionadas se irradiam justamente da costa occidental para leste. A affirmação extrema da soberania

(1.585) Friederici V 247.

(1.586) Rivers 110 ff.

(1.587) Rivers 127.

nia entre os Incas do Perú e os Estados Chibchas, indo até quasi a divinização do monarcha é bem conhecida para exigir maior exame. A escravidão é attestada expressamente nos chibchas e quimbayas (1.588). Entre os Incas poderia parecer inexistente; quando porém consideramos mais attentamente a questão, chegamos á conclusão de que toda a sua estructura estatal, sob a apparencia de um communismo em ampla escala, constitue nem mais nem menos do que uma escravidão de intensidade e extensão inauditas, na qual povos inteiros se achavam sujeitos a uma casta nobre irresponsavel, a familia dos Incas (1.589).

Ao longo de toda a fronteira de ambos esses Estados e particularmente para o sul, estende-se toda uma serie de tribus entre as quaes se encontram as duas fronteiras extremas de evolução; soberania absoluta ou hereditaria, muitas vezes rodeada por uma casta de nobres, e escravos mais ou menos destituídos de direitos. Quando em casos isolados ouvimos falar somente de uma dessas instituições, o motivo estará com frequencia na insufficiencia das fontes. A seguir apresenta-se todo esse material disposto apenas em columnas parallelas:

(1.588) Joyce² 22.

(1.589) Joyce² 104: "... the condition of the peasant in Peru approximated nearer to the ideals of the doctrinaire socialist than in any country in the world. But it was at a price which perhaps the natives of no other country would consent to pay" etc.

CHEFES HEREDITARIOS
(OU ABSOLUTOS)

churuyas (1.590).
maquiritares (1.591).
uaupes (1.592).

siusis (1.598).

carajás (1.599).
manacicas (1.600).

ESCRAVOS

goajiros (1.593).
aruaques da Guyana
(1.594).
salivas (1.595).
miranhas (1.596).
uaupes (1.597).
uainumas (1.596).
juris (1.596).
passés e outras tribus do
Japurá (1.604).
timbiras (1.605).
carajás (1.599).
mundurucus (1.606).
maués (1.606).
jurunas (1.607).

-
- (1.590) Saenz 333.
(1.591) Chaffanjon 266, 284.
(1.592) Martius I¹ 73.
(1.593) Nieboer 73.
(1.594) Martius I¹ 693.
(1.595) Gumilla² 254.
(1.596) Martius I¹ 72 ff.
(1.597) Martius I¹ 71-72.
(1.598) Koch-Grünberg V¹ 68.
(1.599) Ehrenreich II 28-29; Krause II 322.
(1.600) Fernandez 263 ff.
(1.604) Martius I¹ 72 ff.
(1.605) Martius I¹ 71-72.
(1.606) Martius I¹ 71.
(1.607) v. d. Steinen I 265.

achluslay-chorotis (1.601).	botocudos (Rio Belmonte) (1.606).
chanes (1.602).	coroados (1.608).
guaycurús (1.603).	suyas (1.609).
chiriguanos (1.611).	guaycurús (1.603).
guarayos (1.612).	chiquitos (1.610).
tobas (1.613).	chiriguanos (1.611).
lenguas (1.614).	tobas (1.613).
abipones (1.615).	abipones (1.615).
chamacocos (1.616).	chamacocos (1.616).
cadineos (1.617).	cadineos (1.617).
patagões (1.618).	patagões (1.618).
araucanos (1.619).	

(1.601) Nordenskiöld X 33 ff; Rosen 653.

(1.602) Nordenskiöld X 228 ff.

(1.603) Martius I¹ 71, 232; Debret 33.

(1.608) Königswald III 46.

(1.609) v. d. Steinen I 211.

(1.610) Fernandez in Church 95.

(1.611) Nordenkiöld X 228; Thouar 37.

(1.612) Church 115.

(1.613) Koch-Grünberg II 105.

(1.614) Koch-Grünberg I 219.

(1.615) Dobrizhoffer² 111.

(1.616) Boggiani 22, 38-39, 51-52.

(1.617) Koch-Grünberg II 44.

(1.618) Outes 263; Musters 217.

(1.619) Latcham 355.

Verifica-se que a diffusão para o norte do Amazonas é menos extensa e que para o sul as tribus tupís participam accentuadamente na disseminação da escravidão, transmittindo-a por um lado ao Grão Chaco e daqui á Patagonia, e por outro aos puri-coroados.

Por mais que a introdução da escravidão pudesse significar um declinio do nivel de cultura, cumpre não esquecer que a soberania absoluta chamou á vida os grandes Estados de cultura superior e que somente com a absorpção de muitos centros pequenos anteriormente existentes foi possivel dotar-se a evolução cultural daquella base ampla, sem a qual não seria possivel imaginar um florescimento maior.

X

A mythologia dos diversos circulos culturaes sul-americanos

Se agora, para concluir, quizessemos num exame de conjuncto por a prova a justeza dos circulos culturaes sul-americanos aqui apresentados, a comparação das differentes mythologias seria certamente um bom meio. Mas infelizmente a obtenção do material necessario continúa a ser uma lastima e não se pode dizer que a situação tenha melhorado mesmo depois da obra de pioneiro que constitue o trabalho de P. Ehrenreich sobre "os mythos e lendas dos povos primitivos sul-americanos (1.620). Não existe uma unica tribu da America do Sul sobre a qual disponhamos de collecção satisfatoria de mythos taes como aquelles de que dispomos no caso de toda uma serie de tribus e povos do Velho Mundo (1.621). E' muito pobre o material

(1.620) Ehrenreich VI.

(1.621) Parece que, devido aos meritorios esforços do Snr. Capistrano de Abreu, do Rio de Janeiro, ficaremos em melhores condições relativamente á tribu Pano dos Caxinauás graças a uma

existente e alem disso as unicas tribus entre as quaes apparece esse material são tão pouco numerosas, que uma comparação ampla do ponto de vista historico-cultural não offerece por emquanto muitas perspectivas de exito. Conformo-me, pois, com um exame summario dos resultados obtidos por Enrenreich aos quaes, de então para cá nada de novo se accrescentou.

Resta assignalar, infelizmente, que não possuímos nenhum material mythico referente ao **MAIS ANTIGO CIRCULO CULTURAL SUL-AMERICANO**, nem siquer depois disso. O que ha relativamente aos onas faz suspeitar que teria provindo de outros grupos do norte, por intermedio das tribus de patagões e do Chaco. Assim o mytho que conta como a lua recebeu as suas manchas (1.622); o mytho onde se refere que antigamente as mulheres tinham associações secretas lembram muito os mythos sobre amazonas das tribus septentrionaes (1.623). Quanto ás tribus ges não conhecemos, por assim dizer, nenhum mytho importante dessa procedencia.

Se passarmos agora aos povos e tribus que attribuímos á **CULTURA TOTEMICO PATRILINEAR**, lembraremos que fora dos paizes andinos sempre deparamos tribus e restos de povos inteiramente isolados, de

collecção extremamente rica de mythos dessa tribu que presentemente se acha ainda no prelo. Coisa semelhante poderá ser dita, conforme se verá abaixo, a respeito de Koch-Grünberg, pg. 202.

(1.622) Cojassi 80; Ehrenreich, VI 36-37.

(1.623) Cojazzi 31 ff.; Ehrenreich VI 64-65.

modo que não admira se a respeito dos mesmos não existe virtualmente nenhum material mythologico, conforme se pode verificar facilmente da relação de Erenreich (VI 105). Apenas da tribo mixta dos carajás temos alguns mythos, nos quaes o heroe Kaboi parece manifestar natureza solar (1.624).

A situação esclarece-se melhor com relação aos povos andinos, entre os quaes, conforme vimos, os fundamentos culturaes constavam de um mixto do totemismo patrilinear e da cultura matrilinear de duas classes, com forte predominio do primeiro componente. Corresponde a ellas tambem o *mixto de mythologia solar e mythologia lunar*, que alli deparamos, com grande predominio da primeira. O deus de barbas brancas, Viracoxa entre os quechuas e Boxica entre os chibchas, que vem nos dois casos do Oriente e parte para o Occidente conduzindo sabedoria e cultura, corresponde, de certo modo, ao Baiame das tribus australianas do sudeste (1.625). A differença está em que entre os quechuas elle parte e a religião solar é collocada francamente em primeiro plano pelo Inca, continuando-se apenas a reverenciar Viracoxa que, como Baiame, representa um mixto da forma do alto ser com o sol que envelhece. Por outro lado Inti, o sol, corresponde entre os Incas ao Bundjil de outras tribus do sudeste da Australia (1.626) — o qual, por sua vez, tambem re-

(1.624) Ehrenreich VI 63-64.

(1.625) W. Schmidt, V 370 ff.

(1.626) Schmidt V 319 ff.

sulta de um mixto da cultura totemico patrilinear e da cultura matrilinear de duas classes —, pois tem a lua por esposa e acha-se estreitamente relacionado com o falcão. Também Boxica, entre os chibchas, aproxima-se de Bundjil nisto que tem uma replica em Chibchacum, — evidentemente uma divindade lunar —, como estes a têm em Pallyan; ao mesmo passo sua mulher Huatheca-Chia, que é também a lua, toma por esposo ora a elle ora ao outro (1.627). O que resta acerca das religiões e mythologias das culturas andinas, na medida em que se relacionam com o circulo cultural totemico-patrilinear, já foi tratado acima, ás pgs. 93-94 (1.628).

Resumindo, cumpre-nos affirmar que até agora não temos nenhum especimen seja de uma pura mythologia solar, como corresponde a uma cultura totemico-patrilinear, seja de uma pura mythologia lunar como corresponde á cultura de duas classes, mas sim um mixto de ambas. Isso concorda plenamente, aliás, com as demais condições culturaes, porque, conforme vimos, nenhuma das duas culturas mencionadas pode ser encontrada alli em estado puro. No entanto deve dizer-se que entre os quechuas Viracoxa-Inti, tal como Baiame no sudeste da Australia, situam-se melhor na pura mythologia solar, ao passo que entre os chibchas Boxica-Chibchacum, tal como Bundjil entre outras tribus do sudeste da Australia seriam mais proprios da mytho-

(1.627) Joyce II 12-13; Beuchat 549-550, 558.

(1.628) Cf. também Ehrenreich VI 41 ff.

logia solar-lunar de uma cultura de duas classes mixtas (1.629).

Passando agora para as tribus extra-andinas das bacias do Orenoco e do Amazonas, entre as quaes predomina a *cultura matrilinear livre, chamada do Arco*, ficaríamos embaraçados para nos pronunciarmos sobre qual das mythologias alli existentes lhes seja verdadeiramente peculiar. Porque nem nos mares austraes nem em qualquer outra parte do Velho Mundo foi feita até agora qualquer tentativa para determinar qual a mythologia propria da cultura do arco. Todavia porder-se-á alimentar algumas suspeitas a esse respeito tendo em vista que a cultura do Arco, a cultura matrilinear-livre, se acha em relações intimas e multiformes com a cultura de duas classes, a exogamo-matrilinear, segundo o demonstrou Graebner (1.630). Na cultura de duas classes, porém, o schema de uma das suas mythologias peculiares é o seguinte: o ser fundamental é a lua, que surge considerada aqui como mulher e tambem, frequentemente, como rochedo ou caverna; da lua deriva o *par de gemeos*, um dos quaes representa a lua clara, o bello, o sabio, o bem, que cria e ordena todas as bondades deste mundo, ao passo que o outro é a lua escura, o feio, o rude, o mau, que tudo damna (1.631). Poderíamos suppor que na cultura matrilinear livre muita

(1.629) Cf. tambem Ehrenreich VI 51-52.

(1.630) Graebner I 778 ff.

(1.631) W. Schmidt V 310 ff.

coisa ficou preservada mesmo desse esboço de uma mythologia lunar.

E isso vamos vêr, agora, effectivamente, confirmado.

O character lunar da *entidade fundamental feminina* entre certas tribus justamente dessa area, já estudei acima, quando se discutiram as condições sociaes. Deve-se acrescentar aqui que tambem Camuxini, o antigo patriarcha ou progenitor da tribu entre os bacairís, posto que seu nome lembre a palavra correspondente a "sol" nas linguas aruaques, sendo considerado como aranha ou arachnoide é tipicamente um ente lunar, visto como a aranha não está relacionada ao sol, conforme quer Ehrenreich (1.632), mas sim á lua (1.633), conforme tambem o demonstram os exemplos norte-americanos dos pueblós e iroqueses, que o proprio Ehrenreich apresenta, e o caso que, em outro lugar (pg. 36) elle mesmo cita dos parecís. Em geral esse ser aracnoide é tambem feminino, como nos dois exemplos citados e entre os camuxinís isso parece manifestar-se ainda no facto de ser elle, do lado materno, o avô dos dois heroes culturaes. Entre os mundurucús o tatú, por intermedio do qual o heroe cultural Rairu é arrastado para uma cova na terra, de onde sairão depois os homens (1.634), é tambem um motivo lunar, como decorre claramente dos mythos correspondentes dos

(1.632) Ehrenreich VI 42.

(1.633) W. Schmidt I 107 e V 313.

(1.634) Ehrenreich V I 32, 49.

bacairís e parecís (1.635): O tatú é a replica sul-americana especifica da lebre e do coelho, como o ouriço é a replica especifica australiana, e os quatro têm caracter lunar por serem animaes que cavam a terra, nella se mettem e della emergem novamente, symbolizando por essa forma o desapparecer e o resurgir da lua (1.636). Entre os guarayos Abaangui, o pae dos dois heroes culturaes, com seu nome "hombre de nariz caida" e sua arma, a espada em forma de foice ou crescente, a sua invenção da chicha e sua situação de soberano do reino dos mortos, é certamente uma entidade lunar como já o vira Ehrenreich (1.637). Cumpre, finalmente salientar a lenda das amazonas que, como affirma Ehrenreich, parece ter-se expandido por toda a parte septentrional do continente sul-americano. "Ella deveria ter surgido entre os caribas do norte e foi em todo o caso transmittida do norte aos carajás, uma vez que falta entre os demais grupos ao sul do Amazonas" (1.638).

O par de gemeos heroes culturaes é attestado mais claramente, e sob formas mais variadas, surgindo, alem disso, quasi apenas em tribus de nosso circulo cultural. Ehrenreich, que tambem esclareceu devidamente a alta significação desses heroes culturaes para a mythologia sul-americana, salienta que "a lenda dos gemeos entre povos superiores da zona andina... é me-

(1.635) V. em Ehrenreich VI 36.

(1.636) Cf. W. Schmidt V 385.

(1.637) Ehrenreich VI 43.

(1.638) Ehrenreich VI 64-65; cf. porem pg. retro a proposito dos onas.

nos elaborada ou já se acha diluida em consequencia da religião solar, que absorveu mais tarde todos os outros cultos; ella apparece aqui somente entre os mythos locais das tribus isoladas sujeitas pelo dominio Inca, como na lenda de Yunka de Pachamac e Vixama, no mytho do Guamaxuco, de Apocatequil e Piguerao (1.639). Regista a seguir os seguintes grupos entre os quaes apparece a lenda dos gemeos: tupís, guarayos, mundurucús, juracarés, bacairís, tamanacús, giraras, araucanos e aparentemente tambem carajás. Cumpriria aqui, em primeiro lugar, pôr de parte os araucanos devido ao estreito parentesco entre a sua lenda e as da America do Norte. Restam apenas as tribus da area da cultura do Arco; só é de lamentar que exactamente a respeito das tribus propriamente aruaques e caribas, em particular as do norte do Amazonas, não exista nenhum material. O que deparamos aqui em maior escala são tribus do sul e, o que é mais importante, tribus tupís, de modo que não podemos esperar um quadro perfeitamente fiel da mythologia peculiar á cultura do Arco na America do Sul.

O facto é que aqui os dois gemeos quasi nunca representam a lua clara e a lua escura, como seria de esperar, caso se tratasse de uma mythologia lunar pura, mas antes o *sol* e a *lua*, ainda que no caso dos bacairís não se possa fugir a certa hesitação sobre qual dos dois gemeos seja o sol ou a lua (1.640). Poder-se-ia crer

(1.639) Ehrenreich VI 45; cf. tambem 40.

(1.640) Ehrenreich VI 52.

que nesse caso estivesse determinada a differença e a peculiaridade da cultura do Arco e que nella o par de irmãos não representa, como na cultura de Duas Classes, a lua clara e a lua escura, mas sim o sol e a lua. Ao facto de depararmos aqui quasi exclusivamente mythos das tribus meridionaes e tupís, accrescenta-se porém o do character dos mythos ostentar um predominio consideravel do sol e uma depreciação da lua, ou até mesmo certa hostilidade contra a lua (1.641). A esse proposito deve lembrar-se que o sol, em regra geral, é o mais atilado, o melhor e o mais poderoso entre os dois irmãos (1.642). Alem disso toda a serie de provas pelas quaes devem passar os irmãos, cadeias de flechas, Symplegadas, assentos de espinhos, queima, captura de animaes, são, com excepção talvez da ultima, de natureza solar (1.643). E' digna de nota, tambem a inimizade ao jaguar, animal que participa pronunciadamente da mythologia lunar e que entre os tupís fecunda a mulher já antes fecundada por um peixe, devora a mãe dos gêmeos e é mais tarde morto por estes. Poder-se-ia crêr, pois, que aqui, em um mytho que fôra de inicio puramente solar, só mais tarde ingressara a lua, deante da qual o sol estaria originariamente em posição hostile.

(1.641) E' interessante, porém, que segundo a informação de Jean de Léry 113 (V. tambem fig. á pg. 120) os tupiniquins traziam pendente ao pescoço um enfeite de osso em forma de crescente que tambem designavam com o nome de "lua".

(1.642) Ehrenreich VI 51 ff.

(1.643) Ehrenreich VI 49 ff.

Possuimos tambem, segundo as apparencias, um *puro mytho solar* dessa especie na historia de Hoeménihicæ, o heroe tribal dos cobeuas, registado pelo Dr. Koch (1.644). O heroe tribal não tem aqui, a acompanhá-lo, um irmão gêmeo que appareça na historia. Possui, é certo, mais dois irmãos: Manicæ tœibœ, que não tem cabeça e cujos olhos ficam no peito, em lugar das mamillas, e Cuai. O ultimo, em todo o caso, é tomado aos aruaques. No mytho Hoeménicæ é tirado do ventre materno por um urubú que se achava embriagado e mata o jaguar porque este lhe devorara o pae. E' de esperar que o Dr. Koch nos tenha trazido ainda outros mythos desse genero, especialmente de sua ultima viagem ao coração da area da cultura do arco (1.645).

Quanto aos mythos das tribus tupís, guarayos, mundurucú, tupís orientaes, que ostentam tanto entre si como com as dos vizinhos juracarés similitudes consideraveis, accrescente-se que Ehrenreich demonstrou em certas lendas dos tupís orientaes relações directas com mythos de velhos grupos do Perú, que por sua vez já denunciavam affinidades surprehendedentes com outros da Asia meridional, particularmente siameses (1.246). E' esse um d'os numerosos indicios existentes de uma antiga connexão dos tupís-guaranis com os velhos po-

(1.644) Koch-Grünberg V² 159 ff.

(1.645) Koch-Grünberg V³ 292 apresenta um bello mytho solar sobre o apparecimento do Jurupary entre os jahunas.

(1.646) Ehrenreich VI 62-63, 95-96.

vos andinos. Como entre os ultimos, porém, não houvesse a cultura do arco, não poderíamos esperar, entre os tupí-guaranis a forma de mytho desse circulo cultural em seu caracter puro.

Por outro lado participa puramente da mythologia lunar, entre os bacairís, o caso dos dois gêmeos que se originam do facto de sua mãe Nimacaganiro ter engolido dois ossos de um dedo, que o jaguar Oca, entidade lunar, tinha cortado em ponto de flecha. Seu proprio nascimento (são arrancados do ventre da mãe defunta e depois mettidos ambos em uma cabaça) é de caracter inteiramente lunar. Assim tambem o mytho dos varaus, onde a mulher, Corobona, concebe de um tronco de arvore e o filho é em seguida espedaçado e sepultado, mas torna-se, não obstante, o antepassado dos caribas (1.647), tem pronunciado caracter lunar. E' de crer, assim, que o norte nos traga outros mythos nos quaes o caracter lunar se evidencie melhor e nelles se torne possivel, então, investigar qual seja a mythologia peculiar á cultura do Arco.

Resta ainda ver se o circulo patrilinear-livre, a *cultura austronesica* se denuncia nos mythos. Ehrenreich entende que os indicios são a esse respeito "mais escassos do que se poderia esperar" (1.648); o que existe deveria ser antes attribuido a processos de convergencia ou a influencias asiaticas communs. Assim procura tambem atenuar o significado da occorrença do

(1.647) Frobenius 235.

(1.648) Ehrenreich VI 96.

motivo da cultura do sol, do mytho polynésio de Maui — pelo qual é quebrada ou cortada uma perna ao sol, afim de que ande mais devagar —, encontrado por elle proprio em um mytho carajá, e acerca do qual dissera: “E’ surprehendente a coincidência com o mytho polynésio de Maui” (1.649). A atenuação não é muito clara pois não conhecemos até aqui casos de concordancia exacta com esse traço do mytho polynésio de Maui. A união de Rangj e Papa, os avos Ceu e Terra, no mytho polynésio, que mais tarde são apartados um do outro, é evocada pelo mytho bacairí segundo o qual Ceu e Terra tambem se achavam immediatamente unidos de inicio, mas o Ceu por baixo e a Terra por cima, até que finalmente se separaram e com isso mudaram de lugar (1.650). Quando entre os guarayos o primeiro homem Mbiracucha (1.651) — que naturalmente é identico ao Viracoxa peruano — pousa sob a forma de uma larva em um caniço que se eleva do mar primitivo, o caso tambem faz pensar no mytho de Maui, que ao nascer é lançado á agua onde o recolhe uma alga — variante da lenda da origem do primeiro homem de uma canna de bambú, narrada na Indonesia e na Indo-China (1.652). Em dois mythos do velho Perú o ovo mythico desempenha um papel: entre os yuncas Vixama, meio irmão de Pachacamac recebe de

(1.649) Ehrenreich II 39.

(1.650) v. d. Steinen II 376.

(1.651) Cardus 76.

(1.652) Frobenius 271-274.

seu pae o deus sol, afim de povoar de novo a Terra, três ovos, de ouro, prata e cobre, dos quaes virão a nascer respectivamente os chefes, as esposas dos chefes e o povo (1.653); entre os guamaxucos uma rapariga fecundada pelo servidor do Alto Ser põe dois ovos, dos quaes nascem os gêmeos Apocatequil e Pigerão (1.654). O motivo do ovo primordial apparece sob multiplas formas entre os dayaks de Borneu, entre os tibeto-birmanos da Indo-China e entre os polynesios (1.655).

Tendo em consideração as falhas e a escassez consideraveis do material apresentado sobre a America do Sul, devemos dizer, resumindo, que os circulos que logramos distinguir em primeiro lugar do exame das outras provincias culturaes, tambem recebem no terreno da mythologia já agora mais um ponto de apoio, ou pelo menos não encontram nella nenhuma contradicta.

(1.653) Ehrenreich VI 33.

(1.654) Ehrenreich VI 62-63.

(1.655) W. Schmidt I §§ 25, 101 102, 107; Frobenius 269-270.

XI

Quadro de Conjuncto

Consideremos ainda uma vez toda a area dos circulos culturaes sul-americanos e procuremos obter um panorama da situação. Creio poder affirmar, em primeiro lugar, que a divisão, aqui esboçada dos povos da America do Sul conforme o criterio historico-cultural não entra em contradicção com as discriminações realizadas anteriormente, de outros pontos de vista, mas ao contrario com ellas coincide, exprimindo-as mesmo com maior nitidez.

a) RELAÇÕES DOS CIRCULOS CULTURAES COM AS SUB-DIVISÕES ECONOMICAS E LINGUISTICAS. AS TRIBUS TUPI-GUARANIS

Tal facto patenteia-se antes de tudo no que diz respeito á divisão segundo os *graus de evolução economica*.

Se for preciso considerar as tribus da fase mais baixa, a da *collecta*, isto é os ges, puri-coroados, grupos do Chaco e, alem desses, uma serie de tribus isoladas

impellidas para oeste ao longo das fraldas orientaes da cordilheira dos Andes, como as mais antigas ainda no continente sul-americano, isso coincide perfeitamente com a discriminação historico-cultural, visto como deparamos, nesse caso, representantes dos quatro circulos mais antigos, a saber as três culturas primarias e, parcialmente, a cultura totemica.

Esta ultima, que no Velho Mundo se tem revelado sempre a mais recente, comparada ás três culturas primarias, apresenta-se tambem aqui como a mais jovem, por isso que as tribus que nella se incluem sobrepõem-se apenas aos ges e aos grupos immediatamente a leste dos Andes.

As tribus da *fase da lavoura* cobrem na America do Sul todas as florestas e savannas das areas do Amazonas e do Orenoco abandonadas por aquelles grupos marginaes; possuem ainda hoje em particular a ampla "porta de ingresso" do littoral de nordeste, ligando-se á America do Norte atravez das Antilhas e da Florida, e revelando-se assim, mesmo do ponto de vista geographico, como a camada mais jovem. Tambem nesse caso ha conformidade com a concepção historico-cultural, que inscreve taes tribus — assignaladas, segundo o seu criterio, logo depois das quatro anteriores — entre os grupos matrilineares e como o mais jovem desse typo, o matrilinear-livre, a chamada cultura do arco.

Por conseguinte as *culturas superiores andinas* apresentam-se, nas bases em que assentam, como mais anti-

gas, pois resultam aparentemente de uma interpenetração das culturas totêmico-patrilinlear e exógamo-matrilinlear. Mas sua ascensão final á posição, por assim dizer, de culturas superiores devem-n'a somente ao influxo das duas culturas mais jovens na America do Sul, a polynesia e a indonesia, de modo que, tomadas *em conjuncto*, as culturas superiores andinas, em plena concordancia com a escala da evolução economica, devem ser consideradas na realidade como as mais jovens, em face das tribus de agricultores das planicies do Amazonas e do Orenoco.

Os agrupamentos *linguisticos*, por sua vez, não se ajustam menos á discriminação historico-cultural. Não quero entrar aqui em particularidade e minucias, pois isso nos levaria muito longe e, de resto, não ha nenhuma difficuldade que as torne imprescindiveis.

Assignalo apenas como o *circulo cultural totêmico-patrilinlear* encontra representantes justamente nas tribus em que chegou ao extremo a fragmentação linguistica. Isso corresponde exactamente ás condições que prevalecem na Oceania, em particular na Australia, e eu associo taes condições á fixação do totem em determinados sitios, á chamada localização do mesmo (1.656).

Em franca contradicção com essa circumstancia ocorre, aqui tal como na Australia, uma profunda connexão linguistica entre as tribus *matrilinleares*, e cumpre citar nesse caso as três grandes familias dos

(1.656) W. Schmidt IV 239 ff.

aruaques, caribas e tupí-guaraní. Poder-se-ia suppor que exista nesse caso uma contradicção, pois com essas tribus inicia-se effectivamente a cultura do solo que tem por consequencia o estabelecimento fixo de uma aldeia e portanto uma sedentariedade maior. Mas outro elemento desse circulo cultural vem militar poderosamente no sentido da expansão: são as ligas masculinas secretas com as suas dansas de mascara. A forte energia propagatoria que ellas têm entre as tribus aruaques por exemplo já foi muitas vezes posta em relevo por outros ethnologos nada animados pelo criterio historico-cultural (1.657).

Uma unica familia linguistica parece offerecer certa resistencia á discriminacção historico-cultural. Não deixo de declarar-o, afim de que nem uma sombra paire da suspeita de que pudesse crer na possibilidade para a escola historico-cultural, de resolver de um só golpe todos os mysterios da ethnologia. Nesse caso especial a confissão é para mim tanto mais facil quanto a familia linguistica em apreço constitue tambem, de um modo geral, uma *crux interpretum ethnologicorum*. Trata-se dos tupí-guaraní que, com a historia tão movimentada das suas migrações e, por conseguinte, com o panorama multicôr de seu actual quadro de diffusão, tantas theorias já têm suscitado. E' extremamente difficil abrangel-os, mesmo do ponto de vista historico-cultural. Sua penetração nos dominios mais diversos, a

(1.657) Koch-Grünberg, Ehrenreich.

extraordinaria capacidade de adaptação que por sua vez denunciavam e a “tupinização” a que forçaram os povos mais distintos, tendem a tornar quasi impossivel uma definição segura do que seja propriamente a cultura especifica dos tupí-guaraní tomada só por si. Será necessario, no seu caso, emprehender um estudo pormenorizado das mais velhas fontes, de modo a se poder determinar com exactidão o historico das suas migrações e assim avançar até á sua verdadeira séde primitiva chegando tambem a obter um quadro exacto do seu mais antigo arsenal de cultura.

Se collocarmos os tupí-guaraní, de um modo geral, ao lado dos aruaques e caribas, no circulo de cultura matrilinear (livre), deveremos cõvir em que são, entre os três, os que ostentam maiores discrepancias. No que se reforça a these de que representariam, em verdade, o mais antigo entre os três grupos, e portanto o que mais se expoz á mistura com culturas mais antigas. Vemos, em consequencia tambem desse facto, que todo o seu dominio — excluidos unicamente os oyampis do extremo nordeste — estende-se para o sul do Amazonas onde, conforme já mostramos, as proprias tribus aruaques e caribas que alli se implantaram tambem apresentam consideraveis discrepancias no quadro da cultura do Arco. Um unico elemento existe que, pela presença quasi geral entre as tribus tupí-guaraní, milita contra a attribuição destas ao circulo cultural matrilinear. E' a *sepultura dos cadaveres directamente*

em urnas (1.658), sem que se proceda depois á retirada e á limpeza dos ossos como succede de modo característico nas culturas matrilineares e tambem entre os aruaques (e caribas) (1.659).

Nesse caso impõe-se a supposição de que semelhante forma de sepultamento, como o habito de envolver o cadaver, constituiria tão somente uma nova forma de enfardar para a mumificação, como se fazia entre as culturas andinas e particularmente no Perú. Nesse sentido poderia lembrar-se, por um lado, que em uma tribu tupí impellida muito para oeste, os maués, é tambem praticada a verdadeira mumificação, mas, o que é bem característico, só entre os chefes. Por outro lado encontra-se tambem na area das culturas superiores andinas o verdadeiro sepultamento directo em urnas. Assim succede entre os mantas do littoral do Equador e em numerosos sitios do interior do territorio equatoriano, bem como em Ica e no sul do Perú (1.660). De certo modo, em posição intermediaria desse sepultamento em urnas para a sepultura sobre plataforma, ficará a forma de tratamento do cadaver peculiar aos jivaros, entre os quaes o defunto é frequentemente mettido em um "tronco de cedro" (urna!) e depois

(1.658) V. pg.149 sqs.

(1.659) V. pg. 139 sqs.

(1.660) Verneau-Rivet 50, 126-127; Buchwald 155. A existencia de urnas funerarias nas culturas andinas é pois mais frequente do que o pretende Nordenskiöld (XI 250). Ainda recentemente Uhle (361, 365) forneceu a prova directa da transição do enfardamento de mumias para a sepultura em urnas.

fechado numa casa que os parentes abandonavam em seguida. Ou então accomodado em um assento, mãos e pés cruzados, com os seus mais bellos enfeites e vestimentas, o cadaver é envolvido estreitamente em um verdadeiro manto de folhas que não seria senão um enfardamento para mumificação (1.661). Tal crença teve confirmação positiva no caso dos guaraunos, que praticam um systema de sepultamento muito similar ao dos jivaros, comquanto empreguem ainda mais frequentemente o legitimo sepultamento sobre plataforma, no que constituem, quasi se pode dizer, o unico exemplo claro na America do Sul (1.662).

Senti-me apoiado em toda essa concepção pelo facto de serem os tupí-guaraní aquelles que em maior numero e em maior escala apresentam elementos das culturas superiores andinas e das culturas occidentaes e estas vinculadas. Lembrarei as clavas de extremidade fortemente espalmada na area do Xingú e no sul e sudeste do Brasil (V. pg. 28), a diffusão da habitação quadrangular ao sul do Amazonas (V. pgs. 109-111), a diffusão das mascaras de dança na area do Xingú (V. pgs. 107-108), a diffusão da ceramica nessa mesma area (V. pgs. 123-124), a tatuagem (V. pg. 161), certas formas de pente de varetas (V. pgs. 167-168), da mascara em forma de gladio (V. pgs. 180-181-), da escravidão (V.

(1.661) Rivet 64-65.

(1.662) V. pg. 92 retro V. tambem a presença da sepultura sobre plataforma entre os Araucanos e de uma especie de mumificação entre os seus affins Huillitches.

pgs. 188 sqs.), das connexões mythologicas com os velhos povos de cultura superior da região andina abrangendo até os tupís orientaes (V. pg. 202 sps.). Devo chamar attenção aqui para o que acima (pg. 79) já foi dito a respeito do papel que cabe ás tribus tupís na diffusão de elementos do circulo cultural totemico ao sul do Amazonas e particularmente na região do Xingú.

E' igualmente de grande interesse o problema das formas de arco e flecha. Em uma extensa serie de tribus tupís, quasi todas as do sul, do sudeste e de leste, tanto a forma de arco (corte transversal redondo) como a emplumação da flecha (emplumação de cavallete) são da forma mais primitiva, e assemelham-se ás do mais velho circulo de cultura, ao ponto de H. Meyer lhes ter applicado os nomes de "arco gé-tupí" e "emplumação gé-tupí" (ao lado de "brasilio-oriental") (1.663). Caso taes nomes fossem verdadeiramente adequados haveria aqui mais um elemento contra a attribuição dos tupí-guaraní a cultura do Arco, pois esta se caracteriza somente por uma certa forma de arco chato e de emplumação da flecha pgs. (114-115). Relativamente ao arco, cabe indicar que uma tribu tupí do noroeste e duas do sudoeste, os miranhas, os chiriguanos e os guarayos conhecem o corte transversal re-

ctangular das tribus panos e que o mesmo tambem apparece a leste entre os jurunas (1.664).

Isso mostra que tal forma foi usada outr'ora entre numerosas tribus tupís (do norte). Se por outro lado a existencia verdadeiramente singular da secção transversal rectangular entre os bororos, cayapós e xocrens deve ser attribuida a vizinhança de tribus tupís, nesse caso a presença de tal forma entre os tupís estaria assegurada tambem para o sul, cumprindo attentar, de resto, em que os jurunas e guarayos vão até ás proximidades dessa região. A isso deve ajuntar-se o facto do unico caso de presença (prehistorica) assegurada do arco no territorio propriamente peruano (Ancon, V. pgs. 100-101) apresentar o typo de secção rectangular.

Deante de taes factos eu me inclinaria a abandonar a concepção geralmente acceita até aqui sobre a *patria primitiva dos tupís*, que a colloca no planalto ao norte e a oeste do Paraguay — de onde um ramo teria seguido para o noroeste, outro para o norte, outro para nordeste e um quarto para o sul —, situando-a na zona das nascentes do Amazonas, approximadamente no sitio onde vivem hoje as tribus tupís dos miranhas, omaguas e cocamas. Alli teriam entrado os tupí-guaranis em contacto intimo com as culturas superiores andinas, tornando-se portadores de elementos

(1.664) V. pgs. 36-37. O facto das outras tribus tupis dessa região, os maués, e por intermedio destes os mundurucús e apiacás, apresentarem hoje o corte transversal do norte do Brasil (desenho) patenteia-se ainda uma influencia do norte, que tivesse feito desapparecer a forma rectangular.

das mesmas culturas sobretudo para o sul, sudeste e talvez também directamente para leste; depois avançando para o sul até á costa oriental e daqui, ao longo dessa costa, novamente para o norte, chegaram com os oyampis a transpor o Amazonas. A investida da migração aruaque, com as tribus dos piros, çampas, moxos, bares, teria sido a causa de se terem separado os miranhas, omaguas e cocamas do grosso dos tupí-guaranis.

Quanto á *significação historico-cultural dos tupí-guaranis*, eu os consideraria como a *vanguarda primitiva da cultura matrilinear livre* ou cultura do Arco, a que já se teriam accrescentado inicialmente, muitos traços de culturas mais antigas e que também entrou por sua vez, em contacto íntimo com os povos andinos, onde ia encontrar uma estreita associação das culturas totemico-patrilinear e exógamo-matrilinear, transportando consigo para sul, sudeste e a costa oriental, os elementos recebidos nesse percurso.

b) AS PARTICULARIDADES ESPECIFICAS DOS CIRCULOS CULTURAES SUL-AMERICANOS

Depois de ter salientado as notaveis coincidencias que apresentam as discriminações historico-culturaes com as classificações de povos da America do Sul até agora realizadas, não quero, ao concluir, deixar de pôr em destaque ainda uma vez, resumidamente, as particularidades especificamente sul-americanas dos circulos

culturaes aqui apresentados, aquellas que fazem com que não obstante as coincidencias apresentadas com os circulos culturaes de outras partes do mundo, dellas se apartem de modo tambem caracteristico.

Em primeiro lugar deve ser mencionada a *convergencia dos três circulos culturaes mais antigos* em um só (1.665), facto que até agora em nenhum outro lugar foi assignalado dessa maneira. Na Oceania o chamado circulo cultural tasmanico distingue-se, algumas vezes de forma sufficientemente nitida, do antigo circulo cultural australiano, a chamada cultura do Bumerang; o circulo cultural dos pygmeus e pygmoides ainda não foi alli assignalado. Na Africa, entretanto, o circulo cultural dos pygmeus differencia-se muito da cultura do Bumerang comquanto esta por sua vez só difficilmente se distinga aqui, de um estrato mais antigo, analogo á cultura tasmanoide.

A circumstancia desses três velhos circulos culturaes pre-totemicos se acharem unidos na America do Sul, tem como resultado caracteristico o facto do *arco primitivo*, que originariamente só é proprio do circulo cultural dos pygmeus e pygmoides, ter sido introduzido no conjunto dos três mais velhos circulos da cultura, contribuindo, assim, em grande escala, para a "*presença geral do arco*", que é mais um traço typico dos povos naturaes da America do Sul. Porque partindo por um lado desses três mais velhos circulos culturaes e por

(1.665) V. porém para o oeste as observações ás pgs. 60-61.

outro da propria cultura do Arco, elle penetrou até entre as trilhas primitivas, que ostentam, quanto ao resto, tão numeroes elementos do circulo cultural totemico, ao qual o arco em sí é extranho.

No proprio arco apparecem duas ou três peculiaridades sul-americanas, a saber:

1. o facto de em parte alguma existir a *corda do rotim*, de modo que desaparecem tambem as bolas e anneis nas extremidades e portanto, mesmo no arco altamente evoluído da propria cultura do Arco, recorre-se ao processo de engastar uma ponta;
2. a existencia de uma secção transversal manifestamente rectangular, e
3. uma secção transversal em forma de cunha.

Outra particularidade especifica das culturas primarias sul-americanas é a ausencia de certas desfigurações corporaes — adorno de cicatriz, perfuração do septo nasal, extracção de dentes — no que se approximam, em todo o caso, do circulo cultural dos pygmeus e pygmoides do Velho Mundo, ao passo que o uso do botoque deve ser interpretado, talvez, como uma discrepancia no conjunto das três culturas primarias do Velho Mundo.

Quanto ao circulo cultural totemico é typico na America do Sul o facto da diffusão limitada da circumcisão que, segundo parece, falta inteiramente na area das culturas andinas. Um caracteristico positivo seria, caso tenha fundamento minha interpretação da *mumi-*

fição, a presença da mesma, em lugar da sepultura sobre plataforma da Oceania. No que diz respeito á cultura material cabe assignalar-se a ausencia quasi completa do typo de remo peculiar á cultura totemica pura — o remo sem encosto de muleta e com pá lanceolada —; é preciso assignalar porém que acerca do remo das culturas superiores andinas só possuímos até hoje informes muito escassos comquanto sua existencia seja positivamente attestada em um caso.

No circulo cultural exógamo-matrilinear de duas classes, bem como no matrilinear-livre, a cultura do arco, não se acha desenvolvido de modo muito intenso o *culto do craneo*. Na cultura de duas classes isso pode provir do facto de apparecer — nas areas andinas — sempre misturado á cultura do totem, em que a mumificação ou formas semelhantes de tratamento do cadaver se manifestam de modo mais pronunciado.

E' caracteristico na America do Sul, sobretudo fóra das regiões andinas, a larga diffusão do systema de *collocação do cadaver em urnas*, seja sob a forma de sepultamento directo seja em associação com o indirecto. No ultimo caso parece-me admissivel perguntar se o uso da urna não seria aqui de qualquer modo uma transformação secundaria da sepultura directa em urnas; sua diffusão discontinua e sua constante contiguidade geographica com tribus que as usam são motivos que militam em favor de tal crença. Se é certo que a sepultura em urnas não se encontra em absoluto nos mares austraes, cabe salientar, a respeito, que nessas

regiões essencialmente insulares um requisito indispensavel para tal especie de sepultura, o conhecimento e o emprego da ceramica, não encontraram condições favoraveis de desenvolvimento, perdendo-se, como é possível verificar já nas etapas iniciais da mesma area (1.666). A these dos circulos culturaes, em todos os seus aspectos, tem sido largamente influenciada até hoje pelo facto de sua elaboração por Graebner ter tido como ponto de partida a região dos mares austraes. Tal circumstancia leva-nos a pôr em destaque a natureza especial dessa area e a sua divisão em um sem numero de pequenas ilhas, facto que naturalmente deve ser tomado em consideração quando se trate de applicar os resultados aqui obtidos á descripção e á apreciação dos circulos em outras partes da Terra. Exactamente a proposito dos trabalhos metallurgicos, Graebner já levava isso em conta, aliás.

O inverso ocorre a proposito de outro elemento peculiar á cultura do Arco, as *construções sobre palafitas*. Ninguém negará que a proximidade da agua — mar, praia ou terreno pantanoso — constitue uma condição particularmente favoravel á manutenção e transplantação dessa forma de habitação. E' evidente que tal condição se realiza de modo particularmente abundante em uma região insular como a Oceania, ao passo que em um bloco continental coheso como a America do Sul já surge em grau bem menor. Seria, sem duvida, um abuso inadmissivel da theoria dos circulos culturaes, que

segundo me parece jámais foi praticado por qualquer dos seus adeptos, afirmar que as condições favoráveis ou desfavoráveis do meio geographico não têm importancia na transplantação historica de um elemento de cultura. Existem, é certo, exemplos frequentes e surprehendedentes da persistencia de legados historicos em face das influencias aparentemente poderosissimas de factores geographicos. E' assim que vamos encontrar habitações sobre palafitas até no cume das montanhas, e não só na Nova Guiné como no nordeste da America do Sul, o que representa indiscutivelmente uma expressão enérgica do typo de diffusão historico-cultural dessa forma de habitação (1.667). Não se pode negar, todavia, que a diffusão da habitação sobre palafitas na America do Sul é menos extensa e menos intensa do que na Oceania. Attribuo isso á differença entre a natureza continental compacta da area sul-americana, em confronto com a area insular da Oceania onde as zonas de contacto com a agua são muito mais extensas.

Um exemplo que, esse ainda poderia ser significativo da predominancia da theoria das idéas de povos sobre a these historico-cultural é proporcionado pela questão da situação do arco na America do Sul. Tendo em conta que a corda de rotim não existe, porque é desconhecido o rotim nas terras do norte, atravez das quaes deve ter sido realizada a migração das tribus desse estrato cultural, já vimos que com o seu desaparecimento

deixam de existir as bolas e aneis ás extremidades do arco e que, em virtude disso, accrescentam-se pontas ao arco chato. Resulta, pois, que um traço distinctivo de estratos culturaes mais antigos — a adaptação de uma ponta — é transmittido á cultura mais jovem. Por outro lado o forte vinco junto ás pontas da vara de arco redonda e a falta da corda de couro levou a que se introduzissem nesse caso aneis e bolas mais ou menos resistentes, de modo que esse traço peculiar, em si, a uma cultura mais jovem foi relegado a uma cultura mais antiga. As duas transmissões aqui assignaladas, tomadas em conjuncto redundam, ao menos no que diz respeito ao problema da fixação da corda, em condições que são exactamente o opposto das que prevalecem no Velho Mundo, o que parece tornar bem comprehensivel a queixa de Krause acerca dessa “confusão”.

Poderíamos assignalar, pois, na America do Sul, não só uma serie de differenças de conteúdo como tambem uma *differença formal digna de nota*. Isso resulta da extrema diversidade das condições climatericas e da grande extensão da area de transmigração que vieram dar á “idéa de povos” — a especifica distincção de cada meio — tanto maior oportunidade e energia para se fazer valer. Attentamente examinada sua influencia de facto, é sobretudo negativa: desfaz a cohesão historico cultural, faz desaparecer um elemento, um instrumento, um costume installando-se em seu lugar um vazio, no qual as idéas elementares, ligadas á força de iniciativa huma-

na, encontram oportunidade para se impor de modo positivo e com capacidade para recriar.

Vê-se, assim, como exactamente a America do Sul vem fornecer um meio de se averiguar como é possível supprimirem-se as fronteiras entre a these historico-cultural, de um lado, e as idéas elementares e idéas de povos, de outro.

XII

Conclusão: a these historico-cultural como complemento necessario da theoria das idéas elementares

Assim como a these historico-cultural, compreendida de modo discreto e disciplinado não se oppõe em absoluto á da "idéa de povos" de Bastian, muito menos se opporá á das "idéas elementares" (1.668). Porque tomada em si, a noção de uma certa identidade fundamental da psyche humana não é por certo um erro, mas uma aquisição bem fundada da ethnologia moderna, que affirmou assim em seu dominio proprio, o do espirito, aquella unidade de todo o genero humano a que já chegara a anthropologia no dominio dos caracteres somaticos. E só a segurança dessa unidade psychica das

(1.668) V. tambem o que diz Graebner á conclusão de sua ultima resposta a Krause: "Porque eu o repito: não é a admisión de relações geneticas a qualquer preço o que constitue nosso objectivo. Nem a existencia nem a inexistencia de taes relações deve constituir um dogma, mas em um e outro caso, é indispensavel a verificação" (II 66).

formas culturais humanas permite a possibilidade theorica de qualquer confronto, inclusive do confronto historico-cultural; só ella dá a certeza de que não lidamos aqui com coisas heterogeneas e que fogem á comparação.

No caso das idéas elementares pouca attenção mereceu, porém, o facto de se postular com ellas apenas a existencia de uma disposição humana semelhante, sem cogitar como essa disposição se manifestou e como de simples possibilidade potencial, se fez acto. Tal manifestação Bastian julgava poder definir melhor com o socorro das idéas elementares: o meio physico é que constrangia o homem á producção das formas de cultura, e a variedade desse meio physico tinha como consequencia necessaria, por sua vez, a diversidade das formas culturaes. Outro aspecto da passagem do potencial para o actual nos elementos da cultura material relaciona-se á natureza dos objectos empregados, só até certo ponto docil a uma elaboração humana. Mas já de outra questão cuidou Bastian com menos empenho, a saber como um homem exerce qualquer acção sobre outro homem, como um povo age sobre outro e como, em cada caso, os traços peculiares aos povos cuja influencia se faz sentir, têm como consequencia uma diversidade ás vezes extrema dos elementos culturaes em que se manifestou tal influencia.

Se fossemos porém colligir todas essas influencias exercidas de fora sobre um povo iriamos chegar á conclusão de que, por maiores progressos que fizesse a ethnologia, nunca lograria, de longe siquer, a esclarecer

todas as peculiaridades das formas culturaes desse povo. No grau de differença com que varios povos se comportaram deante do proprio meio physico, com que utilizaram o material necessario á manipulação de instrumentos e com que agiram ante influxos de outros povos — a saber se os dominaram ou foram por elles dominados, — já nisso entraram em scena, em todas as épocas, divergencias profundas, tanto no que diz respeito aos individuos como aos povos. Em todos esses casos manifestou-se um fundo secreto de sabedoria e de força que não é determinado por influencias exoticas e que, por conseguinte não pode ser medido scientificamente; a sujeição das influencias externas depende antes da energia intima com que cada qual foi dotado, da vontade firme e do livre arbitrio. Mas o livre arbitrio não age segundo leis scientificas e sim atravez de phenomenos historicos e é perfeitamente claro que esses phenomenos historicos decorrentes do livre arbitrio só podem ser abordados, por sua vez, mediante um *methodo historico*. Wundt diz a esse respeito e com razão: “Querer construir a historia de cada povo e a historia da humanidade segundo as leis da causalidade natural seria empreza não só inexequivel como falla em principio Poderiamos indicar apenas motivos determinantes para os phenomenos historicos, para as acções arbitrarías dos individuos, jámais causas necessarias e obrigatorias” (1.669).

(1.669) W. Wundt, Vorlesungen über die Menschen-und Tierseele, 3. ed., Leipzig 1898 pg. 488 ff. Quando van Gennep proclama summariamente, em opposição ao *methodo historico*, o

Bastian acreditava porém como o proprio Wundt até ha pouco, que justamente entre os povos naturaes falta essa *vida historica* decorrente do livre arbitrio individual. Mas esse ponto de vista já foi ultrapassado, graças ao progresso incessante de nossa sciencia. Ninguem mais alimenta a esperança de Bastian, de encontrar ainda entre os povos primitivos a alma natural “pura” e inteiramente livre de influencias de fora. Ha varios annos já Franz Boas applicava toda a sua perspicacia e agudeza ao esforço de comprehender a extrema complexidade das organizações tribaes de seus indigenas norte-americanos. O espirito de pesquisa incessante e infatigavel com que elle procurava encarar o problema de varios pontos de vista suscitou ainda recentemente a impaciencia de Frazer em seu “Totemism and Exogamy”, desse mesmo Frazer que com o seu omnipotente evolucionismo desvenda facilmente todo o mysterio

biologico, por considerá-lo mais apropriado á ethnologia, mostra com isso não ter apprehendido nesse caso o sentido da palavra “historico”. Porque a direcção historica não implica na consideração apenas dos povos do passado e de suas condições, em detrimento da observação dos vivos. A propria vida (Bíos) da cultura dos povos ora existentes — mesmo da sua cultura material — é encarada por ella como de tal modo influenciada e dirigida pelo espirito humano, que se quizessemos applicar a esse dominio a palavra “biologico”, esta tomaria um sentido inteiramente diverso do que lhe é dado quando se trata apenas da investigação da vida das plantas e animaes ou até do corpo humano. Essa biologia cultural, no entanto, mesmo quando attrae para o seu serviço as sciencias naturaes não é, em si, uma sciencia natural, mas, nessa accepção particular, uma sciencia do espirito, uma sciencia historica,

desse problema (1.670). A consolação no caso dos indios do nordeste estaria no facto de se encontrarem em um grau de cultura relativamente elevado, o que serve para explicar a complicação ás vezes excessiva de suas condições sociaes. De então para cá tornaram-se bem conhecidos os australianos; seu grau de cultura poderá não ser muito mais baixo, mas ninguem nega que a complexidade de sua organização tribal supera muito a dos indios do noroeste. E' certo que tal complexidade só pode ser encarada como consequencia de uma vida historica extremamente rica e variada. Essa a noção que reponta sempre, como um fructo maduro, de quaesquer trabalhos de pesquisa, seja qual for a sua direcção. Bastian, com as suas "idéas elementares", foi porém um dos promotores mais energicos de taes trabalhos, pois só graças a elles é que despertou o gosto pelos estudos comparativos bem como a confiança nas consequencias de taes estudos.

Deve-se attribuir tambem a Bastian, o merito de ter cooperado como poucos para que dispuzessemos de uma chave capaz de abrir caminho á comprehensão dessa vida historica tão complexa. Os esforços para tal comprehensão dirigem-se em grau consideravel sobre os *objectos da vida material* e principalmente sobre a forma exterior desses objectos. Outro aspecto igualmente importante diz respeito á natureza do material com que se fabricaram taes objectos. Ambas essas discriminações,

(1.670) Frazer³ 320 ff.

é claro, abrem caminho mais facilmente, á comprehensão daquillo que é condicionado pela propria vontade íntima de quem fabrica os objectos e que, por sua vez, é o causador authentico e o portador da vida historica. Vemos assim e de modo bem claro, como justamente os objectos da cultura material se prestam admiravelmente a nos indicar as *primeiras passagens* por entre a selva emmaranhada e aparentemente impenetravel que é a evolução cultural (1.671). Sabemos agora a que infatigavel engenho se deve o impulso poderoso para a expansão desses verdadeiros "stores houses" de objectos de cultura que são os museus de ethnologia na Allemanha e mesmo em outros paizes. Nenhum historiador da cultura que actualmente, para as suas investigações mi-

(1.671) Se comprehendermos que a importancia dos objectos da cultura material — e consequentemente dos museus de ethnologia — está em que *abrem caminho* para a melhor intelligencia dos problemas ethnologicos e não em que representam o conjunto da ethnologia ou em que a abrangem decisivamente, veremos como ha um perfeito desconhecimento dos factos nas palavras seguintes de A. van Gennep: "Si les musées ethnographiques, dans leur état actuel, font du mal à notre science, c'est qu'ils perpetuent l'illusion ancienne que ce qui lui importe c'est avant tout la connaissance des objects matériels. De sorte que les neuf-dixièmes des ethnographes s'imaginent qu'en rapportant des caisses pleines d'objects soigneusement étiquetés et munis de leur nom indigène, en classant ces objects derrière des vitres, et en les décrivant dans les revues spéciales avec force détails et illustrations ils font progresser l'ethnographie" (van Gennep 409). Causa espanto a idéa que faz A. van Gennep dos "nove decimos" de seus collegas e não deixaria de ser interessante saber-se como lhe é possível conciliar essa caracterização dos "nove decimos" com a frase final de seu "grito de alarme": "La plupart des ethnographes seront sans doute d'accord avec moi" (pg. 411).

nuciosas, dispõe nos museus de enormes thesouros de taes objectos, esquecerá essa divida a Adolf Bastian.

Tomando em consideração o facto desse homem incansavel não ter desprezado, alem disso, outro aspecto do labor ethnologico, de, em numerosas viagens de exploração, se ter dedicado ainda a pesquisas directas — vindo mesmo a fallecer nesse authenticos campo de honra, solitario e ignorado, em terra extranha —, ajuizaremos melhor da sua grandeza. Se não lhe foi possivel ajustar esses aspectos em uma unidade coherente e plenamente satisfactoria, emprestando assim a cada um importancia mais consideravel, isso não resultou, por certo, senão de uma daquellas limitações que não faltam a nenhuma grandeza humana e que tornam possivel a outros, successores e epigonos, poder trabalhar ainda para o progresso da especie.

Semelhante progresso julgamos ter sido realizado no dominio da ethnologia com o methodo historico cultural. Esse methodo veio *completar e justificar a obra realizada por Bastian como theorico. E por isso mesmo tornou possivel avaliar-se, pela primeira vez na justa medida, sua obra de director de museu e de explorador.*

Relação das fontes utilizadas.

A) MUSEUS

Nota Previa — Entre os Museus aqui assinalados só os de Vienna, Berlim, Leipzig e Munich puderam ser utilizados de forma por assim dizer completa, no que diz respeito aos objectos tratados. Quando aos demais, essa utilização limitou-se a certos objectos. Destes, porém, os arcos e flechas sobretudo, depois os remos, foram investigados de modo quasi exhaustivo.

Mus. Berlim — Königliches Museum für Völkerkunde, Berlim.

Mus. Dresde — Königliches Museum für Völkerkunde, Dresde.

Mus. Francfort — Städtisches Museum für Völkerkunde, Francfort no Meno.

Mus. Gabriel — Museum des Missionshauses St. Gabriel, Mödling bei Wien.

Mus. Colonia — Städtisches Museum für Völkerkunde (Rautenstrauch-Joest-Museum), Colonia.

Mus. Leide — Ethnographisches Rijksmuseum zu Leiden.

Mus. Leipzig — Städtisches Museum für Völkerkunde (Grassi-Museum) Leipzig (1.672).

(1.672) Todos os objectos sul-americanos desse museu trazem antes do numero a indicação SAM., que no presente trabalho é supprimida por conveniencia de simplificação.

- Mus. Londres — British Museum, Secção Ethnographica, Londres.
- Mus. Munich I — Museum für Völkerkunde, Munich .
- Mus. Munich II — Collecção de S. A. R. a Princesa Thereza, Munich.
- Mus. Paris — Musée du Trocadéro, Secção Ethnographica, Paris.
- Mus. Stuttgart — Museum für Völkerkunde (Linden-Museum), Stuttgart.
- Mus. Vienna — K. u. k. Naturhistorisches Hofmuseum, Secção Ethnographica, Vienna.

B) LIVROS E REVISTAS

Abreviações:

- AA — The American Anthropologist.
- AfA — Archiv für Anthropologie.
- BA — Baessler-Archiv.
- IAE — Internationales Archiv für Ethnographie.
- IAK — Internationaler Amerikanisten-Kongress.
- JA — Journal des Américanistes.
- JAI — Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland.
- KAEU — Korrespondenzblatt der Deutschen Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte.
- MAW — Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien.
- RE — Revue d'Ethnographie.
- ZE — Zeitschrift für Ethnologie.

A

- J. B. Ambrosetti I: Los Indios Caingú del Alto Paraná (Misiones) Buenos Aires 1895.

- J. B. Ambrosetti II: Die Kaingang in Argentinien. *Globus*, LXXIV (1898) 244 ff.
- J. B. Ambrosetti III: Antiquédades Calchaquies. *An. Soc. Scient. Argent.* LIII, LIV (1902). Buenos Aires.
- C. F. Appun I: Ausland 1872. 683.
- C. F. Appun II: Unter den Tropen. Jena 1871.

B

- T. M. Barbo: Die Caingang in der brasilianischen Provinz Parana, in *Revista de Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa, no Brazil* (t. II 1883), Auszug: *Globus* L (1886) 233 ff.
- H. W. Bates: *Central and South America*. London 1882.
- (Fl. Baucke) A. Kobler: Pater Florian Baucke, ein Jesuit in Paraguay (1748-1766). Regensburg 1870.
- Prinzessin Therese von Bayern I: *Meine Reise in den Brasilianischen Tropen*. Berlin 1897.
- Prinzessin Therese von Bayern II: *Reisestudien aus dem westlichen Südamerika*. 2 Bde. Berlin 1908.
- H. Beuchat: *Manuel d'Archéologie Américaine*. Paris 1912.
- Fr. M. Ruiz Blanco: *Conversión en Piritú (Colombia) de los Indios Cumanagotos y Palenques (1690)*. Neudruck, Band 7 der "Collección de libros raros ó curiosos que tratan de América". Madrid 1892.
- G. Boggiani I: *I Ciamacoco*. Roma 1894.
- G. Boggiani II: *Caduvei*. Roma 1895.
- E. Boman: *Antiquités de la Région Andine de la République Argentine et du désert d'Atacama*. (Mission scientifique G. de Créqui-Montfort et E. Sénéchal de la Grange). Paris 1908. 2 vols.
- A. Bresson: *Bolivia*. Paris 1886.

- Brett: Legends and myths of the aboriginal Indians of British Guyana, 2^d ed. London.
- de Brettes-Sievers: Des Grafen Joseph de Brettes. Reisen im nördlichen Columbia. Globus LXXIII (1898) 381 ff.
- D. G. Brinton: The American Race. New York 1891.
- O. von Buchwald: Ecuatorianische Grabhügel. Globus XCVI (1909) 154 ff.

C

- P. P. Canales: Los Cementerios indígenas en la costa del Pacifico. IAK XVII (Buenos Aires 1910)¹ 273 ff.
- J. Cardus: Las Misiones Franciscanas entre los infieles de Bolivia. Barcelona 1886.
- J. Chaffanjon: L'Orénoque et le Caura. Paris 1889.
- W. Chandless: Notas sobre o Rio Purús (tidas perante a Real Sociedade Geographica de Londres em 26 de fevereiro de 1868). (K. u. k. Hofbibliothek in Wien 420 103. C).
- G. E. Church: Aborigines of South America. London 1912.
- A. Cojazzi: Contributi al Folk-Lore e all'Etnografia dovuti alle Missioni Salesiane: Gli Indii dell'Arcipelago Fueghino. Torino 1911.
- G. A. Colini I: Collezione etnologica degli indigeni dell'alto Amazzone acquistata dal Museo Preistorico-Etnografico di Roma. Boll. d. Soc. Geogr. Ital. XX (1883) 287 ff.
- G. A. Colini II: Anhang zu Boggiani II.
- H. Coudreau: Voyage au Tocantins-Araguaya 1896-1897. Paris 1897.
- M. de St. Cricq: Voyage du Péron au Brésil par les Fleuves Ucayali et Amazone: Indiens Conibos. Bulletin de la Société de Géographie de Paris 4. sér, t. VI^e (1853) 273 ff.

D

- J. Danielli: Contributo allo studio del tatuaggio negli antichi Peruviani. Archivio per l'Antropologia e l'Etnologia. XXIV (1894).
- J. B. Debret: Voyage pittoresque et historique au Brésil. Tome premier. Paris MDCCCXXXIV.
- P. M. Dobrizhoffer: Historia de Abiponibus. Viennae 1784. 3 vols.

E

- Fr. X. Eder S. T.: Descriptio provinciae Moxitarum in regno Peruano. Budae 1791.
- P. Ehrenreich I: Über die Botocudos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo und Minas Geraes. ZE XIX (1887) 1 ff.
- P. Ehrenreich II: Beiträge zur Ethnographie Brasiliens. (Veröffentlichungen des Kgl. Museums für Völkerkunde, II. Bd., 1.2. Heft.) Berlin 1891.
- P. Ehrenreich IIa: Neue Mitteilungen über die Guayaki in Paraguay. Globus LXXIII (1898) 73 ff.
- P. Ehrenreich III: Mitteilungen über die zweite Xingu-Expedition in Brasilien. ZE XXII (1890) 81 ff.
- P. Ehrenreich IV: Über einige ältere Bildnisse südamerikanischer Indianer. Globus LXVI (1894) 81 ff.
- P. Ehrenreich V: Die Ethnographie Südamerikas im Beginn des XX. Jahrhunderts. AfA N. F. II (1904).
- P. Ehrenreich VI: Die Mythen und Legenden der südamerikanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen Nordamerikas und der Alten Welt. Suppl. zu ZE XXXVII (1905).
- A. Ernst I: Die Goajiro-Indianer. ZE II (1870) 328 ff.

- A. Ernst II: Über einige weniger bekannte Sprachen aus der Gegend des Meta und oberen Orinoco. ZE XXIII (1891) 1 ff.

F

- P. Fabo: Notas etnográficas y lingüísticas de la sección de Casanare (Colombia) *Anthropos* IX (1914).
- P. J. P. Fernandez S. J.: Relación Historial de las Misiones de los Indios, que llaman Chiquitos. Madrid 1726. Neudruck, Bd. XII u. XIII der Colección de libros raros ó curiosos que tratan de América. Madrid 1895.
- Hercules Florence-v. d. Steinen: Indianerskizzen von Hercules Florence. *Globus* LXXV (1899) 5 ff.
- Fonck: Die Indier des südlichen Chile von sonst und jetzt. ZE II (1870) 284 ff.
- W. Foy: Führer durch das Rautenstrauch Joest-Museum der Stadt Köln. 3. Aufl. 1910.
- J. G. Frazer: Totemism and Exogamy. London 1910 vol. III.
- V. Fric I: Note on the Mask-Dances of the Camacoco. *Man* VI (1906) pg. 116 ff.
- V. Fric II: Eine Pilcomayo-Reise in den Chaco Central. *Globus* LXXXIX (1906) 213 ff.
- V. Fric: Die unbekanntenen Stämme des Chaco Boreal. *Globus* XCVI (1909) 24 ff.
- G. Friederici I: Skalpierten und ähnliche Kriegsgebräuche. Braunschweig 1906.
- G. Friederici II: Die Schiffahrt der Indianer. Stuttgart 1907.
- G. Friederici III: Die geographische Verbreitung des Blasrohres in Amerika. *Petermanns Mitteilungen* 1911 I pg. 71 ff.
- G. Friederici IV: Die Verbreitung der Steinschleuder in Amerika. *Globus* XCVIII (1910) 287 ff.
- G. Friederici V.: Beiträge zur Völker- und Sprachenkunde von Deutsch-Neuguinea. Berlin 1912.
- L. Frobenius: Im Zeitalter des Sonnengottes. Berlin 1904.

G

- A. van Gennep: Les lacunes de l'Ethnographie actuelle. *Scientia* VII (1913) 404 ff.
- H. Gensch: Wörterverzeichnis der Bugres von Santa Catharina. *ZE* XL (1908) 744 ff.
- C. H. de Goeje I: Bijdrage tot de Ethnographie der Surinaamsche Indianen. Suppl. zu *IAE* XVII (1906).
- C. H. de Goeje II: Beiträge zur Völkerkunde von Surinam. *IAE* XIX (1910) 1 ff.
- E. Goeldi u. P. Ehrenreich: Neue Funde prähistorischer Keramik aus Nordbrasilien. *Globus* LXXVIII (1900) 136 ff.
- Fr. Graebner I: Die melanesische Bogenkultkr. *Anthropos* IV (1909) 726 ff.
- Fr. Graebner II: Amerika und die Südseekulturen. *Ethnologica* II (1913) 43 ff.
- Fr. Graebner III: Krückenruder. *BA* III (1913) 191 ff.
- Fr. Graebner IV: Lederschild aus Südamerika. *Ethnologica* II (1913) 111 ff.
- Grube: Die Indianer des Chanchamayo (Perú). *Globus* LXVIII (1895) 44 ff.
- T. Guevara: El tabaco y las pipas prehispanas en Chile. *IAK* VIII (Buenos Aires 1910)² 414 ff.
- P. J. Gumilla S. J.: Histoire naturelle, civile et géographique de l'Orénoque. Avignon et Marseille 1758 (Trad. de l'espagnol sur sa 2^e éd.).

H

- W. E. Hardenburg: The Indians of the Putomayo, Upper Amazon. *Man* X (1910) 134 ff.
- Seymour H. C. Hawtreay: The Lengua Indians of the Paraguayan Chaco. *JAI* XXXI (1901) 280 ff.

- Heierli: Urgeschichte der Schweiz. Zürich 1901.
- R. Hensel: Die Coroados der brasilianischen Provinz Rio Grande do Sul. ZE I (1869) 124 ff.
- W. Herrmann: Die ethnographischen Ergebnisse der Deutschen Pilcomayo-Expedition. ZE XL (1908) 120 ff.
- Herzog: Petermanns Mitteilungen LVI (1910).
- A. de Saint-Hilaire: Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Paris 1830. 2 vols.
- Charles de la Hitte et Dr. H. ten Kate: Notes ethnographiques sur les indiens Guayaquis. Annales del Museo de la Plata. II Anthropologie 1897. V. a respeito P. Ehrenreich: Neue Mitteilungen über die Guayaki in Paraguay. Globus LXXIII (1898) 73 ff.
- H. von Holten: Das Land der Yurakarer und dessen Bewohner. ZE IX (1877) 117 ff.
- E. von Hornbostel I: Über einige Panpfeifen von Nordwest-Brasilien. Anhang zu Koch-Grünberg V² 390 ff.
- E. von Hornbostel II: Über ein akustisches Kriterium für Kulturzusammenhänge. ZE XLIII (1911) 601 ff.
- P. Hyades et J. Deniker: Mission scientifique du Cap Horn 1822-1883. Tom. VII Anthropologie, Ethnographie. Paris 1891.

I

- P. E. Ignace: Les Capiékran, Anthropos V (1910) 477 ff.
- H. von Ihering: A Ethnographia do Brasil Meridional. IAK XVIII (Buenos Aires 1910)¹ 250 ff.

J

- W. Joest: Ethnographisches und Verwandtes aus Guyana. Suppl. zu IAE V (1893).

- Th. A. Joyce I: Prehistoric Antiquities from the Antilles, in the British Museum. JAI XXXVII (1907) 402 ff.
- Th. A. Joyce II: South American Archaeology. London 1912.

K

- Fr. Keller-Leuzinger: Vom Amazonas und Madeira. Stuttgart 1874.
- W. Kissenberth: Bei den Canella-Indianern in Zentral-Maranhao (Brasilien). BA II (1912) 45 ff.
- Th. Koch-Grünberg I: Die Lenguas-Indianer in Paraguay. Globus LXXVIII (1900) 217 ff.
- Th. Koch-Grünberg II: Die Guaikurú-Stämme. Globus LXXXI (1902) 1 ff.
- Th. Koch-Grünberg III: Die Apiaka-Indianer (Rio Tapajos, Mato Grosso). ZE XXXIV (1902) 350 ff.
- Th. Koch-Grünberg IVa: Die Sprache der Maku-Indianer. Anthropos I (1906) 877 ff.
- Th. Koch-Grünberg IVb: Jagd und Waffen bei den Indianern Nordwestbrasilien. Globus XCIII (1908) 195 ff.
- Th. Koch-Grünberg V: Zwei Jahre unter den Indianern. Berlin 1909. 2 Bde.
- Th. Koch-Grünberg VI: Abschluss meiner Reise durch Nordbrasilien zum Orinoco. ZE XLV (1913) 448 ff.
- Th. Koch-Grünberg VII: Ergebnisse meiner letzten Reise durch Nordbrasilien zum Orinoco 1911-1913 KAEU LXIV (1913) 77 ff.
- G. von Königswald I: Die Botokuden in Südbrasilien. Globus XCIII (1908) 37 ff.
- G. von Königswald II: Die Cayúas. Globus XCIII (1908) 376 ff.
- G. von Königswald III: Die Coroados im südlichen Brasilien. Globus XCIV (1908) 27 ff.

- Fr. Krause I: Schleudervorrichtungen für Wurfaffen. IAE XV (1902) 121 ff.
- Fr. Krause II: In den Wildnissen Brasiliens. Leipzig 1911.
- Fr. Krause III: Amerika und die Bogenkultur. KAEU XLII 165 ff.
- W. Krickeberg: Amerika, in: *Illustrierte Völkerkunde*, herausgegeben von G. Buschan, Stuttgart 1909.

L

- J. Fr. Lafitau S. J.: *Moeurs des Sauvages américains*. Paris 1624.
- K. E. Latham: *Ethnology of the Araucanos*. JAI XXXIX (1909) 334 ff.
- J. Lehmann: *Die Pfahlbauten der Gegenwart*. MAW XXXIV (1904) 19 ff.
- W. Lehmann: *Die Archäologie Costa Rica etc.* Festschrift zum XLIV. Anthropologenkongress. XX. Band der *Abhandlungen der Naturhistor. Gesellschaft Nürnberg* 1913 67 ff.
- Jean de Léry: *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil, autrement dite Amérique La Rochelle MDLXXVIII*.

M

- Marcoy-Grandidier: *Ethnographische Schilderungen aus dem Gebiete des Amazonenstroms*. Globus VIII (1865) 8 ff.
- Markham, Sir Clemens: *The Incas of Perú*. London 1911.
- C. Martin: *Über die Eingeborenen von Chiloe*. ZE IX (1877) 161 ff.
- C. Fr. Phil. von Martius I: *Zur Ethnographie Amerikas zumal Brasiliens*. Leipzig 1867.
- F. C. Mayntzhausen: *Über vorkolumbianische Siedelungen und Urnenfriedhöfe der Guarani am Alto Parana*. IAK XVII (Buenos Aires 1910)² 459 ff.

- Charles W. Mead: *The Musical Instruments of the Incas. Supplement to the American Museum Journal. Vol. III Nr. 4. July 1903. Guide Leaflet Nr. II.*
- José Toribio Medina: *Los Aborígenes de Chile. Santiago 1882.*
- H. Meyer: *Bogen und Pfeil in Zentral-Brasilien. Leipzig (o. J.)*
- D. Milanesio: *La Patagonia. Buenos Aires 1898.*
- J. B. de Moura: *Sur le progrès de l'Amazonie et sur ses Indiens. IAK XVI (Wien 1908)² 541 ff.*
- G. Chaworth Musters: *Unter den Patagioniern. Deutsche Übersetzung. Jena 1873.*

N

- H. J. Nieboer: *Slavery as an industrial system. 2^d ed. The Hague 1910.*
- P. Fr. Bernardino de Nino: *Ethnografía chiriguana. La Paz — Bolivia 1912.*
- E. Nordenskiöld I: *Beiträge zur Kenntnis einiger Indianerstämme des Rio Madre de Dios-Gebietes. Ymer XXV (1905) 265 ff.*
- E. Nordenskiöld II: *Arkeologiska Undersögningar i Perus och Bolivias Gränstakter. Kungl. Svenska Vetenskaps-akademins Handlingar Bd. 42 Nr. 2 196.*
- E. Nordenskiöld III: *Südamerikanische Rauchpfeifen. Globus XCIII (1908) 296 ff.*
- E. Nordenskiöld IV: *Etudes anthropogéographiques dans la Bolivie Orientale. JA IX (1912) 307 ff. (= Antropogeografiska studier i östra Bolivia. Ymer XIII (1910) 275 ff.*
- E. Nordenskiöld V: *Sind die Tapiete ein guaranisierter Chaco-Stamm? Globus XCVIII (1919) Pg. 181 ff.*
- E. Nordenskiöld VI: *Archäologische Forschungen im bolivianischen Flachland. ZE XLII (1910) 806 ff.*
- E. Nordenskiöld VII: *Petermanns Mitteilungen LVIII (1911).*

- E. Nordenskiöld VIII: *Indianer och Hvita i Nordöstra Bolivia*. Stockholm (1911).
- E. Nordenskiöld IX: *Une contribution à la connaissance de l'Anthropogéographie de l'Amérique*. JA N. S. IX (1912) 19 ff.
- E. Nordenskiöld X: *Indianerleben*. Leipzig. 1912.
- E. Nordenskiöld XI: *Urnengräber und Mound im bolivianischen Flachland*. BA III (1913) 205 ff.
- E. Nordenskiöld XII: *De Sydamerikanska Indianernas Kulturhistoria*. Stockholm 1912.
- Essa obra chegou-me ás mãos infelizmente muito tarde para que me fosse possível utilizal-a convenientemente, sobretudo dado o meu conhecimento imperfeito da lingua sueca.

O

- Alcide d'Orbigny: *Voyage á l'Amérique Méridionale*. T. IV. Paris 1839. •
- Olivier Ordinaire: *Les Sauvages du Pérou*. RE VI (1887) 265 ff.
- J. Orton: *The Andes and the Amazon*. New York 1876.
- Felix F. Outes: *La Edad de la Piedra en Patagonia*. Buenos Aires 1905.

P

- E. Poeppig: *Reise in Chile, Peru und auf dem Amazonenstrom* 1827-1832. 2 Bde. Leipzig 1835-1836.
- J. E. Pohl: *Reise im Innern von Brasilien 1817-1821*. Wien. Bde. I 1832, Bde. II 1837.
- P. Polko: *Reise zu den Goajira-Indianern*. Globus LXV (1894) 57 ff.
- Th. Preuss: *Die Begräbnisarten der Amerikaner und Nordasiaten*. Königsberg 1894.

Q

Lafone Quevedo: The Calchaqui wooden pipes and their probable use. IAK XVII (Buenos Aires 1910)¹ 492 ff.

R

A. Reich: Die Kampa und die Konibo des Urubamba. Globus LXXXIII (1903) 134 ff.

J. R. Rengger: Reise nach Paraguay in den Jahren 1818-1826. Arau 1835.

V. Restrepo: Los Chibchas antes de la Conquista española. Bogota 1893.

W. H. Rivers: The disappearance of useful arts, in: Festschrift tillägnad Edvard Westermarck. Helsingfors 1912 pg. 110 ff.

Rivet: Les Indiens Jibaros. Paris 1908.

Rivet II: JA N. S. X (1913) 543.

E. von Rosen: The Chorotes Indians in the Bolivian Chaco. IAK XIV (Stuttgart 1904) 649 ff.

S

N. Saenz: Memoria sobre algunas tribus del Territorio de San Martin en los Estados Unidos de Colombia. ZE VIII (1876) 336 ff.

Sala-Sievers: Das Gebiet zwischen dem Ucayali und dem Pachitea-Pichis (Ostperu). Globus LXXXIII (1903) 73 ff.

Th. Sampaio: Os Kraôs do Rio Preto no Estado da Bahia. Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. T. LXXV (1912) Parte I 443 ff.

- M. H. Saville: Contributions to South American Archeology, The Antiquities of Manabi, Ecuador, Vol. I. New York 1907. Vol. II 1910.
- J. D. E. Schmeltz: Geräte der Caraiben von Surinam IAE X (1897) 60 ff.
- M. Schmidt I: Ableitung südamerikanischer Geflechtmuster aus der Technik des Flechtens ZE XXXVI (1904).
- M. Schmidt II: Indianerstudien in Brasilien. Berlin 1905.
- M. Schmidt III: Altperuanische Gewebe. BA I (1911) 1 ff.
- M. Schmidt IV: Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910 ZE XLIV (1912) 130 ff.
- W. Schmidt I: Grundzüge einer Vergleichung der Religionen und Mythologien der austronesischen Völker. (Denkschriften der Kais. Akad. d. Wiss., phil.-hist. Kl. Bd. LIII Abh. III) Wien 1910.
- W. Schmidt II: Die Stellung der Pygmäenvölker in der Entwicklungsgeschichte des Menschen. Stuttgart. 1910.
- W. Schmidt III: Die kulturhistorische Methode in der Ethnologie. Anthropos VI (1911) 1010 ff.
- W. Schmidt IV: Die Gliederung der australischen Sprachen. Anthropos VII (1912) 230 ff.
- W. Schmidt V: Der Ursprung der Gottesidee. Münster i. W. 1912.
- R. Schomburgk: Reisen in Britisch-Guiana in den Jahren 1840-1844. 2 Bde. Leipzig 1848.
- J. von Siemiradzki: Beiträge zur Ethnographie der südamerikanischen Indianer. MAW XXVIII (1898) 127 ff.
- W. Sievers: Reise in der Sierra Nevada de Santa Maria. Leipzig 1887.
- E. Sneathlage: Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahé. ZE XLII (1910) 612 ff.
- J. B. Steere: Narrative of a visit to Indian Tribes of the Purus River, Brazil. (Annual Report of the Board of Regents of the Smithsonian Institution for the year 1901. Report of the U. S. National Museu.) Washington 1903, 363 ff.

- F. Stegelmann: Die Indianer des Rio Envira. Globus LXXXIII (1903) 135 ff.
- K. von den Steinen I: Durch Zentral-Brasilien. Leipzig 1886.
- K. von den Steinen II: Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. Berlin 1893.
- K. von den Steinen III: Die Guayaqui-Sammlung des Hrn. Dr. v. Weickhmann ZE XXXIII (1901) 267 ff.
- A. Stübel, W. Reiss, B. Koppel, M. Uhle: Kultur und Industrie südamerikanischer Völker. Berlin 1890.

T

- C. Teschauer S.: Mitteilungen über die Coroados von Rio Grande do Sul. Anthropos IX (1914).
- A. Thonar: Auf der Suche nach den Resten der Crevauxschen Expedition. Globus XLVIII (1885) 1 ff.
- E. im Thurn: Among the Indians of Guiana. London 1883.
- J. von Tschudi I: Kulturhistorische und sprachliche Beitrag zur Kenntnis des alten Peru. Wien 1891.
- J. von Tschudi II: Botokuden.

U

- M. Uhle: Zur Chronologie der alten Kulturen von Ica. JA N. S. X (1913) 341 ff.

V

- R. Verneau et P. Rivet: Ethnographie ancienne de l'Equateur. (Mission du Service Géographique de l'Armée pour la

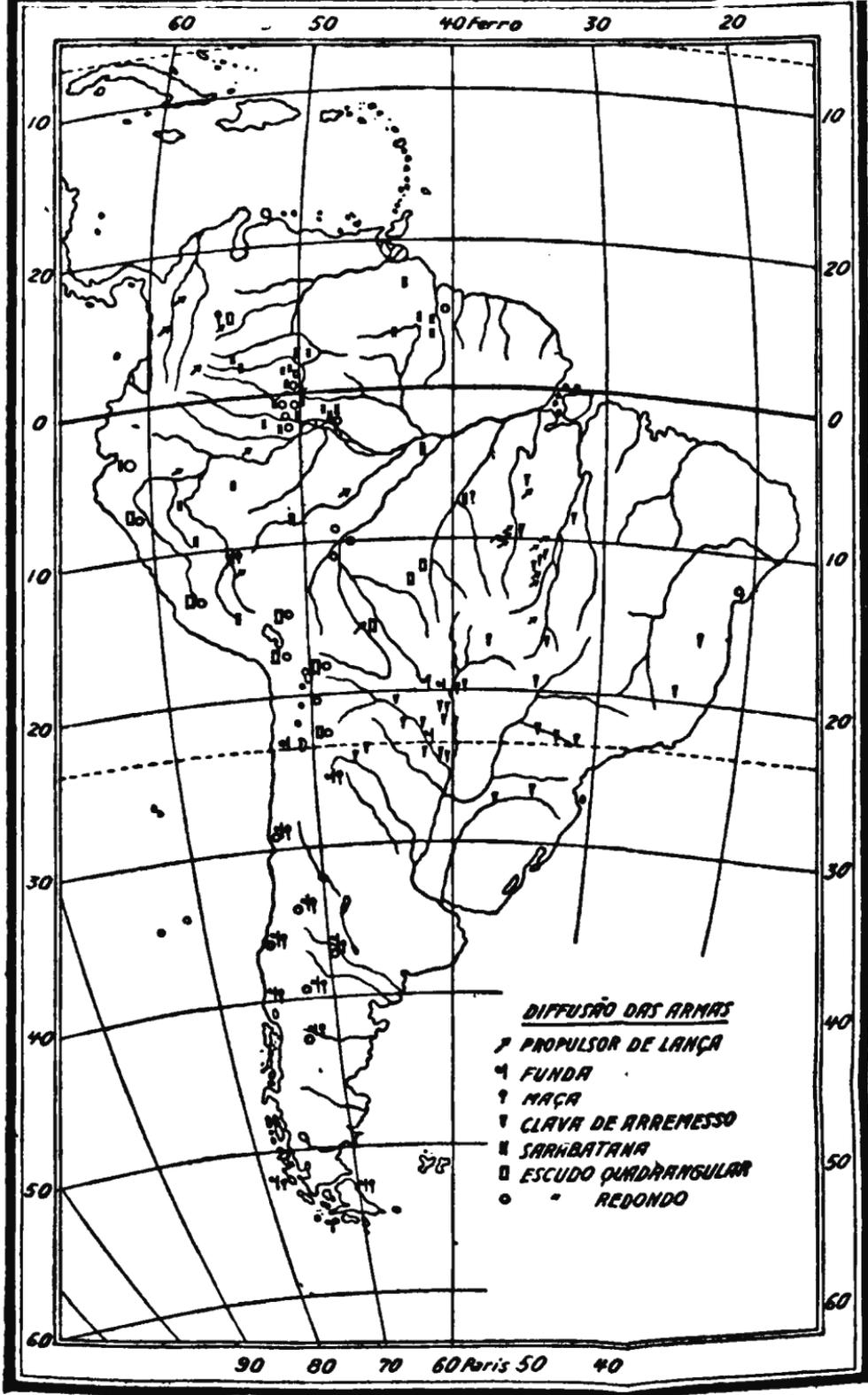
mesure d'un arc de méridien équatorial en Amérique du Sud 1899-1906. Tom. 6. 1 fasc.) Paris 1912.

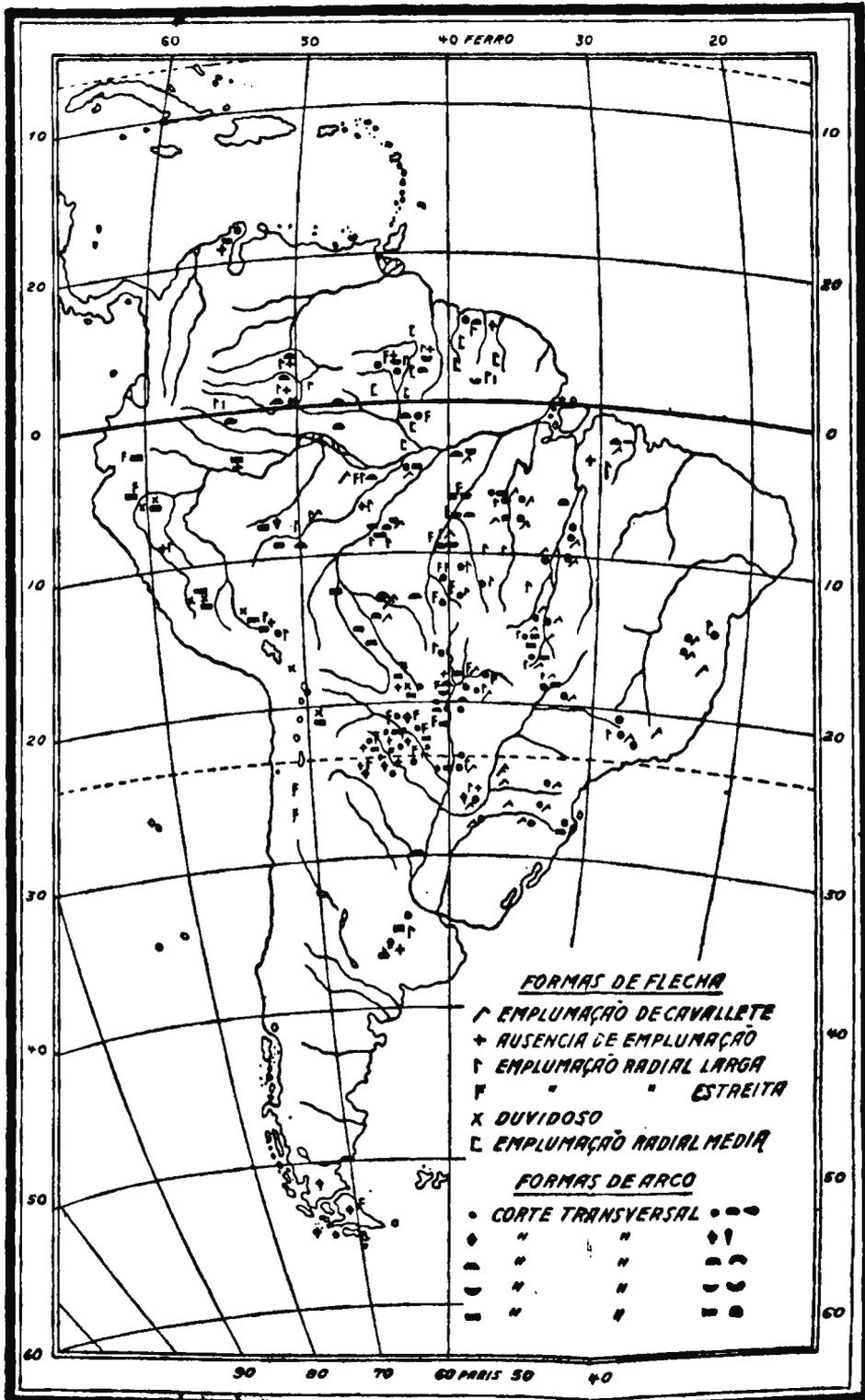
- P. Fr. Vogt S. V. D. I: Material zur Ethnographie und Sprache der Guayaki Indianer ZE XXXIV (1902) 30 ff.
- P. Fr. Vogt S. V. D. II: Material zur Ethnographie und Sprache der Guayaki-Indianer ZE XXXV (1903) 849 ff.
- P. Fr. Vogt S. V. D. III: Die Indianer des Obern Parana. MAW XXXIV (1904) 200 ff.

W

- Maximilian Prinz zu Wied-Neuwied: Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817. Frankfurt a. M. 1820-21. 2 Bde.
- Ch. Wiener: Pérou et Bolivie. Paris 1880.
- W. Wundt: Vorlesungen über Tier- und Menschenseele. 3. Aufl. Leipzig 1894.

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da
EMPRESA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.,
à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Com-
panhia Editora Nacional, em junho de 1942.





2. — Arco e Flecha. Sua difusão no continente Sul-Americano.



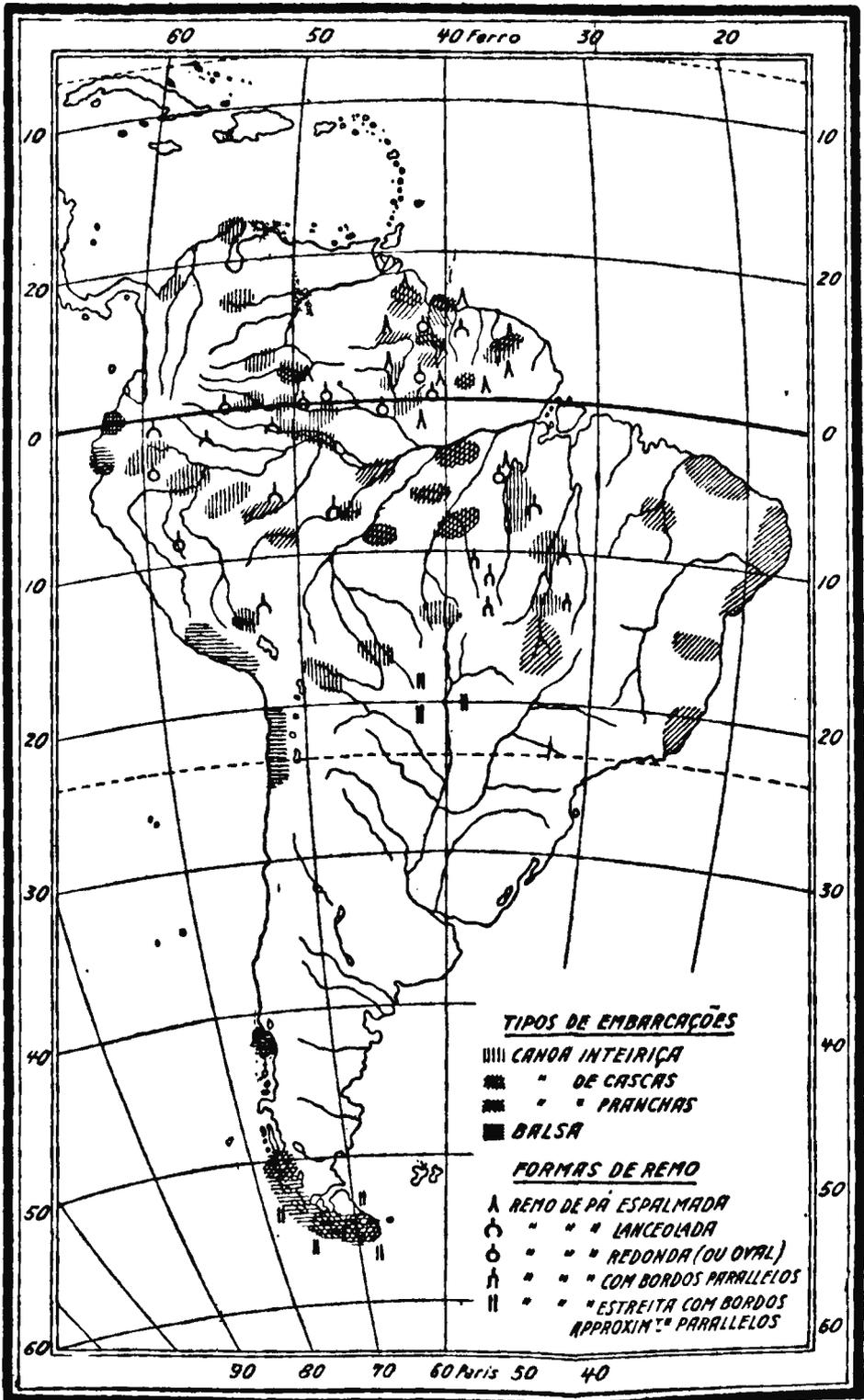
- B. — Bara
- BU. — Buhagana
- C. — Caua
- CH. — Chamacoco
- CO. — Cobea
- COL. — Colorado
- D. — Desana
- S. — Soloa
- T. — Tuiuca
- U. — Uanana

LEGENDA:

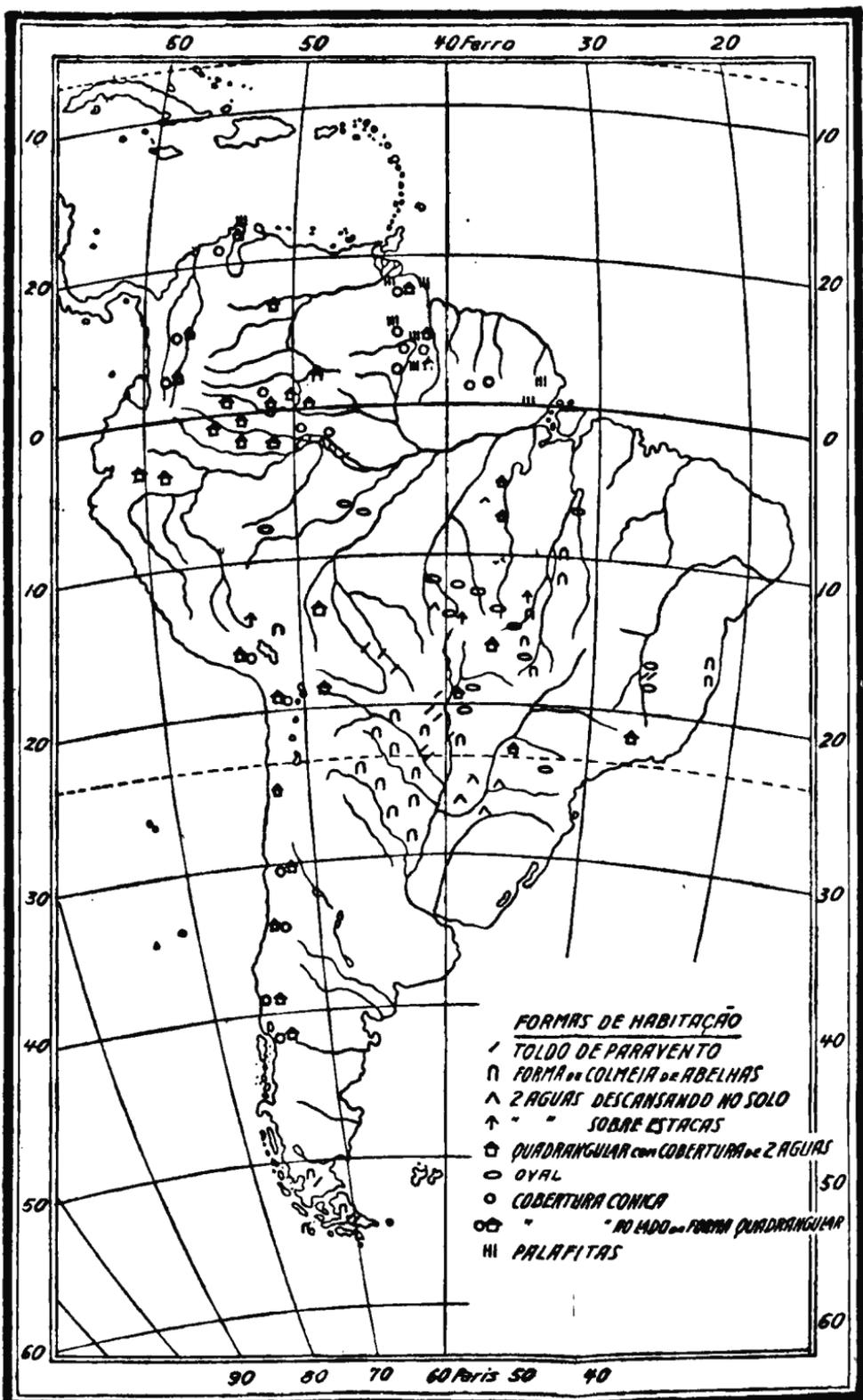
- 1. — Arauques
- 2. — Caribas
- 3. — Pano
- 4. — Betoia
- 5. — Ges e Puri — Coroados
- 6. — Tupi-Guarani
- 7. — Tribus do Chaco
- 8. — Patagões
- 9. — Araucanos
- 10. — Chibcha — Quechua
- 11. — Fueginos
- 12. — Tribus Primitivas Isoladas
- 13. — Charrua — Chana

LOCALIZAÇÃO DOS CIRCULOS CULTURAIS EM GRUPOS LINGUISTICOS NA AMERICA

- I. Circulo Cultural: As culturas primarias.
- II. Circulo Cultural: Culturas totemico-patrilineares.
- III. Circulo Cultural: Culturas exogamo-matrilineares. (Cultura de 2 classes).
- IV. Circulo Cultural: Cultura matrilinear livre. (Cultura do Arco).
- V. Influencia Cultural: Zonas culturais austronesias.



8. — Diffusão das formas de embarcação e de remo no continente sul-americano.



4. — Diffusão das Formas de Habitação na America do Sul

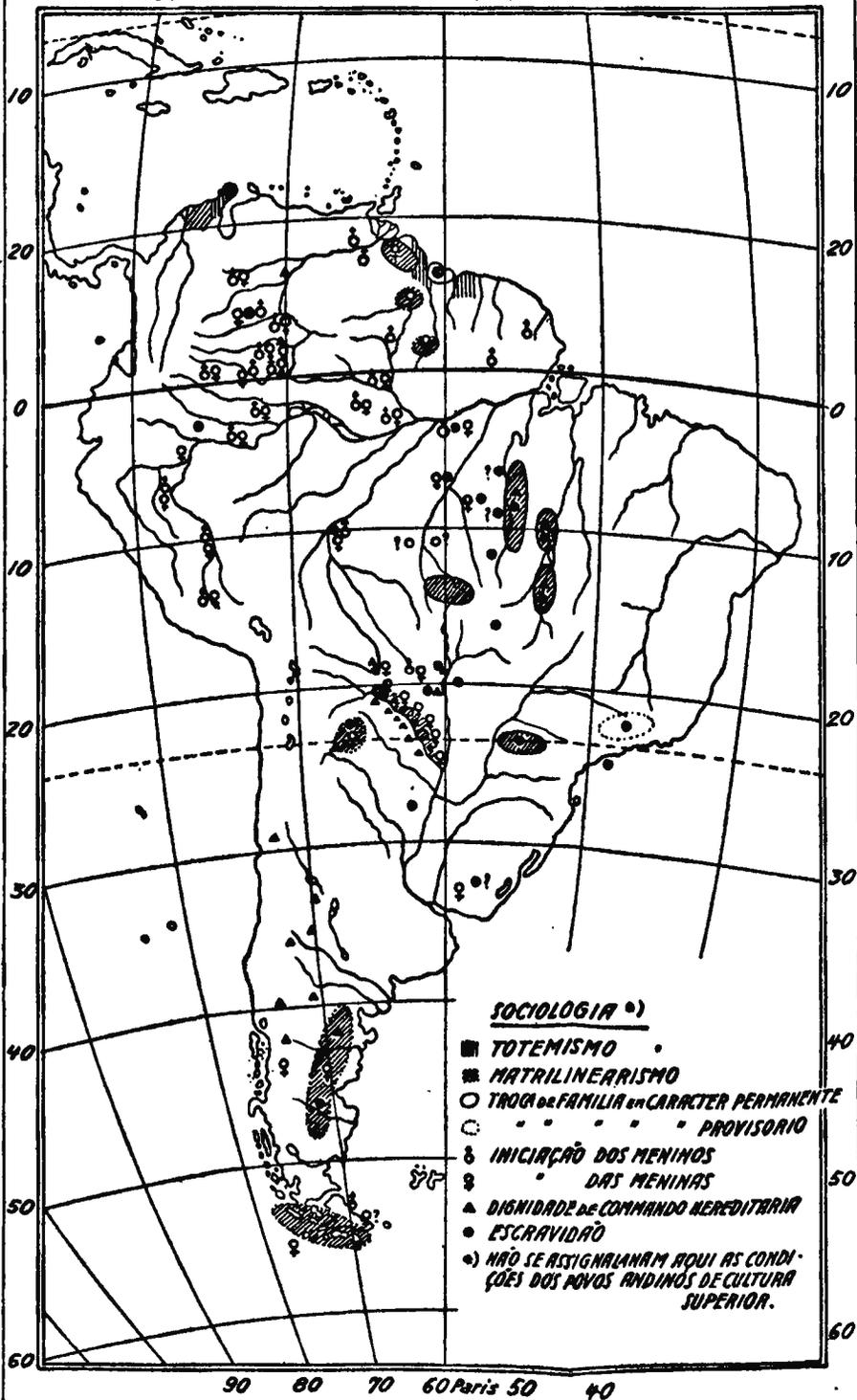
60

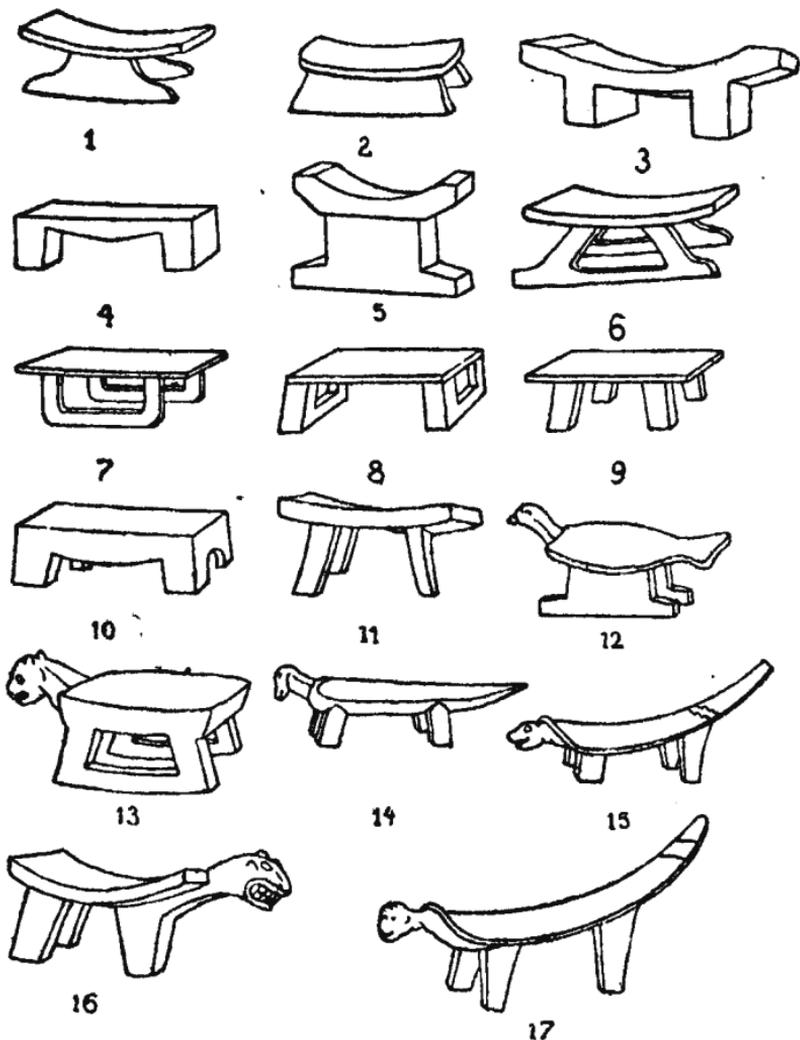
50

40 Ferro

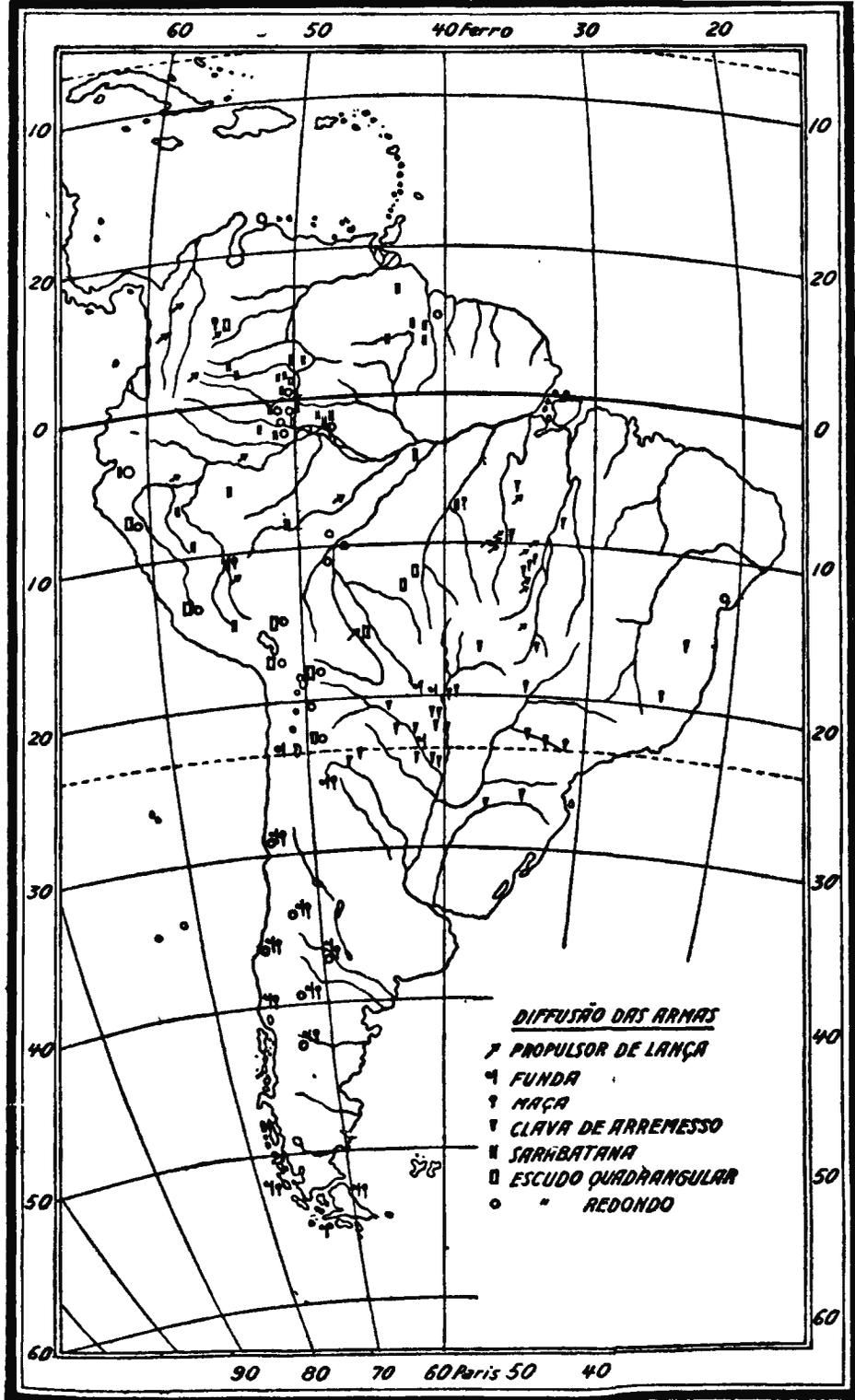
30

20





7. — Formas de Bancos Sul-Americanos (V. explicação á pg. 169)



1. — Diffusão das armas no continente sul-americano (Com exceção do Arco).